

LO CHIHUAHUA
ANAO

Igor José de Renó Machado



**o chihuahua
añao**

de Renó Machado

o chihuahu anão

Igor José



ÁPORO
EDITORIAL

2020

de Renó Machado

o chihuahua

añão

Igor José

O CHIHUAHUA ANÃO

Igor José de Renó Machado

PREPARAÇÃO DO TEXTO

Daniela Guanais

Taciana Gava de Menezes

REVISÃO

Daniela Guanais

Taciana Gava de Menezes

CAPA

Taciana Gava de Menezes

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Walklenguer Oliveira



ÁPORO EDITORIAL

Revisão, normatização e diagramação de obras acadêmicas, literárias e técnicas.

EDITORA/DIRETORA DE REVISÃO

Daniela Guanais

EDITORA/DIRETORA DE REVISÃO

Taciana Gava de Menezes

EDITOR/DIRETOR DE CRIAÇÃO

Walklenguer Oliveira

CONTATOS

aporoeditorial@gmail.com

Tel.: (16) 9 9206 4562

www.aporoeditorial.wordpress.com

facebook.com/aporoeditorial

instagram.com/aporoeditorial

São Carlos-SP

Este livro foi desenvolvido pela Áporo Editorial em 2020 e segue nossos compromissos éticos nas relações entre a empresa, os autores, os leitores e a sociedade, constantes no Manual de Práticas Editoriais da editora.

Para saber mais sobre nossas práticas editoriais ou solicitar a versão mais recente de nosso manual, entre em contato através de nossos canais de comunicação.

de Renó Machado, Igor José
O chihuahua anão / Igor José de Renó Machado. – São Carlos : Áporo Editorial, 2020.
130 p.

ISBN 978-65-00-02136-3

1. Antropologia do cotidiano. 2. Infância. 3. Parentesco.
4. Antropologia econômica. I. Título.

CDD: 301

COPYRIGHT © IGOR JOSÉ DE RENÓ MACHADO, 2020

COPYRIGHT © ÁPORO EDITORIAL, 2020

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU
EM PARTE, EM QUAISQUER MEIOS.

Sumário

Do blog ao livro	8
Parte 1	
Duas ou mais coisas que odeio	12
Parte 2	
99 smurfs e uma smurfete	40
Parte 3	
No lugar errado, na hora errada	50
Parte 4	
A anta, a capivara e alguns macacos	60
Parte 5	
Antropologia e mafagafos	74
Parte 6	
Tudo ao mesmo tempo agora	98
Parte 7	
Lá fora, todo mundo é uma ilha	124

Do blog

**Dochni nusa
hura**

**an
na
o**

ao livro

Este pequeno livro é a transposição de um blog que mantive entre 2009 e 2015, principalmente. O blog se chamava “o Chihuahua Anão”, nome mais bacana que já se viu num blog, quando eles eram moda. Era a ideia de um pequeno cachorro insignificante latindo para o mundo todo, como fazia Max, o meu chihuahua, que era realmente anão. Na verdade, era o chihuahua da minha irmã, mas era um membro da casa que nos acompanhou com muita fúria durante três anos. Problemas derivados do seu nanismo o tiraram de nós muito rapidamente.

O cenário da produção dos posts (que poderíamos chamar de crônicas sem nenhum embaraço) são os governos Lula II e Dilma I, principalmente. Uma parte dos textos versa sobre a política naquele momento, principalmente a cobertura da mídia. Acho que já observávamos ali um embrião do ultraconservadorismo que vemos explodir nos dias atuais. Só que agora, ironicamente, engolindo a própria mídia que o criou.

Outros temas também retiveram minha atenção: discussões sobre racismo, preconceito e estereótipos, questões sobre o pensamento antropológico, pequenas explicações historiográficas de temas menos conhecidos. Há também uma série de reflexões sobre o crescimento de meus filhos. Muitos posts são derivados da experiência complexa de educar crianças nesse mundo insano. E há também espaço para reflexões muito estapafúrdias, ou ousadas, conforme o humor do leitor. Havia ali naquele momento uma vontade de experimentação que se concretizou em algumas reflexões bem arriscadas e inusitadas.

Essa experiência de escrita foi importante para minha formação como antropólogo, testando limites para nossa forma de expressão usual em artigos, teses, projetos, arguições. Foi um exercício de libertação, sob certo ponto de vista. Isso se vê na linguagem solta, em alguns momentos chula, nos palavrões. Senti-me livre para antropologizar em estilo rústico, digamos assim. Usualmente trazemos o vernáculo chulo dos nossos interlocutores para o texto, mas nunca fazemos o mesmo com nosso próprio vernáculo chulo. Aqui a antropologia foi simétrica com minha própria fala e formas de expressão usuais.

Este pequeno livro, então, se origina da transposição do blog, e isso implica algumas perdas. Em primeiro lugar, não temos as imagens que acompanhavam cada

postagem, já que usei livremente coisas da internet, das quais não tenho o direito de reprodução em papel. É uma pena, já que o diálogo com as imagens era um estilo do blog, que sempre lidava muito ironicamente com a relação entre elas e o texto. Frequentemente, usava imagens com legendas engraçadas e isso produzia um contraste produtivo. Aqui ficaremos apenas com o texto, infelizmente.

Embaralhei temporalmente os posts, além de reorganizá-los em temas. A temporalidade cronológica do blog foi abandonada, não faria muito sentido num livro, mas fazia no mundo digital. Também perdemos algo nisso, mas procurei manter uma certa sucessão cronológica de posts quando era necessário para entender do que estava falando.

Além disso, especialmente para este livro, produzi mais 5 crônicas inéditas sobre a quarentena causada pelo coronavírus e sua consequente doença, a COVID-19, em 2020. Trabalhando nas provas do livro em plena quarentena, a editora me desafiou a escrever algo novo para fechar a obra. Achei a proposta interessante, e na mesma hora sentei e escrevi as 5 crônicas de uma vez, coisas que já estavam no meu radar de antropólogo aleatório. E quando se está em quarentena, só se pensa nisso. Portanto, fecho o livro com algumas narrativas para quarentenados do século XXI, no mesmo espírito do Chihuahua.

Muitos textos aqui são referências a outros textos, alguns ainda disponíveis online. Neste caso, mantive os links em nota de rodapé; outros, porém, a que faço referência não estão mais disponíveis, obrigando o leitor a acreditar no que eu escrevo sobre eles. Paciência. Em outros momentos, foi preciso inserir pequenas explicações de contexto, de forma a dar mais sentido para o texto. De qualquer forma, descontando estas situações, preferi manter os textos o mais próximo dos originais, esperando trazer algo da vitalidade que sentia ao produzir essa antropologia aleatória.

O espírito do livro é a produção de uma antropologia aleatória. Na minha cabeça, a antropologia aleatória é o resultado de levar um olhar antropológico para todos os lugares, mesmo os mais inesperados. É também uma espécie de antropologia total, antropologia de tudo, da vida como experiência antropológica. É nesse sentido que ofereço aos leitores uma antropologia aleatória do Chihuahua Anão.

Duas ou mais

PARTIE 1
OPŠUNŠ

арыарыуао

coisas que odeio

03/11/2009 Sex and the city e o controle fiscal

É uma espécie de esporte antropológico comparar coisas aparentemente incomparáveis.

Então, vamos lá, dando seguimento ao hábito. Semana passada, se você não estava fora do país e ligou a TV, internet, abriu jornais etc., fatalmente se deparou com alguma manifestação da ideologia fiscal radical. Reportagens sobre o descontrole nos gastos do governo, sobre como um ajuste fiscal desoneraria a taxa de juros. Num dos dias da semana, quando o governo divulgou o déficit em conta-corrente do mês, não foi possível fugir dos engomados criticando os gastos do governo em custeio (que horror! Aumentos para funcionários públicos) e como isso nos levaria para um buraco sem fundo e sem investimento. Eu tentei fugir, mas foi difícil. Então, caí no filme do Sex and the city (SATC) e achei ter escapado. Mera ilusão!!! Assistindo àquele manual de consumo desenfreado e de moral baseada em bolsas muito caras e vestidos de grife, achei que estava no mesmo diapasão que os engomados-arautos-do-equilíbrio-fiscal. É que o filme do SATC me parece como um dos últimos gritos ideológicos dos EUA pré-crise global de 2008. Quando se deveria e se podia falar de consumo desenfreado (hoje, bom, talvez não seja tão fácil nos EUA). Achei o filme ultrapassado, falando de algo que era difícil de engolir, exatamente como o discurso padrão dos engomados (alguém diria “cabeças-de-planilha”). E o bombardeio de reportagens sobre o ajuste fiscal me pareceu uma forma da “opinião pública(da)” se convencer de novo de que as mesmas regras ideológicas estão valendo. Mas elas não estão, isso é um fato: as coisas mudaram. Assistir ao jornal das 10 da GloboNews e assistir ao SATC dá na mesma: uma sensação de naftalina (de naftalina rancorosa, como o artigo do FHC no feriado de finados).

02/02/2010 Um desenvolvimento desumano?

Duas coisas me fazem temer o tipo de desenvolvimentismo que ora está em pauta. Mas, antes, é bom afirmar que sou esquerdoso e não votarei no Serra (nem em ninguém da união demo-tucana).¹

As duas coisas têm relação com o métier do antropólogo e vêm da FUNAI, de alguma forma. A primeira é o licenciamento da Usina de Belo Monte e a segunda é o decreto de reformulação da FUNAI, assinado semanas atrás.

Começemos pela segunda. A FUNAI foi reestruturada, mas isso deu um grande e enorme rolo. Até agora há índios acampados e protestando contra a decreto em frente ao congresso. É uma dessas situações pantanosas, com interesses de todos os lados, na qual é muito difícil tirar um cenário isento. Algumas poucas organizações indigenistas se manifestaram a favor (como o ISA²). Várias se manifestaram contra, como o CIMI. O sindicato dos funcionários da FUNAI se manifestou contra. Muitas associações indígenas se manifestaram contra o decreto (confira uma lista de manifestos no Blog do Mércio³).

Há duas coisas claras nos protestos: os índios temem que a reestruturação tire os agentes da FUNAI de perto (houve extinção de postos da FUNAI) e reclamam por não terem sido consultados em momento algum. A FUNAI se defende, dizendo que ninguém será abandonado e que apenas os nomes mudaram, mas a assistência continuará operando. Parece que os índios não estão acreditando muito, tanto que estão lá protestando.

No caso de Belo Monte, já sabemos que a FUNAI concedeu rápida e celeremente a autorização para construção com um parecer técnico absolutamente frágil. Com esse parecer, o IBAMA pode dar seguimento ao processo de licenciamento ambiental. Em relação a esse processo, todos (eu disse TODOS) aqueles que têm alguma relação com as populações indígenas se manifestaram contra. O parque do Xingu vai sofrer misérrimas com a construção de Belo Monte, será um desastre étnico de proporções coloniais.

Nos dois casos me preocupa uma coisa que alguns dos envolvidos têm manifestado: a direção da FUNAI tem agido como uma correia de transmissão desse novo projeto desenvolvimentista (por isso parece ter tanto apoio de Lula), a principal incumbência é não atrapalhar, dar celeridade aos processos, tirar obstáculos da frente.

1 Em 2010, as eleições presidenciais brasileiras resultaram numa disputa entre Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB).

2 http://www.socioambiental.org/nsa/direto/direto_html?codigo=2010-01-14-113604.

3 <https://merciogomes.blogspot.com/2010/02/povos-indigenas-de-altamira-lancam.html>.

Os obstáculos, no caso, são as populações indígenas. Temos uma FUNAI trabalhando contra os índios. O decreto aprovado, por exemplo, é prenhe dessa concepção e trata de “desenvolvimento indígena” (*hello*, como assim? É por decreto que determinamos como os caras devem viver? Mas eles não têm direito de ser diferentes?).

Se esse desenvolvimento que está por trás da Dilma é assim, sinto dizer, é desumano. Passa por cima das populações mais vitimizadas por todos os desenvolvimentos brasileiros, e passa por cima como um trator. Tenho tido cada vez mais problemas para compactuar com esse tipo de rolo compressor e acho difícil ignorar. Como antropólogo é difícil, e talvez seja mais fácil para outros brasileiros pagar esse preço (porque pimenta nos olhos dos índios é refresco, e se o ar-condicionado estiver funcionando daqui a 20 anos, tudo bem). E eu não quero votar na Marina, que virou uma sucursal demo-tucana (e esses não têm nenhum problema com esse tipo de desenvolvimento).

Vai aqui um grito de desilusão com o que vem por aí. O desenvolvimento desumano.

03/09/2010 Cotas, a direita e a esquerda

O Chihuahua Anão é amplamente favorável às cotas raciais para estudantes negros. Pessoalmente, até tive a oportunidade de realmente votar a favor dessa política na UFSCar (à época, participava de um órgão deliberativo). Mesmo que minimamente, participei dessa história de maneira efetiva. Foram reuniões muito tensas, e outra hora conto essa história.

Reconheço que haja pessoas bem-intencionadas e de bom coração que sejam contrárias a essa política, mas, na boa, sempre o são por razões muito estúpidas. Pessoas de esquerda, então, que são contra as políticas de cotas me assustam na sua incapacidade de ver criticamente os processos sociais. São ingênuos, por um lado, ou – é triste dizer – racistas inconscientes por outro.

Que a direita seja contrária às políticas de cotas é meio óbvio. Os caras são conservadores porque querem, basicamente, conservar. E você sabe, reserva de cotas retira vagas dos filhos dos caras, então eles vão ser contra mesmo. Políticas de cotas distribuem oportunidades de vida, mas para fazer isso retiram de outros a mesma oportunidade (no caso, de brancos). As falas entorpecidas do Demóstenes ou a posição reacionária do Magnoli (que chegou a criticar o historiador Luiz Felipe de Alencastro de imprecisão historiográfica num artigo na Folha⁴ de hoje... A que ponto chegamos: um intelectual (?) genérico como o Magnoli se pretendendo mais historiador que o

4 Veja uma transcrição do artigo aqui: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/jornalismo-delinquente-e-cotas/>.

Alencastro.) são manifestações da vontade da direita de conservar e continuar a ser preconceituosa.

Uns otários aí acreditam nos “bons argumentos” para ser contra as cotas. Um deles é ventilado por muitos colegas antropólogos: dizem que nosso sistema social não é racializado e que inserção das cotas vai produzir a racialização e transformar o Brasil em algo próximo aos EUA.

Ah, então tá. Tem uns carinhas aí achando que isso é ciência social, mas é futurologia tipo a dos astrólogos. Quem pode prever o que vai acontecer? Mas a estupidez maior desse argumento é ser profundamente antiantropológico: tipo, os caras fazem uma política num país profundamente dividido racialmente (nos EUA) e depois disso o país continua, bem, profundamente dividido racialmente (só que uns negros lá agora ganham um espaço econômico). Então, se a gente fizer aqui, num país que não é tão dividido racialmente (coisa na qual não acredito) uma política de cotas, o que vai acontecer? Ora, claro, vai transformar o país num lugar racialmente dividido. Que tipo de lógica é essa? Quem falou que uma política de cotas pode causar a transformação de uma tradição cultural do país e transformá-lo num grande EUA? Que tolice. Nada indica que aplicar uma política significa americanizar. Que baboseira.

Agora, então, nosso país não é dividido racialmente? Por que diabos o crescimento econômico não acaba com a discrepância de rendimentos entre brancos e negros?⁵ Para mim, o Brasil é uma grande ação afirmativa para brancos e ninguém reclama disso, se for branco. Os caras de esquerda que acham que basta resolver o fosso entre as classes para resolver o problema racial são toscos e cegos: olhem as estatísticas e parem de brigar com os fatos. O fosso entre brancos e negros não se resolve com políticas sociais genéricas. Têm que ser específicas, para atingir uma população em situação de desvantagem estrutural.

Outro argumento, menos estrutural e mais capcioso, é de que vamos apenas criar uma pequena elite negra, como nos EUA. Sei lá se isso aconteceu nos EUA, mas aqui isso não vai rolar. Porque todas as políticas de cotas aqui no Brasil são primeiramente sociais. Reservam-se vagas para uma porcentagem de pessoas pobres (ensino médio público), e dessa porcentagem uma parte é reservada aos negros. Então não haverá a criação de elites, a política é sempre distributiva. Se o cara negro estudou e ficou rico, seus filhos não poderão acessar as cotas (terão estudado em colégios particulares). A política só atinge negro e pobre.

E sim, as políticas são pensadas como transitórias, enquanto o tal fosso existir.

Claro que essas mesmas políticas estão sujeitas a inúmeras tolices, como é o caso dos tribunais de cor que se instalaram em alguns lugares (para decidir se fulano é negro ou não). Não há outra forma de lidar com a classificação que não seja a autodeclara-

5 O PIB de 2010 foi de 7,53%.

ção. As pessoas têm que aceitar isso e admitir que isso dá margem à fraude. Paciência, é um preço que se deve pagar.

Claro que a pressão social é horrível se um cara que é branco, mas mente que é negro, decide fazer uma graduação com base no truque. Isso vai marcar o cara para sempre. Imaginem uma entrevista de emprego: “você foi aluno cotista?”, e o cara é branco para caramba. Não vai rolar o emprego.

Mas uns manés aí insistiram em criar tribunais de autenticidade, que são coisas desvairadas. Houve o caso de uma aluna aqui na UFSCar que chegou a apresentar um laudo de uma dermatologista para provar que era negra. O tribunal suspeitou dela. E o tribunal, da forma mais idiota, exigia algum documento que comprovasse a negritude, sendo que o edital falava apenas em autoidentificação.

Basicamente, lutando contra os erros na sua execução, a política de cotas é absolutamente fundamental para termos um pouco mais de justiça social neste país. Lembro-me, porém, de uma ex-colega de um departamento no qual trabalhei. Ela era de esquerda e, quando começou a discussão sobre cotas, me disse: “mas justo agora que minha filha vai prestar vestibular?”. Você vê, não é só a direita que é conservadora.

11/03/2010 Negros, mestiços, pretos ou pardos

Outra conversa fiada comum aos críticos das cotas é a defesa do direito à definição identitária de “mestiço”, “mulato” ou “pardo”. Como as cotas são para negros, bom, tem-se aí o desaparecimento cínico dos mestiços, a negação da essência mesma da definição da brasilidade. Um bom aluno levantou essa bola num comentário ao post anterior.

Sobre isso, tenho coisas a dizer, bem como as disse em plenárias que decidiram pelas ações afirmativas na UFSCar.

1) Embora as cotas sejam para negros, a definição de “negro” nos editais dos vestibulares com cota é como a que segue: “Alunos negros, ou seja pretos ou pardos”. Os editais usam as categorias do IBGE, claro. Assim, se o cara se sente mulato, mestiço e pardo, pode acessar as vagas sem problema, inclusive sem problema identitário. Pode dizer que é mestiço e ter direito legítimo à vaga por cota.

2) A galera que fala que a inserção da categoria “negro” vai causar um caos social por eliminar o mulato está, basicamente, delirando. Mas poderíamos evitar esse problema, se chamássemos as cotas para negros de cotas para pretos e pardos. A gente sabe que

nomenclatura é importante, mas aqui é um grande exagero: o nome “negro” instauraria o caos racial. Será uma outra forma de racismo?

3) Isso não quer dizer que não haja um problema aí. Há. Para mim ele é muito claro. Quando as cotas são para pretos ou pardos (indistintamente), colocamos para concorrer às vagas por cota pretos e pardos. E aí a porca torce o rabo, porque sabemos, por milhares de estatísticas (que cétricos dizem que são inventadas maquiavelicamente por analistas do IBGE aliados ao movimento negro, ou até mesmo por militantes infiltrados nas hostes acadêmicas), que pretos têm menos renda que pardos. Quando se colocam as duas categorias juntas para uma política só, é bem provável que atinjamos mais pardos que pretos, pois os primeiros terão, estatisticamente, mais condições de competir.

4) O risco é justamente não atingir o público que mais precisa de oportunidades: os pretos. Por isso, defendendo e defendi que parte das cotas fossem destinadas a quem se define como preto, e outra parte para os pardos. Acho uma boa ideia que haja mais cotas para pretos, um pouco menos para pardos (a conta é uma coisa para quem entende de números e pode ponderar os dados de exclusão, e também uma coisa política, de investir numa população mais carente). Assim, evitaríamos um risco de exclusão dos pretos no seio das cotas para negros (pretos + pardos).

5) Mas é preciso ser muito tosco para achar que isso inviabiliza toda a política de cotas. Ela exige um acerto de sintonia nessas políticas, isso sim. Por isso, quando tive o ponto de vista derrotado em assembleia, passei a defender as cotas para negros (pretos + pardos), que continuam fundamentais. Acredito que análises sobre o impacto das medidas poderão produzir esses ajustes que me parecem necessários. Ou não, de repente pode ser que haja uma distribuição equânime de pretos e pardos no interior das cotas.

6) Continuo assombrado com os caras de esquerda que são contra as cotas, cada vez mais. Agora parece que pegou essa coisa de duvidar das estatísticas (“mas os dados estão inflados”). E aí eu penso que esses caras se colocam ali lado a lado com o Kamel, com o Demóstenes, com o Magnoli, com o Reinaldo (cruz-credo) Azevedo. Não estranham esse emparelhamento de ombros?

19/03/2010 **Transparência, invisibilidade**

Primeiro: não sou flamenguista. Até entendo que alguns insistam nisso, mas enfim...

Contudo, o ataque do Flamengo nos deu lições de sociologia aplicada, lições que a nossa justiça não entendeu em outro caso. Primeiro, espetacularmente, vimos o Adriano⁶ desmontando uma bomba-relógio: o cara simplesmente confessou uma briga de casal, expôs o problema, lamentou, admitiu a dificuldade para lidar com as emoções etc. De uma hora para outra, o sujeito que era pintado como alcoólatra irresponsável na mídia esportiva virou um grande amigo de todo mundo, contando seus problemas de uma forma incrivelmente honesta. Quando trouxe à luz os problemas que deveriam ser de ordem privada, desmontou a capacidade da mídia de criar monstros em cima do “escondido”.

Na mesma semana, Vagner Love⁷ admitiu ter estado numa festa na favela e que havia traficantes armados por lá. Então, alguém não sabia disso? Até as pedras das ladeiras de Kinshasa no Congo sabem disso (ok, sei lá se Kinshasa tem ladeiras, mas deve ter pedra). Todo mundo sabe que muitas favelas são governadas por traficantes. E todo mundo sabe que qualquer coisa que aconteça nesses lugares conta com a presença dos soldados do tráfico. Então, se há uma festa por lá, todo mundo sabe o que está acontecendo. Mas ninguém pode ver na mídia, esse é o problema. Quando o Love foi para a festa e um vídeo dele andando cercado de dois caras armados passou a ser divulgado, foi aquele barulho. Basicamente, é o contrário do que aconteceu com o Adriano: essas coisas ninguém deveria ver. É uma vergonha quando as evidências da ausência do Estado se materializam.

A resposta do Love foi incrivelmente sincera: eu sou da favela, vivi lá, frequento aquele lugar. Aquele é o lugar dele, oras. E isso quer dizer: sempre convivi com os soldados do tráfico, como qualquer morador de favela. E ninguém sai na mídia porque foi em festa que tinha traficante armado na favela, a não ser que seja o Vagner Love. Aí não pode: vai ser investigado pela polícia civil. Cometeu um crime horrível: deu visibilidade à incapacidade do Estado. Tornou visível o que deveria ser invisível.

Enquanto dois homens públicos e de origem humilde expunham sinceramente suas vidas, com efeitos opostos, o Estado expunha também uma terrível dialética visível/invisível: retirava de uma mãe cigana seu filho, à força, em frente às câmeras.

6 O jogador Adriano, “o imperador” (Adriano Leite Ribeiro), jogou no Flamengo entre maio de 2009 e maio de 2010 (na sua segunda passagem pelo clube).

7 O jogador Vagner Love (Vagner Silva de Souza) jogou no Flamengo entre janeiro e julho de 2010, em sua primeira passagem pelo clube.

Em Jundiaí, o juiz da Vara da Infância e da Juventude determinou que a criança fosse retirada da mãe, pois esta estaria utilizando-a para conseguir esmolas (estaria “visibilizando” a criança, que não poderia ser assim explorada).⁸ A decisão foi tomada por conta de uma denúncia anônima, mas muitos confirmaram que ela estava apenas lendo mãos (não pedia esmola) e levava seu filho no colo.

Foi um ato de preconceito: os ciganos, vitimados por um preconceito que os delega a uma invisibilidade total, quando apareceram foram imediatamente cerceados pelo poder público. Um filho tomado dos braços em instantes. A sorte da mãe cigana foi ter sido filmada perdendo o filho, imagem que sensibilizou quem tem algum coração. Depois da repercussão, o mesmo juiz determinou a devolução da criança (a mãe cigana teve assistência jurídica de entidades que se sensibilizaram).

O fato é que se as câmeras não tivessem filmado a separação, a mãe cigana ainda estaria chorando pelo filho. Imaginem quantos não sofrem por infringir leis não escritas de visibilidade/invisibilidade? O ataque do Flamengo, de alguma forma, produziu um curto-circuito nessas regras, expondo o que não deveríamos ver, com efeitos distintos. O ataque do Flamengo nos faz ver melhor o que aconteceu com a mãe cigana.

22/04/2010 Belo Monte de contradições

Então, que coisa!

Eu tenho visto jornais na TV, tenho esse hábito masoquista. Mas quando as coisas se concentram em torno de Belo Monte, bom, aí meus inimigos viram os aliados. Estranho, né? Na verdade, não é. Belo Monte é um erro, já disse isso aqui em outro post. É um erro porque vai secar a curva grande do rio o suficiente para prejudicar toda uma miríade de populações indígenas que dependem do Xingu cheio para viver a seu modo. Essa galera é contra o projeto e promete dar bordunada por aí. Já avisei, tem kaiapó no meio, isso vai dar merda. Belo Monte traz o pior da Dilma: o desenvolvimentismo desumano, atropelador, autoritário (ainda vou votar nela, relaxa). E é um erro do caralho empurrar Belo Monte pela garganta dos mais oprimidos nesse país. Tudo para poder dizer que está lutando contra o apagão etc., PAC etc.

E a galera reaçã da TV entendeu que aí tem um pepino para a Dilma. E o jornal ficou o tempo todo criticando o projeto de Belo Monte: é pouco rentável, a energia produzida não compensa, vai prejudicar um monte de gente etc. A pergunta dos caras: “por que agora?”, “por que não deixar para o próximo presidente?”. Legal, né? Ok, é

8 <https://extra.globo.com/noticias/brasil/crianca-retirada-forca-de-mae-cigana-em-jundiai-sp-chora-muito-em-abrigo-101371.html>.

conversa fiada: se o Serra ganhar, no dia seguinte vão falar das virtudes do projeto, fodam-se os índios, que o país precisa de energia etc. E vão fazer *lobby* para ter outro leilão e as construtoras amigas entrarem no projeto (com um preço muito mais caro). Mas se as lágrimas de crocodilo dos caras ajudarem a empacar Belo Monte, estou dentro. É isso aí, galera. Mesmo que por motivos torpes, quem é contra Belo Monte é meu amigo.

E o incrível é ver a galera da esquerda dizendo que o bafafá contra a Usina era coisa de ONG e gringo, como o Cameron. Cara, é discurso de milico isso: a ameaça externa, gringos e ONGs contra o desenvolvimento do país. Pelamordedeus, vou ficar ouvindo discurso reacionário da galera da esquerda? E com os mesmíssimos argumentos (?) que a direita mais espetada usa para desqualificar vozes legítimas. Então agora os índios são uma espécie de marionete de interesses imperiais? Continua o preconceito: os índios não são vistos como portadores de pontos de vista, mas apenas como espelhos que refletem outros interesses. Putaquepariu, ninguém merece.

Nesse negócio aí a direita vem com discurso libertário e a esquerda com discurso de milico sete-cruzes, guardadas as devidas ponderações não maniqueístas que não cabem num blog de meia-tigela como este.

02/05/2010 Antropologia sob ataque

Cara, a direita é muito mané.

Primeiro, por conta de Belo Monte, estavam inspirando um sentimento pró-índios prejudicados pela construção (como no Fantástico da semana passada). Os caras foram até os xicrin kayapó (onde minha amiga Clarice Cohn mantém conexões há anos) ver o ponto de vista dos prejudicados. Claro, como disse num post anterior, os caras da direita não estão realmente preocupados com os índios, estão é querendo atacar a Dilma, e usam o erro que é Belo Monte: colar na candidata a pecha de autoritária e desumana, além de levantar dúvidas sobre o processo de licitação.

Poderia até colar (e quem sabe forçar a um recuo em Belo Monte), mas os caras são muito manés. Logo em seguida, vem uma reportagem idiota da Veja⁹ (tá bom, foi um pleonasma) acusando a antropologia de gerar “novos índios”, de montar uma fábrica de demarcação de terra a serviço de ONGs do mal (o discurso reacionário básico). Mas como os caras são muito, muito manés, colocaram na boca do Eduardo Viveiros de Castro (EVC) palavras que ele não disse.¹⁰ É incrível, o EVC é O cara da antropologia

⁹ Veja uma reprodução da reportagem aqui: <http://alertabrasiltextos.blogspot.com/2010/05/farra-da-antropologia-opportunista.html>.

¹⁰ <https://centrodeestudosambientais.wordpress.com/2010/05/04/direito-de-resposta-a-veja-2-por-viveiros-de-castro/>.

brasileira E mundial. Será que não se ligaram que essa mentira teria pernas curtas? Pegam justo o cara mais importante e mandam umas borrachas na boca dele, que estupidez. Que, aliás, é o que se espera da Veja. Mas é sempre possível que os caras coloquem o jogo num patamar ainda mais ridículo. Há também aquele documentário do José Padilha (“Os segredos da tribo”), que eu não vi, mas que parece ir na mesma linha de vilanização (pegue uns dois exemplos de calhordas e generalize para todo mundo). Mas, bom, pode ser que não seja assim, quando o vir digo alguma coisa.

Por que a direita é mané? *Well*, porque quando articula um discurso que pode prejudicar a Dilma (a autoritária que atropelou os índios) já dá uma bordunada na própria tese, com esse discurso antiantropológico que, no fundo, é um discurso anti-índigena e contrário às demarcações de terra. E tudo na mesma semana, incrível. No post anterior, já avisava que o discurso pró-índigena era falso e oportunista, mas não esperava ver os caras expondo assim tão imediata e claramente a verdadeira opinião sobre os índios no Brasil.

E o resultado disso é um ataque à antropologia por todos os lados.

03/11/2009 Antropologia sob ataque 2

E houve mais um lance nessa história da Veja x EVC. E como o NPTO¹¹ havia comentado nesse post anterior, os caras tiveram a manha de colocar o EVC de ponta-cabeça e colocar na boca dele exatamente o contrário do que ele escreveu.

Faça assim: leia o texto do EVC que gerou a falsa interpretação da revista,¹² depois leia a reportagem da Veja (na nota 9), depois dê 5 minutos de risadas em homenagem à estupidez dos repórteres da revista. Eles não entenderam. Tem gente que vai achar que é má-fé, que eles entenderam o texto e distorceram de propósito. Eu acho que é má-fé, mas eles realmente entenderam tudo errado. Imaginaram que estavam diante de um texto que confirmava o que queriam dizer (que tem índio demais no Brasil, no fim das contas) e colocaram lá as batatadas.

Que beleza!!! Aí têm que escutar o autor do texto dizendo que eles fizeram tudo errado.

O tal texto do EVC é, no fundo, uma crítica ao posicionamento do Mércio Gomes, ex-presidente da FUNAI, a respeito de uma fala deste último reproduzida no

11 NPTO era o nome do Blog de Celso Rocha de Barros (na prática a teoria é outra), interlocutor usual naquele momento (Celso foi meu colega de graduação e depois ainda escrevemos livros juntos).

12 https://www.pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf.

Estadão em 2006. EVC teve o cuidado de duvidar, à época, da veracidade da transcrição do Estadão. O que EVC queria era se colocar contra a posição do Mércio naquela suposta transcrição, que a Veja também utilizou na mesma reportagem. Só que, pasmem, os caras tiveram a capacidade de achar que a posição do EVC era a mesma do Mércio. Que beleza!

Não bastasse isso, o próprio Mércio, em seu blog,¹³ espinafra a tal reportagem, colocando-se contrariamente a tudo que ela diz.

Ou seja, os caras erraram em tudo.

22/05/2010 A higienização contra os pobres

Aqui em Ribeirão há um shopping com uma espécie de cercadinho simbólico para pobres. Funciona assim: você entra pelo supermercado e, quando quer passar deste ao shopping, encontra uma minipraça de alimentação. Essa praça funciona como um limite não declarado: a galera menos abastada acaba não passando dessa pracinha de alimentação e não adentra o shopping.

Ano passado, por conta da gripe H1n1, colocaram uns stands com álcool gel para galera limpar as mãos. O gel ficava entre o supermercado e a pracinha de alimentação. Muito higiênico: você limpa as mãos antes de comer.

Esse ano tiveram uma ideia brilhante para acentuar o cercadinho social e, de quebra, fizeram uma declaração sobre a higiene dos pobres: os caras moveram os stands de gel para além da pracinha. Assim, se você for comer na pracinha, não acha o tal gel por perto. Ele foi deslocado para um novo limite simbólico de “começo” do shopping, isto é, depois da pracinha.

Ou seja, a higiene só é necessária mesmo para os que não ficam retidos no cercadinho simbólico: higiene não é coisa para pobre no shopping.

Isso me lembra a minha adolescência em Itajubá, em Minas. Na época, tudo começava a acontecer na praça. E a praça, pública, era intensamente marcada por limites não ditos, mas relativamente respeitados: cada canto era de uma classe social e/ou etária. Todos os embates aconteciam (e eles aconteciam) quando as pessoas cruzavam os limites.

Agora não bastam os sentidos não ditos: as fronteiras estão sendo explicitadas. Isso é resultado de uma mudança: é que, ultimamente, a galera do cercadinho não tem ficado constrangida em “invadir a praia”. Agora eles têm mais grana para gastar...

Eterno dilema: querem a grana, mas não querem os seus portadores.

13 <http://merciogomes.blogspot.com/2010/05/resposta-materia-da-veja-farra-da.html>.

02/06/2010 Duas coisas que eu odeio e uma que eu odeio muito

Hoje vai um post mais longo, já que ficarei o feriado longe da net.

Lembra daquela série do Angeli, “Duas coisas que eu odeio e uma que eu adoro”? Era o máximo, não? Pois hoje estou nesse espírito, só quem sem a “coisa que eu adoro”. Então vou fazer uma versão mais tenebrosa. É que o mar não está para peixe, mesmo.

1) Não gosto do Serra falando da Bolívia, como é óbvio. Como é que o cara vem com essa conversa ultraconservadora, chamando um país inteiro de narcotraficante? (sobre a Colômbia, nenhuma palavra). Esse discurso tem algum eco? Dá votos? Qual o sentido disso? Estimular mais preconceito contra os bolivianos? Esse é o resultado. Daqui a pouco todo mundo vai achar normal a semiescavidão a que os imigrantes bolivianos são submetidos em São Paulo para que nossa classe média possa comprar roupas baratas nos grandes magazines. Por que o Serra não fala disso?

2) Israel arrasando comboios de ajuda humanitária. Acho que nem é preciso falar o quão abominável foi o ataque ao Mavi Marmara.¹⁴ Mais incrível é que é realmente preciso que uns civis de outras nacionalidades morram para que o mundo se dê conta das barbaridades que a ocupação israelense da Palestina produz. Há um consenso que Israel se enfraquece politicamente. Eu acho que esses caras não estão nem aí para isso. O pior cenário é Israel ligando o foda-se: vai sobrar para todo mundo.

3) Essa eu realmente odeio: o discurso ultrarreacionário contra as populações indígenas que vivem no Brasil. Primeiro aquela reportagem da Veja, depois acharam um antropólogo pastor megarreacionário para dar legitimidade à palhaçada. Mas se fosse só isso e só nesse campo que a gente pode reconhecer como historicamente comprometido em foder os índios, ainda não era tão ruim. Mas o problema mesmo é que, desde Belo Monte, uma parte significativa da esquerda, para defender a Dilma a todo custo, começou a comprar o mesmo discurso: agora quem é contra Belo Monte é um antipatriota (assim como o Aécio) que defende a internacionalização da Amazônia. Querem um exemplo? Vejam este texto aqui.¹⁵

E vivemos esse clima horrível para as populações indígenas, quando o discurso dos generais de pijama parece ganhar espaço justamente pelas mãos de uma esquerda

¹⁴ <https://mkninomiya.wordpress.com/2012/05/27/para-que-o-mundo-nao-se-esqueca-mavi-marmara-a-historia-de-um-covarde-ataque-israelense/>.

¹⁵ <http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2010/05/30/santayana-belo-monte-e-a-soberania-nacional/>.

ultranacionalista. E a Bia Santos me lembra que vem aí o projeto de lei regulando a exploração de minérios em terras indígenas. Será que é por acaso que o discurso anti-indígena está na moda? Está cada vez mais difícil votar na Dilma.

08/06/2010 A Copa e a migração

Em tempos de Copa do Mundo, quase mais nada importa (ao menos para mim). Então, como só consigo pensar nessa porra mesmo, mando aí alguns drops de curiosidades sobre a copa e os imigrantes.

Você viu a recepção calorosa à Seleção Portuguesa na África? Veja aqui¹⁶ que foi a maior recepção até agora (claro, os bafana bafana já estão lá). Você sabe por quê? Bom, é por causa dos cerca de 500.000 (nos números mais otimistas; 200.000, nos números menos ambiciosos) imigrantes portugueses (e descendentes). Houve uma primeira vaga de imigração nos anos 1950, principalmente de madeirenses, depois da independência de Angola e Moçambique, e, em 1975, houve outra grande vaga, daqueles que preferiram fugir dos novos países (em geral brancos).

Na África do Sul, os caras viviam uma situação liminar, como podemos ver no trabalho de Marcos Toffoli (dissertação de mestrado defendida na Unicamp, sob orientação do Omar Thomaz, aquele mesmo que esteve no Haiti e, junto com os alunos, montou aquele blog¹⁷). Eram teoricamente brancos, mas os brancos WASP mesmo não davam esse “crédito” para os portugueses. Não eram brancos para os “ingleses” da África do Sul e tampouco se aproximavam da população negra (muito pelo contrário).

Com o fim do Apartheid, foram identificados com a maioria branca. Uma onda de assassinatos de brancos começou a se alastrar pela África do Sul, e a minoria portuguesa não ficou de fora. Por conta dessas mortes, organizaram uma grande passeata em 15 de novembro de 2000, em Joanesburgo, acusando o governo (negro) de nada fazer para conter a violência. Receberam de Steve Tshwete, então ministro da segurança, a resposta direta: “o povo sul-africano sabe que em nenhuma ocasião essa comunidade marchou ao Union Buildings para entregar um memorando aos presidentes do Apartheid reivindicando o final dos crimes do sistema segregacionista contra a humanidade. Mesmo com os incontáveis massacres, vocês permaneceram em silêncio”.

16 <http://oglobo.globo.com/esportes/copa2010/mat/2010/06/06/portugal-chega-magaliesburg-com-festa-na-maior-recepcao-da-copa-916796263.asp>.

17 <https://lacidelle.wordpress.com/>.

Foram (e ainda são) identificados como apoiadores do Apartheid, o que não é lá muito glorioso. E a recepção “calorosa” pode ser matizada: é apoio dos imigrantes. Não imagino que a população negra tenha muito ânimo em apoiar os portugueses.¹⁸

13/06/2010 A copa e a migração II

Zinedine Zidane, filho de argelinos (kabila), esteve presente ao jogo entre Argélia e Eslovênia. Mesmo filho de argelinos, nunca jogou na Seleção Argelina. Entretanto, dos 14 argelinos que entraram em campo hoje contra Eslovênia, 11 são nascidos na França e naturalizados argelinos (todos filhos de argelinos como Zidane).

As assimetrias parecem estruturais à relação entre os dois países: a ex-colônia francesa (processo tumultuado que só terminou em 1962, alimentado por uma minoria francesa – *pieds noirs* – semelhante em espírito aos brancos da África do Sul) produziu uma imensa imigração, principalmente para a ex-metrópole. Na França, essa população é imensamente discriminada, o que não impediu o país de adotar Zidane como ídolo máximo da Seleção Francesa.

No que tange ao futebol, as assimetrias permanecem: quando o jogador de origem argelina (ou outra nacionalidade, como veremos) é bom mesmo, a força centrípeta da Seleção Francesa se faz sentir, ela engloba as minorias e traz para si os jogadores.

Resta à Argélia os franceses-argelinos que nunca teriam vez na Seleção Francesa, como é o caso de quase todos nessa seleção atual.

A assimetria permanece, nesse caso, drenando o melhor da Argélia para a Seleção Francesa...

13/06/2010 A copa e a migração III

A questão do direito à nacionalidade é fundamental à regulação dos Estados-nação, como se sabe. E, por conta dessa autonomia, podemos identificar “nacionalizações” que desagradam à FIFA.

Sabemos que a entidade pretende combater a “nacionalização ad hoc” de jogadores para seleções com as quais não possuem vínculos. O problema é justamente esse: quem define o que são os vínculos são os Estados, e eles definem esse negócio do jeito que querem (em geral, para evitar o direito à nacionalização, mas às vezes também para facilitar).

¹⁸ Para mais informações sobre o trabalho de Toffoli, acesse: <http://repositorio.unicamp.br/jsui/handle/REPOSIP/279146> (é preciso um rápido cadastro).

Será que a FIFA, que como entidade é mais antiga que muito dos estados que hoje têm seleções filiadas, vai inventar uma cidadania particular? Tipo um passaporte FIFA, que ignora a política dos estados? Seria engraçado, não? A Alemanha decide que o tal brasileiro é alemão, mas a FIFA não aceita, usando critérios de cidadania que seriam anacrônicos à atualidade da circulação das pessoas.

Quem tem poder para dizer quem é o que no futebol ainda são os Estados, mas será que esse poder continuará a existir?

13/06/2010 A copa e a migração IV

Quem tem direito ao passado?

Em geral, quem fala mais alto, claro. O caso da ex-Iugoslávia é exemplar.

Deu origem a vários países, depois de um processo terrível de separação. Sérvia, Eslovênia, Montenegro, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Macedônia.

Hoje, na copa, jogaram a Eslovênia (contra Argélia) e a Sérvia (contra Gana). Mas apenas a Sérvia tem o direito, segundo a FIFA, a adotar as estatísticas da Iugoslávia. Assim, a Sérvia aparece como continuação da Iugoslávia, mas as demais nações não. Para os outros países, a estatística nasce com a sua “fundação”.

A Sérvia não, ela nasce como uma continuidade. É como se fosse o que restou da Iugoslávia. Os jogadores não sérvios que participaram da história da Seleção Iugoslava foram “perdidos” para o que viriam a ser seus respectivos novos países. É como os ucranianos que jogaram pela Seleção Soviética e foram perdidos para os russos, que herdaram a estatística soviética.

No futebol, os números são o passado e a hegemonia.

13/06/2010 A copa e a migração V

O futebol está conectado, atualmente, a duas diásporas. Em uma delas, o efeito no futebol é incidental, na outra, o futebol é efetivamente causa. A diáspora imigrante no mundo atual (da qual os brasileiros são parte), relacionada tanto às histórias coloniais como às relações de vizinhança entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, produz a circulação de gente e uma parte dessa gente consegue dois passaportes.

A fase da duplicidade dos passaportes produziu o efeito que vemos atualmente no futebol moderno. A diáspora incidental no futebol: imigrantes e seus descendentes

têm, às vezes, possibilidades de escolher entre nacionalidades, quando a questão é servir alguma seleção nacional.

Tomemos o exemplo da Seleção Alemã atual: muito semelhante às seleções francesas, é uma coleção de descendentes de imigrantes. O Khedira é filho de tunisiano, o Aogo, de nigeriano, e o Jérôme Boateng, filho de ganês (e tem um irmão que preferiu jogar por Gana – entrou em campo hoje). Serdan Tasci e Mesut Ozil são filhos de casais turcos. Marko Marin é sérvio (nascido na Bósnia, porém), naturalizado alemão. Mario Gomez é filho de espanhol, Piotr Trochowski, Klose e Podolski são poloneses naturalizados alemães. A dupla Podolski e Klose são um caso mais intrincado: são ausiedler, aqueles cujas famílias têm origem alemã, emigrados para Europa Central, do Leste e mundo soviético, que “retornaram”. O acolhimento desses retornados foi uma consequência da Guerra Fria, mais que uma política étnica de nacionalidade.

São os efeitos da circulação das pessoas no futebol. E são inversamente proporcionais à recepção que esses imigrantes têm em seus países, ironicamente. O imigrante comum é um fodido, mas, se joga bola bem, pode virar herói do país para qual emigrou (ou para qual seus pais ou até avós emigraram).

Mas a Seleção Alemã também tem o Cacau, jogador brasileiro que está lá desde os 18 anos. O caso de Cacau é o da diáspora causada pelo futebol: de uma galera se movendo por aí para chutar a pelota. Em outros posts falarei disso e também da interseção entre a diáspora incidental e a futebolística: quando são os filhos de jogadores “imigrantes” que vão representar o novo país.

20/06/2010 A copa e a migração VI

No texto abaixo, uma homenagem a um dos jogadores mais interessantes da copa, em relação às questões de cidadania.

É Jong Tae-se, jogador que nasceu no Japão, filho de um casal de sul-coreanos. Estudou numa universidade, no Japão, financiada pelo governo da Coreia do Norte (gratuita para norte-coreanos). Sua mãe conseguiu comprovar ascendência norte-coreana e possibilitou ao filho a naturalização (e o estudo).

Só isso já é um caso legal para pensar nacionalidade, a relação dos Estados com seus emigrados (o Brasil deveria ter uma universidade pública no Japão, gratuita para brasileiros). Mas o incrível do entrelaçamento entre povos em movimento é o Jong Tae-se dando entrevista em... Português!!! Como? É isso mesmo.

Jong Tae-se cresceu em Nagoya, num bairro de imigração brasileira. Cresceu cercado de amigos brasileiros (guetos para imigrantes coreanos e brasileiros) e aprendeu algo de português.

Não é incrível? Então o norte-coreano nascido no Japão, filho de sul-coreanos, que aprendeu português com os amigos brasileiros em Nagoya nos diz algo sobre os fluxos migratórios atuais.

26/06/2010 A copa e a migração VII

Num dos outros posts, mencionei que o futebol e a circulação de pessoas também estavam entrelaçados como uma circulação de trabalhadores. Jogadores seguem a outros países para jogar. Não só os mais famosos, mas também jogadores de times de segunda, terceira divisão.

Pouca gente fala sobre isso, mas, no caso brasileiro, o futebol é um grande incentivador da emigração. Quando fiz pesquisa em Portugal com imigrantes brasileiros, conheci vários que foram jogadores de futebol em Portugal e que, depois de encerrada a carreira, continuaram no país como imigrantes.

Essa passagem, de jogador à imigrante, acontece muito frequentemente. E há casos onde essa passagem significa um segundo fenômeno importante no futebol: o caso dos filhos de ex-jogadores (no caso, brasileiros), que se tornam importantes jogadores no país onde o pai se fixou.

A Seleção Portuguesa é um caso exemplar: o jogador Bruno Alves, zagueiro titular, é filho do jogador brasileiro Washington (ex-zagueiro do Flamengo nas décadas de 1960 e 1970, que depois jogou no Espinhos em Portugal). O pai se casou com uma portuguesa e seguiu carreira como técnico de pequenos times em Portugal. Além de Bruno, Washington tem outro filho, Geraldo (também zagueiro, e que joga na Grécia).

Bruno cresceu em Portugal, fez carreira, defendeu o Porto e tornou-se figura importante da Seleção Portuguesa. Fruto da imigração... Assim como Giovanni Santos, atacante do México, filho de Zinho (brasileiro que fez carreira inteira no México).

O futebol move as pessoas e cria outras conexões. A Seleção Portuguesa exemplifica a dinâmica intensa do futebol: conta com brasileiros, com filhos de brasileiros e com nascidos em outros países. Daniel Fernandes nasceu no Canadá, Danny nasceu na Venezuela e Rolando em Cabo Verde (assim como Nani, cortado por contusão). Portugal ainda contava com José Bosingwa, cortado por contusão, nascido no Congo Kinshasa, cujos pais emigraram para Portugal.

Daniel Fernandes, filho de pai português e mãe tcheca, chegou a defender a Seleção do Canadá em times sub-17. Assim como Danny, é filho de emigrados portugueses (há grande colônia de portugueses nos dois países). É assim como se o filho de algum brasileiro, como os milhares que vivem fora do país, nascesse bom jogador de futebol e jogasse pelo Brasil, falando português com sotaque. Muito legitimamente, diria.

Os nascidos em Cabo Verde são fruto da emigração desse país (os pais emigraram para Portugal). Nesse caso, repete-se a assimetria que vimos no caso França/Argélia: Portugal consegue captar esses bons jogadores (cabo-verdianos e de outras nações) para si, mesmo quando eles têm dupla nacionalidade. E consegue também captar para si descendentes de portugueses bons jogadores, desde que nascidos nesses países sem muita tradição no futebol (Canadá, Venezuela).

Mas, quando o descendente português nasce em países como a França, a história é outra. Robert Pires, campeão do mundo pela França em 1998, era filho de português com mãe espanhola... Kevin Gameiro, neto de portugueses e jovem artilheiro do Lorient (França), recusou convite para jogar pela Seleção Portuguesa.

A Seleção Portuguesa tem de tudo: um pouco de imigração colonial, um pouco de emigração portuguesa, imigração de futebolistas e jogadores naturalizados. É o caso dos três brasileiros: Liédson, Deco e Pepe. Deles falo num próximo post.

P.S.: Para saber algo do fluxo de jogadores brasileiros numa perspectiva antropológica, recomendo os textos de Carmen Rial.

17/07/2010 A copa e a migração (finale)

Para fechar a série da copa e da migração, com algum atraso devido à preguiça básica de julho.

Muita gente reclamou, em maior ou menor medida, da presença de brasileiros “natos” na Seleção Portuguesa. Em especial Liedson, que foi visto como um oportunista (assim como Marcos Senna já o fora na seleção espanhola, entre muitos outros); diferentemente de Deco e Pepe, que têm uma relação mais intensa com Portugal, pois iniciaram suas carreiras por lá, Liedson foi apenas tardiamente, depois de fazer nome no Flamengo e Corinthians.

Em Portugal desde 2003, apenas em 2009 requereu a nacionalidade Portuguesa. Muitos tomam isso como sinal de oportunismo: teria se naturalizado apenas para jogar na Seleção Portuguesa. O que não se diz é que a lei de nacionalidade portuguesa, reformulada em 2006, exige 6 anos de residência legal do estrangeiro como critério inicial para naturalização. Ou seja, Liedson não poderia ter pedido a naturalização antes.

Como qualquer imigrante (embora um imigrante com muita grana), o desejo de naturalização e legalização definitiva (mesmo que com comparecimentos regulares à burocracia da imigração) é algo absolutamente legítimo. O cara trabalha num país

estrangeiro, recebe melhores condições de vida do que tinha aqui, sofre de várias maneiras, mas em geral é grato ao país que o recebeu.

A naturalização é um momento nesse processo muito difícil de atingir. Um momento de estreitamento, inclusive emocional: o cara passa a se sentir um pouco português, passa a se sentir parte daquele outro contexto. Por que seria diferente para trabalhadores como Liedson? Por que ele não pode se sentir legitimamente português ao representar Portugal na seleção de futebol? Os comentaristas deveriam tentar atualizar suas noções de identidade e a relação desta com território. Parecem todos caras saídos do final do século XIX. Mas o mundo é diferente hoje. Só vi um cara falando diferente do mantra antinaturalizações: foi o Telmo Zanini, do SporTV.

E esses jornalistas deveriam ter a percepção de como é importante para uma legião de imigrantes brasileiros não documentados em Portugal a presença de Liedson no time: a presença dele legitima politicamente o clamor por legalização dessa massa de gente que trabalha, constrói Portugal, mas não consegue seus documentos, que possibilitariam um futuro pedido de naturalização.

Liedson é imediatamente uma cara para essa população imigrante brasileira em Portugal. Espero que Liedson perceba isso, que a Casa do Brasil de Lisboa tente recorrer à imagem desse jogador como um instrumento político. Se um imigrante brasileiro naturalizado pode representar a seleção portuguesa, isso significa que Portugal não pode se furtar a escutar o clamor dessa gente toda.

18/03/2011 Drops aleatórios de política econômica

Mudando o discurso econômico?

Parece que o BC quer introduzir mudanças no conjunto hegemônico do pensamento econômico.

Fala em eficiência de medidas “macroprudenciais”, indica que não vai aumentar tanto os juros, quer colocar gente de fora do mercado na pesquisa Focus, já não ouve os “especialistas do mercado” com tanta atenção...

Será, finalmente, que teremos um BC descolado dessa hegemonia de mercado?

Não é por acaso que estão tentando queimar o Guido Mantega! Parece que o mercado identifica no Guido a responsabilidade pelas mudanças (já que não pode derrubar a Dilma, pelo menos o ministro pode cair).

É engraçado ver o estresse desses caras, temendo a perda de controle absoluto sobre o pensamento econômico do BC.

15/11/2015 Zizek, por que não te calas?

Numa entrevista traduzida pela Folha, Zizek nos mostra sua face mais reacionária.¹⁹ E isso vem justo quando estamos tratando da diferença, do afluxo de refugiados à Europa. O pensamento sobre a diferença é sempre uma forma de identificar o conservadorismo por trás das fachadas. No caso de Zizek, uma fachada revolucionária de esquerda.

Basicamente, ele defende a militarização contra os refugiados (que eles fiquem nos campos de refugiados nas bordas da Europa), que reconheçamos que os muçulmanos não deveriam estar na Europa, pois eles “espancam gays”. O pensamento do cara é tão tortuoso que é quase uma piada: devemos reconhecer que o relativismo é uma doença liberal, devemos agir contra a intrusão da diferença para deter o avanço da extrema-direita na Europa.

A piada é que esse argumento é um argumento da extrema-direita e o que Zizek está a fazer é justamente operar como ideólogo da extrema-direita, mesmo que indiretamente. Ademais, a piada de mau gosto é que ele nos oferece candidamente uma visão do seu modus revolucionário: para evitar o fortalecimento da direita radical na Europa, deve-se evitar a chegada dos refugiados. Ou seja, que se explodam esses refugiados, que fiquem longe para não fortalecer os partidos antimigrantes.

Que o refúgio seja um direito internacional reconhecido pelos países europeus não entra na conta. Que a causa do movimento esteja ligada aos interesses do capitalismo global e suas guerras contra determinados ditadores (e não contra outros) que contrariaram seu interesse num ou noutro momento entra na conta, mas precisa ser logo descartada. Ele admite a culpa “ocidental”, mas não quer assumir responsabilidade pelos refugiados, já que isso aumenta o poder da direita na Europa. É realmente um argumento toscamente circular: lutamos contra a direita que causa esses males, mas esses males, se mitigados, vão fortalecer a direita, então, em relação a eles, nós agimos exatamente como a direita: pedimos o exército para lidar com os refugiados.

Assim, temos acesso à revolução de Zizek: uma revolução de brancos europeus para brancos europeus, e que se lixem os condenados pelo capitalismo global que estão fora da Europa. O mesmo pensamento de “fortaleza Europa” em que circula o pensamento conservador europeu. Não é um problema pensar como a extrema-direita no que se refere à diferença.

Para além disso, a crítica aos muçulmanos como povo, para questionar o liberalismo conservador, é uma estupidez: os muçulmanos batem nos gays, então são maus.

19 <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1704273-militarizacao-e-solucao-para-crise-dos-refugiados-diz-filosofo-slavoj-zizek.shtml>.

Ora, vamos considerar que essencializar milhões com base no comportamento de alguns é tolice. É ignorar que a mesma coisa (bater em gays) acontece pelas mãos de não muçulmanos por todo o mundo, inclusive na sagrada e justa Europa (que também produz violência sem tamanho contra diferenças em geral). São argumentos tão primários que não deveríamos ter que voltar a uma discussão tão conservadora.

E isso num cenário onde o Estado Islâmico (Daesh, Isis) acaba de atacar Paris²⁰ e em que qualquer argumento antimuçulmano fortalece a extrema-direita. Na esteira do ataque de ontem, a questão dos refugiados vai virar exatamente o que quer Zizek: uma questão militar. E, claro, com a ajuda desse paspalho.

03/06/2013 Sejamos francos

“Sejamos francos: a expropriação de terras indígenas no Brasil prendia-se a interesses, ou, melhor dizendo, a presumidos interesses dos nossos agricultores; e num país em que a agricultura tem tamanha força, era natural que a opinião pública se manifestasse em favor da expropriação de terras indígenas... O que há pois para admirar em que os nossos homens políticos se curvassem a essa lei da necessidade? O que há para admirar em que nós todos, amigos ou inimigos da expropriação de terras indígenas, nos curvássemos a essa necessidade? Senhores, se isso fosse crime, seria um crime geral do Brasil, mas eu sustento que, quando em uma nação todos os partidos políticos têm sido chamados a exercê-la, e todos eles são concordes em uma conduta, é preciso que essa conduta seja apoiada em razões muito fortes, é impossível que ela seja um crime, e haveria temeridade em chamá-la um erro.”

Esse aí é um pedaço de um discurso relativamente velho. Foi proferido em 16 de julho de 1852 (isso mesmo, século XIX) por Eusébio de Queirós. Queirós foi o ministro da justiça que assinou a lei de cessação do tráfico de 1850 (a qual, diga-se, repetia uma Lei de 1831 que, entretanto, não havia “pegado”). Da citação original, substituí “tráfico” por “expropriação de terras indígenas”. Eusébio tentava justificar porque a Lei de 1831 não tinha “pegado” e o tráfico continuara até 1850: ele era uma necessidade dos agricultores (leia-se elite latifundiária). A lógica tortuosa do argumento é explorada por Sidney Chalhoub no seu *Visões da Liberdade*, de onde tirei a citação: se todo mundo precisava do tráfico, então ele era legítimo.

Hoje em dia é o mesmo que vemos acontecer com a expropriação de terras indígenas: como ela é uma necessidade para o agrobusiness brasileiro, ela aparece como

20 Em 13 de novembro de 2015, o grupo terrorista Daesh atacou Paris em múltiplas localizações e matou 180 pessoas, a maioria no teatro Bataclan.

legítima (para a mídia, para os partidos, para muito da opinião pública). E o fato mais surpreendente para alguns – que o PT, com a Dilma como preposta número 1, abrace a expropriação de terras indígenas – já era previsível para quem vê a política brasileira com olhos voltados ao passado. Como disse Eusébio de Queirós: se todos os partidos estão de acordo, então tudo bem. O PT apenas incorporou-se ao coro dos favoráveis à expropriação de terras indígenas. Agora é uma “necessidade”.

Mas, depois de tantos anos, sabemos que o tráfico era uma abominação, que a escravidão era uma abominação, assim como sabemos já que expropriação de terras indígenas é uma abominação, todavia isso infelizmente só ficará evidente num futuro que espero não serem os 38 anos que separam a Lei de 1850 do fim formal da escravidão. Em 1850, escravos lutarem contra a escravidão era um crime. Hoje, índios lutarem a favor da demarcação de terras indígenas está se tornando um crime, com todo o apoio do PT. Olhando para a situação agora, parece-me que a Constituição de 1988 é similar à Lei de 1831: muito bacana, mas só um sonho de verão. Por todos os lados, procura-se legitimar a expropriação de terras indígenas, ao contrário do espírito da nossa Constituição.

Ataca-se diretamente a FUNAI, ataca-se o conhecimento antropológico, atacam-se os próprios antropólogos e matam-se índios (e estimula-se a matança). Há sangue nas mãos do PT, sangue de oprimidos. Sangue dos mais oprimidos na construção deste país. Foi preciso que um governo de esquerda, com uma política econômica de estímulo ao consumo esgotada, cuja única alternativa de crescimento do PIB ficou na mão do agronegócio (já que o câmbio implode a indústria), tomasse a dianteira em desmontar qualquer resistência à expropriação de terras indígenas: tudo para termos mais 0,5% no PIB ao final do ano.

O centrismo amestrado do PT resultou nessa desumanidade e no sangue indígena nas mãos de todos (pois são todos coniventes, se ainda permanecem nesse partido).

23/05/2013 Fenótipos e fantasmas

Dei de cara com essa reportagem, que todos deveriam ler com cuidado, pois é incrível: descendentes de escravos negros dos índios cherokee²¹ (não, não é nome de carro) lutam para serem reconhecidos como cherokee. Lutam contra os próprios cherokee, diga-se (mas também com apoio de outros deles).

A história é para ser lida, e nos leva a pensar sobre o que são os fenótipos e as classificações raciais/étnicas. Quem é índio ou não é a questão, e os americanos estão

21 <https://www.deseret.com/2011/10/7/20221469/slave-descendants-fight-to-stay-in-cherokee-tribe>.

fazendo essa pergunta desde o século XIX. Hoje, ser indígena nos EUA significa obter alguns benefícios do Estado, e muitos condenam os negros em questão por estarem apenas atrás desses benefícios (como aliás criticaram muitos dos cherokee quase brancos que se decidiram índios ao longo do século XX). Não há resposta fácil para a pergunta, e só podemos nos contentar com a autodefinição, não há saídas. E se você acredita que índios devem se parecer com índios, você está num terreno pantanoso. Essa reportagem mostra como o fenótipo é só um detalhe.

Ano passado fiz uma pequena fala na 1ª Semana de Antropologia da UFSCar sobre esse tema. Explico por que o fenótipo é um detalhe (o que importa são as classificações). Resultado: é índio quem é. E não conheço quem pode dizer que x ou y não é o que diz ser (mesmo que ele esteja mentido – é o preço que devemos pagar).

04/11/2012 Caixa de Pandora e a antropologia

Alguns anos atrás, um artigo do Hélio Jaguaribe na Folha²² defendia o ponto de vista militar-conservador-ruralista de que índio tem muita terra. Ia um pouco além, dizendo que o Estado não poderia se curvar a quem não tinha saído da idade da pedra (tinha que educar, transformar, evoluir). Em vez de terra, era o caso de civilizar. Esse ponto de vista reacionário é tão comum que nem vale aqui criticá-lo. Muita gente já fez isso, com muito mais propriedade. Procure aí entrevistas da Manuela Carneiro da Cunha ou do Eduardo Viveiros de Castro.

No site da Veja de hoje encontramos mais uma reafirmação desse ponto de vista. Bem quando um mobilização on-line sem precedentes forçou o governo a olhar para os Guarani-Kaiowá, a revista lança mais um tijolo desse pensamento criminoso: o problema é que os índios continuam sendo silvícolas e, pior de tudo, têm aí uns antropólogos medievais que gostariam que eles continuassem a ser silvícolas. Desnecessário contestar essa baboseira que, entre muitas idiotices, supõe que os índios são tutelados pelos antropólogos (nenhuma vontade é dos índios, ela é sempre de alguém bem branco por trás).

Esse argumento não é apenas tosco, é malicioso, pois prepara o próximo argumento de que se os índios querem continuar sendo índios é por culpa dos antropólogos medievais que os querem manter na escuridão da selvageria. Ou seja, pode-se defender os índios deles mesmos culpando os antropólogos. Aqui é uma disputa pela palavra. O jornalista pretende estar falando pelos índios, enganados pelos antropólogos. É preciso combater esse ciclo argumentativo, todos sabemos.

22 Veja uma reprodução do artigo em <http://www.academia.org.br/artigos/o-jardim-antropologico-e-uma-insensatez>.

Mas o que me interessa pensar aqui é o porquê disso agora. A resposta é meio óbvia, mas sempre é bom relembrar: grandes interesses do capital gostariam de ver os índios longe de suas terras (como, por exemplo, mineradoras interessadas no território yanomami). Que a Veja faça o jogo desses interesses é absolutamente normal.

O que há de diferente nesse momento é um governo que se diz de esquerda e atropela as populações indígenas em nome do desenvolvimento. Como já disse antes, o desenvolvimento desumano de Dilma é extremamente preocupante. Temos um governo que lida com os índios na mesma perspectiva da direita-conservadora-reacionária: “civilizando-os”. O desenvolvimentismo desse governo é de uma incrível ressonância com as forças conservadoras... Abriu-se a caixa de pandora que está dando todo tipo de justificativa para o ruralismo avançar sobre as populações indígenas: tem gente morrendo por causa disso.

Por outro lado, na mesma semana em que a Veja coloca uma capa querendo caçar o fantasma do Lula num depoimento espírita do Marcos Valério (edição de 2.288), ela lança um ataque aos indígenas e aos antropólogos. Aproximar-se por um lado das temáticas conservadoras não garante nenhum armistício para o PT. E isso acontece justamente como uma reação à movimentação online que pressionou o governo a dar alguma resposta à questão indígena que fosse positiva. Essa movimentação online (o cyberativismo feicebuquiano) é um marco, por conseguir dar alguma visibilidade ao grande drama das populações indígenas num governo desenvolvimentista como esse.

Mas, justo nesse momento, a Veja saca suas armas: para aplacar e se contrapor ao cyberativismo que deu resultados. Enfim, somos todos guarani-kaiowá.

05/05/2012 Europa, crise, direita, imigração e esperança?

O avanço da direita neonazista na Europa é alarmante. Na Grécia, o partido neo-nazi vai ganhar lugar no parlamento, com as singelas medidas de combate à imigração: criar campos de concentração, utilizar o trabalho forçado (trocar comida por trabalho) e depois expulsão sumária. Em outros países, o avanço é assustador, como na França da Le Pen Filha. Na Finlândia, extremistas quase levaram as eleições em 2011; Noruega, Áustria, Suíça e Holanda têm pelo menos 15% dos eleitores apoiando a extrema-direita xenófoba.

Aqueles que, como eu, estudam os movimentos migratórios se assustam com esse movimento reacionário que condena os estrangeiros pela crise econômica europeia (e para um comentário em paralelo, aqui se pode ver na prática a importância do conhecimento antropológico, que poderia ser um antídoto a essa catástrofe).

E ficamos ainda mais indignados com o fato de que a crise não é culpa dos imi-

grantes, mas dos próprios europeus e seus partidos conservadores e o mantra da austeridade. Mas temos a crise, depois temos a culpa imposta ao bode expiatório errado: os diferentes. Tudo para não ver a própria culpa nessa história. E a culpa desse fortalecimento da ultradireita é também da infame esquerda europeia, que não fez mais que reproduzir o manta conservador da austeridade. Viraram partidos de centro-direita, deslumbrados com o poder do mercado, ou enganados ingenuamente pelo canto das sereias financeiras.

A ironia disso tudo é que a melhor política anti-imigração é justamente a crise econômica dos conservadores: com a redução de empregos, a imigração diminui, como está diminuindo (sul-americanos voltando, novos focos de migração internacional). Não era preciso uma política de ultradireita para reduzir a migração, basta enfiar os países numa crise sem perspectivas. O problema é que sobra para os nacionais, claro. Eis o dilema, quem conseguir crescer economicamente atrai a imigração e tem que enfrentar uma direita extremista forte.

A miragem pan-europeia que vive à esquerda, acreditando que o europeísmo é a solução, só piora o quadro. A comunidade europeia é e sempre foi um quintal da indústria alemã, que agora grita austeridade a qualquer ameaça aos fluxos de capital para o seu sistema econômico. E a esquerda perdeu o discurso de defesa da indústria nacional e dos empregos nacionais para a extrema-direita, que fracasso! Esquerda sem discurso, direita que só quer defender o sistema bancário e direita extremista nacionalista. Que cenário lamentável!

A esperança é que o socialismo francês (teremos eleição amanhã)²³ consiga quebrar o modelo e rompa com o círculo recessivo da austeridade. Recuperar um discurso de esquerda nesse mar conservador, olhar para a Islândia como exemplo a seguir: colocar o financismo em questão (no caso deles, na cadeia) e fazer outra coisa que não seja criminalizar os imigrantes pela estupidez europeia.

04/11/2011 O futuro do passado

Ontem (ou anteontem) li um texto do Clóvis Rossi na Folha. O cara falava que a situação portuguesa era um aviso para nosotros: “nós somos vocês amanhã”.

Por que? Bem, por causa de toda a treta fiscalista. Os portugueses gastaram demais, sabe como é, agora têm que pagar com ajustes drásticos. É o consenso neoliberal na

23 A eleição de 2012 na França elegeu François Hollande, que aprofundou o receituário neoliberal. A mudança só veio mesmo na “geringonça” portuguesa, em 2015, com um governo de coalisão do Partido Socialista junto aos partidos Comunista e Bloco de Esquerda.

veia, mesmo depois da crise de 2008 e da próxima (2012?). Mas é engraçado porque ela inverte completamente a ordem das coisas, ou a coisa da desordem, se preferir: no caso, troca passados e futuros.

Portugal está na situação em que estávamos na década de 1980: sem crédito e sujeitado aos desmandos da banca internacional (no caso, FMI e que tais). Lá, agora, como aqui no final do século passado, há uma elite política capacho, que só faz abaixar a cabeça, muito temerosa, aos gritos de “ajuste, ajuste e ajuste”. O resultado aqui nós sabemos: duas décadas perdidas.

O resultado lá nós também sabemos: décadas de recessão. O que leva os países a esse cândido passeio para o abismo? Como é possível que as pessoas simplesmente não abram os olhos? Em Portugal, cortaram salários dos funcionários públicos. A recessão atingiu o setor de serviços em cheio: desemprego se alastrando. Estima-se que o arrocho salarial vai levar a uma queda nos gastos de fim de ano, levando desemprego ao chão de fábrica e ao comércio.

Começo do ano com 15% de desemprego, entrando na espiral do mal: desemprego gerando mais desemprego. E os políticos apenas sabem dizer: ajuste, ajuste, ajuste.

O que o Clóvis Rossi e muitos conservadores por aí sabem é que o exemplo realmente importante para Portugal (e Grécia) é a Argentina de dez anos atrás: pau nos credores, desvalorização, inferno em um ano, depois retomada vigorosa. Só que não é para falar muito alto, porque os portugueses e gregos podem ouvir.²⁴ Então reafirma-se a estupidez neoliberal exatamente com o seu contrário. Nós não seremos o Portugal de hoje.²⁵ E Portugal deveria escolher ser a Argentina de dez anos atrás, não o Brasil da década de 1980.

24 A ironia é que isto mudou a partir de 2015, com a ascensão de uma coalizão de esquerda que alterou a situação de subserviência ao receituário neoliberal.

25 A outra ironia é que aconteceu justamente o contrário: nos tornamos o Portugal pré-2015 (em crise pós-2008), justamente por adotar o receituário neoliberal radical desde 2015, com a entrada de Joaquin Levy no governo Dilma, depois com a continuação dessa política no desgoverno Temer e a radicalização no caos atual que se chama de governo (desde 2019).

99

smurfs e

PARTE 2

OPŠ

smurfs e

uma smurfete

20/11/2009 A memória do futuro

“Pai, eu tenho o bionicles que a Mirella me deu e agora esse brinquedo que a Liz me deu. Eles me fazem lembrar delas. Assim eu vou matar a saudade quando estiver na faculdade”.

São as palavras do Cassiel, meu filho mais velho. Ele tem quase 6 anos.

Sinto que há algo errado nisso... A memória é algo que faz os velhos sofrerem, acho. O Cassiel não é novo demais para nostalgia? Que tipo de vida produz essa sensação num menino?

Será que fiz algo errado? Ou é o mundo atual mesmo?

Ao mesmo tempo, é uma frase levi-straussiana. É o bricolage do Cassiel, do universo dele, brinquedos ganham outros sentidos e compõem um outro quadro: a memória do futuro.

08/12/2009 Sobre a sensibilidade paterna

Vinha dirigindo, rumo a São Carlos, ouvindo o Lou Reed que tinha “resgatado” no dia anterior. Era o “Berlin”. Vinha distraído e pensando em milhares de coisas, a música como pano de fundo, apenas. De repente, escuto um choro de criança: daqueles magoados e desesperados. Que susto! E o choro continuava, junto com a música (era parte da música, mas levei uns segundos para perceber). A canção era “The kids”.

Cara, fiquei absolutamente passado. Aquele choro me incomoda até agora. E eu não prestava atenção à letra. Se tivesse, teria ficado ainda mais impressionado – é daquelas

letras do Lou Reed submundo demais. Mas o choro ficou ecoando na minha cabeça.

Como um choque inesperado, aquilo ativou minha experiência paterna de um jeito psicanalítico, acho. Como um movimento impensado de artes marciais (estava indo para a defesa sobre o Kendô, do meu aluno Gil), depois fiquei pensando como aquilo aconteceu.

A gente carrega as lembranças o tempo todo, mas às vezes um Lou Reed pode tirá-las na marra.

08/12/2009 Brinquedos para o nosso tempo

Vemos sempre brinquedos das mais variadas espécies. Uma parte considerável deles tem um apelo “violento”: brinquedos de guerra, de heróis de combate, armas, carros de guerra etc. Nada disso é muito surpreendente, diria que esses brinquedos tratam de temas universais e, como nos mitos, discursam, com recurso à violência, sem causar muito espanto. Os mitos têm passagens muito violentas, mas não damos muita importância, assim como não ligamos muito quando as crianças brincam de se matar. Lévi-Strauss disse, na entrevista a Didier Eribon, que é como se o pensamento científico tivesse sufocado o pensamento mítico nas sociedades ocidentais. Talvez seja verdade, ou talvez não. Acho que no que se refere ao mundo das crianças, a sociedade ocidental “relaxou”, e o pensamento mítico continua operando em paz. De outra forma, seria difícil explicar por que meu filho pode representar um príncipe que assassina dragões a sangue frio numa peça escolar sem me causar estranhamentos (ou por que um caçador pode abrir a barriga do lobo mau e retirar uma vovó que havia sido devorada viva).

Mas nem todos os brinquedos são, digamos, míticos. Alguns seriam, talvez, gramscianos: artefatos de construção de um consenso ideológico mesmo. Na minha infância era, definitivamente, o papel do banco imobiliário: aprendíamos a naturalizar a propriedade, a riqueza e uma certa ordem desejada de “ambiente de negócios”. O banco imobiliário é um jogo de naturalização do capital.

Mas as épocas mudam, e agora me deparo com outra ordem de brinquedos, que, a princípio, me chocam. São brinquedos de “espionagem”. Entre eles, havia uma “escuta móvel espia”, que é um carrinho com radiofrequência, apropriado para “escutar conversas sem ser percebido”. Parece que as crianças têm que aprender desde cedo a abrir mão da privacidade, nesse novo mundo vigiado e invasivo.

18/12/2009 Pequenas memórias e antropologia artística

A memória é algo em debate, sabe-se desde sempre... Versões são contrapostas, vozes se calam, são silenciadas. E ninguém sabe direito o que vai ser lembrado, muito menos como. A desistência do Aécio em concorrer à presidência²⁶ será vista como, num futuro distante? Como uma “jogada de gênio”, como diz o Nassif em seu blog (hummm, que estranho), ou como uma avaliação realista da situação, como afirmaram os políticos da facção serrista da oposição? Tudo depende: depende de quem ganhar as eleições, depende do futuro político de cada um dos políticos (mas o fato da carreira do Serra estar terminando, enquanto a carreira – política – do Aécio ainda ter mais longevidade, pode influir na leitura futura. Se o Aécio vir a ser presidente num futuro 2014 ou 2018, tudo será lido por uma ótica diferente).

Se isso é verdade para grandes questões, também para pequenas coisas a regra opera. Vai aqui um minixemplo. Fim de semana passado foi a formatura (da pré-escola!) do meu filho Cassiel. Cerimônia com toda a pompa que condiz com o primeiro ritual de passagem do moleque. Como em todas as cerimônias, havia um ponto alto, que não foi exatamente a entrega do diploma, mas a exibição de um pequeno vídeo de fotos, como lembrança da turma.

Engraçado que o clímax da cerimônia seja um discurso sobre a memória de um grupo de crianças de 6 anos. Não era para os pequenos, claro, era para os pais: uma narrativa da paternidade e da maternidade. As fotos eram de cada um da turma, em três momentos (bebê, por volta dos 4 anos e atual), junto aos pais em alguma delas. E também muitas fotos da turma, em momentos diferentes.

A “disputa” começou na produção do vídeo: a professora da turma fez um, a dona da escola (e mãe de uma formanda) fez outro e o “coletivo” dos pais fez outro. O que foi mostrado na cerimônia foi o da dona, a professora distribuiu o seu entre os pais dos alunos na mesma semana e os pais distribuíram o seu durante o evento.

A pergunta que me fiz é “por que três vídeos”? Por que esse excesso de memória? Por que tantas narrativas? Não sei bem, mas acho que todos quisemos expor formas diferentes de contar o mesmo processo. O encadeamento de fotos em seguida, contando uma miniepopéia, parece ser o meio propício para contar essas memórias. Há diferenças nos encadeamentos, claro. Cada um conta de um jeito. Mas todos da mesma forma.

26 Aécio era um possível presidenciável em 2010, mas desistiu da corrida e o candidato de seu partido foi José Serra. Aécio viria a ser candidato em 2014.

29/12/2009 Desenhos animados e suas malícias

Não é nada raro encontrar desenhos animados ou produções para crianças que trazem consigo um quê de malícia. Há mesmo uma sexualização que não me parece das mais adequadas para crianças (penso no público de crianças ainda não completamente alfabetizadas, até seus, digamos, 7 anos).

Há uns anos, os Simpsons apresentaram uma sátira a esse tipo de produção especificamente brasileira. O episódio famoso, que se passa no Rio de Janeiro, mostra um Bart Simpson vidrado num programa da Xuxa (com imagens de uma apresentadora infantil seminua). Eu achei a crítica legal, era um americano vendo televisão no Brasil e se assustando com a sexualidade explícita do antigo “Xou” da Xuxa e suas paquitas, que eram um similar das chacetes para crianças.

Mas a crítica inversa é bem pertinente: os longas-metragens animados americanos apresentam também um tipo de sexualização que não parece das mais apropriadas às pequenas crianças. Mas talvez sejam menos explícitos que o Xou da Xuxa (ou não, sei lá). As imagens que me vêm a cabeça são, para quem nunca notou, da Sininho.

É ou não é uma coisa, assim, meio sexy demais? E se você pensar na história do Peter Pan... Três moças (a Sininho, a Wendy e a índia da Ilha do Nunca) disputando o galá juvenil... Tudo bem, tem um livro infantil lá em casa em que os mocinhos matam a bruxa e a decapitam, e ainda fazem uma sopa com a cabeça da coitada. Há algo de mitológico nessas histórias. Nos mitos, bem, as coisas não seguem um código moral que possamos reconhecer de cara. E certamente não é o nosso.

Mas ainda assim: era mesmo preciso fazer personagens como a Sininho (e inúmeras outras) tão gostosas? Há algo a se pensar aí. Fico lembrando que é muito fácil encontrar HQs piratas cujo tema é o sexo explícito entre personagens de desenhos animados. Estão online. Não sei se é porque os desenhos carregam alguma mensagem erótica e depois adultos se interessam pelo sexo dos personagens, ou se é algo intrínseco à narrativa desse tipo de história que haja alguma malícia (o que faria dos desenhos algo naturalmente sexualizável).

Sei que aqui nessas férias chuvosas do sul de Minas, vendo 655 DVDs com os meninos, fiquei incomodado com um deles e não sabia bem por quê. Depois me dei conta que foi um espanto parecido com o dos produtores do Simpsons: o desenho que eu via me parecia sexualizado demais: o desenho em questão é o “Monstros e alienígenas”, da DreamWorks Animation, mas poderia ser quase qualquer um dos desenhos produzidos nos EUA (desde a Branca de Neve até este, recente). Sinto algo estranho com essas imagens, e você?

10/02/2010 Abecedário infantil

Estávamos no carro, indo almoçar.

Dimitri (meu filho de 4 anos), lá de trás, me sai com essa:

O “a” do “i” bate.

Como é que é, Dimi?

O “a” do “i” bate.

Depois de um esforço coletivo de tradução, descobrimos:

O botão “a” do wii é o botão de bater...

Ah, tá, entendi!

17/04/2010 A religião das crianças

O paraíso, na concepção do Cassiel:

— Mãe, qual a minha religião?

— Então, filho, você é quem vai decidir quando for a hora.

— Eu posso escolher?

— Sim, claro.

— Então eu vou querer aquela do Jesus.

— Por que, filho?

— Porque daí, no céu, eu vou poder comer strogonoff todo dia!

10/08/2010 O tempo das crianças

Dimitri, do alto dos seus quatro anos, elabora a primeira reflexão nostálgica sobre o tempo:

— Pai, bom mesmo era quando você me dava banho e me fazia dormir.

(Agora ele tem que fazer essas coisas sozinho.)

Crescer é duro, e eles percebem logo.

02/10/2010 Herói supermacio

Dimitri: Pai, agora vai ter nova série do Ben 10!

— É, Dimi? Qual?

— É o supermacia alienígena!!!

— Ahhhhhh, como é? Seria supremacia?

— É, pai, supermacia!

05/01/2011 Infanto- -metafísica

Cassiel, meu filho de 7 anos, tem um amigo imaginário.

E, segundo Cassiel, esse amigo imaginário tem também seu próprio amigo imaginário.

05/11/2011 A agência do Nada

Dimitri, meu filho de 5 anos, tem um grande amigo, o Gabi.

Um dia desses Gabi, durante a aula, tomou com um lápis à testa.

Segundo Dimitri, foi o Nada quem (ou o que) lançou o artefato.

09/04/2011 Infanto-metafísica e o parentesco

Meus filhos se esmeram na infanto-metafísica. Você sabe, o Cassiel tem um amigo invisível que tem seu próprio amigo invisível.

Agora, o Dimitri se fez a pergunta: o papai Noel não ganha presente?

Ele e Cassiel chegaram à conclusão que deve haver o papai Noel do papai Noel. O papai Noel deve receber presentes de outro papai Noel.

Tudo caminha para mais uma versão da metafísica que eles gostam de exercitar, mas Dimitri interveio com uma reflexão menos etérea e mais afim com o nosso mundo relacional:

— Deve ser o papai Noel pai e o papai Noel filho...

Pronto, então abandonamos a metafísica (e um pouco da infância) para gerenciar as dúvidas a partir da lógica do concreto: o mundo do “outro papai Noel” é lido pela lógica do parentesco, que os meninos conhecem na prática!

É engenhoso, mas também é um mergulho cada vez maior no mundo de verdade. E as crianças vão crescendo.

02/05/2011 Crises individuais

Sobre a aparente contradição prática:

Dimitri, do alto de seus 5 anos, me chama para terminar de limpá-lo no banheiro. Está naquela fase de transição, para aprender a se limpar sozinho. É uma fase difícil, quem é pai/mãe sabe bem. É difícil por vários motivos, mas, no caso do Dimi, principalmente por perder uma moeda de troca valiosa: a eleição do limpador. Cotidianamente ele faz homenagens públicas, escolhendo quem é que deve limpá-lo (ou o pai ou a mãe). É um pequeno poder do qual ele reluta em abrir mão. Agora essa fase ficou para o momento do arrematar da limpeza.

Meio mal-humorado, na última vez em que fui eleito, reclamei que ele não estava se limpando a contento.

— Como é que vai ser na escola quando não tiver ninguém para ajudar? Perguntei. Resposta imediata e atravessada:

— Você não sabe nada da minha vida, pai.

— Ânhhnnnnnn? Engasguei. — Como???

Penso com meus botões: estou aqui limpando a bunda do moleque e ele se achando tão independente? (estava mal-humorado). Pareceu uma contradição: quando minha ação ainda é necessária nesses momentos tão “individuais”, o Dimi vem me falar de individualidade?

Mas logo percebi a dura realidade dos pais: os filhos são mesmo pessoas de quem a gente “não sabe nada”, mesmo quando limpamos suas bundas. Eles são pessoas com suas vidas intelectuais e emocionais só deles e é duro admitir. E já as têm desde sempre, mas a gente não quer admitir. Moral da história: é preciso estar na merda para descobrir verdades que insistimos em ignorar.

24/05/2011 Hiper ultra mega blaster power pós-pós-pós modernidade

Eu e Cassiel no carro, indo para a escola.

Eu coloco um som, ele encana numa música e pede para colocar no repeat. É o Beck, “Golden Age”.

Depois de duas escutadas inteiras, ele me pergunta o que significa. Eu tento ir traduzindo. Depois de traduzido, ele me diz:

— Pai, não entendi nada. E completa: — Era melhor não saber.

Fiquei intrigado, mas já estávamos chegando.

Hoje, mesmo percurso, ele pede a música de novo. Eu coloco e pergunto:

— O que você imaginava que a letra da música dizia, filho?

— Nada, pai.

— Como assim?

— Nada, pai, é mais legal não saber, pode ser qualquer coisa.

Basicamente, é o fim do significado, quando qualquer coisa pode ser. Fiquei pensando sobre o que isso significa (num registro, obviamente, diferente do registro de Cassiel). Ele vive uma vida tão entupida de significados e informações (TV, videogame, escola, esportes, mais TV e videogame) que as coisas devem parecer mesmo como “pode ser qualquer coisa”. As crianças já estão crescendo hiper ultra mega blaster power pós-pós-pós modernos, não há saída.

Duzentos sociólogos vão me dizer que o problema é meu conceito de moderno, quatrocentos antropólogos vão me acusar de melancolia imperial (principalmente os

deleuzianos) e os filósofos vão fazer o que sempre fazem (vamos ler de novo essa passagem?).

Eu me contento em constatar. O mundo do Cassiel é outro mundo e qualquer significado serve, então nenhum serve. Talvez seja bom, talvez seja ruim, como tudo na vida. Talvez ele seja um supercrítico de qualquer narrativa impositiva e autoritária (como os nossos comerciais de banco), talvez ele aceite qualquer coisa como válida. Espero pelo melhor.

E, no fim, ele pode ser capturado. Estou em Ribeirão Preto e ele pode crescer um adolescente que encontra o sentido pleno e “moderno” em canções dessas duplas sertanejas.

Prefiro a incerteza do mundo dele!

15/08/2011 O parentesco das crianças, again

Fomos assistir ao filme dos Smurfs.

Os meus meninos gostaram muito, e depois, durante o banho, Dimi discutia seriamente comigo, enquanto eu esperava para enxugá-lo (ele ainda tem essas regalias).

— Pai, na cidade dos Smurfs tem 99 meninos e só uma menina.

— Pois é, filho, não é estranho?

— Ela vai ter que casar com todos eles, dar beijo na boca de todos, né?

— Gasp, ahhhh, hummm.

As crianças têm uma lógica de parentesco distributiva. Só depois que nosso individualismo vai se entranhando com os desejos de exclusividade.

Em outra vez, ele brincava com a Luli e também com o Henrique. Quando fui pegá-lo na escola, disse-me que ia casar com a Luli. E o Henrique também ia.

— Ué, filho, mas vão os dois casar com a Luli?

— Não tem problema pai, a gente faz uma rodinha.

É isso, o parentesco das crianças é menos complicado. Ou mais complicado e menos tenso.

No lugar errado,

PARTÉ 3 **OPŠ**

anjanuuo

na hora errada

01/01/2010 Suriname e maroons, outras informações

Você certamente leu alguma coisa sobre os ataques maroons aos imigrantes brasileiros em Albina, Suriname. Mas você provavelmente, como eu, sabia muito pouco sobre o Suriname e sobre os maroons. Sou especialista em imigração brasileira, então fiquei realmente interessado em saber o que aconteceu em Albina. Depois de uma rápida pesquisa e uma troca de emails com o prof. Richard Price (especialista em populações maroons), veja o que encontrei:

O Suriname foi uma colônia holandesa e sua população é dividida entre os de cor “clara” e “escura”. Os primeiros são os descendentes dos colonizadores e constituem a parte maior da elite. Os segundos são descendentes de indianos, javaneses e escravos africanos, trazidos todos como força de trabalho nas plantations. Entre os “escuros”, os descendentes dos escravos (maroons) são os que mais sofreram as agruras da colonização. Apesar da variedade étnica, o Suriname sempre foi visto como uma sociedade “eticamente” tranquila.

Albina fica no extremo leste do Suriname, próximo ao mar do Caribe, fazendo fronteira com a Guiana Francesa. Fica no distrito de Marowijne, do qual é capital. Faz fronteira com a Guiana Francesa, separada pelo rio Maroni. Do outro lado da fronteira, a cidade mais próxima é Saint-Laurent-du-Maroni, capital do distrito de mesmo nome na Guiana (dividida em apenas dois distritos) e cuja população é em grande parte maroon emigrada do Suriname.

A população de maroons no Suriname não é comparável ao que conhecemos como quilombolas, basicamente porque lá os quilombolas não foram completamente derrotados nos séculos 17 e 18. Em 1762, o governo branco reconheceu os quilombolas Saramaka (um dos grupos de maroons) como negros livres: podiam viver livres no

interior e recebiam dinheiro de proteção, para não atacar as plantações dos grandes fazendeiros (muitos deles eram judeus portugueses que fugiram do Brasil). Também o grupo chamado de Ndyuka (1756) assinou acordo com os plantadores (leste do Suriname). Em 1767, o grupo Matawai também fez acordos com os plantadores. É como se o quilombo de Palmares não tivesse sido derrotado e os plantadores de cana começassem a pagar tributos a Zumbi.

Os outros dois grandes grupos então existentes continuaram a ser perseguidos (Boni/Aluku e Kwinti). Percebe-se já a diversidade que o nome maroons esconde. Há vários grupos (e depois outros dois surgiriam: Paramaka e os Broos-Maroons) e com status políticos diferenciados. Aqueles que atacaram os brasileiros são, provavelmente, os Ndyuka, Matawai e Paramaka. Os autores costumam fazer uma divisão entre maroons do oeste (Saramaka, Matawai e Kwindi) e leste (Ndyuka, Boni, Paramaka, Broos-Maroons). Havia os que recebiam impostos e os que continuavam sendo caçados. Há de se convir que o desenvolvimento histórico desses grupos é diferente. E os maroons do oeste ficaram mais livres, enquanto os do leste continuaram mais perseguidos (Albina é no extremo leste). Muitos destes maroons do leste acabaram migrando para a Guiana Francesa, onde formam um grupo considerável, que prospera sob a cidadania francesa concedida para alguns (mas migrantes maroons não documentados continuam chegando).

A situação social dos maroons no Suriname tem piorado ao longo da vida como república independente (a partir de 1975). Desde lá, dois golpes militares e uma guerra civil (1986-1992, onde principalmente os Ndyuka combateram o governo central) comprometeram muito a vida dessas populações. O interior do Suriname é praticamente autônomo e o governo central tem pouca ingerência (mas Albina fica ao leste, não tão no interior). O país tem vivido um processo de devastação por madeiras e minas de ouro (mercúrio etc.). É nessas minas que os conflitos com grupos de estrangeiros têm se desenvolvido: com brasileiros, garimpeiros, e com chineses, comerciantes. Albina é terra de fronteira.

Desde o final da guerra civil, os garimpos de ouro têm se desenvolvido num cenário de faroeste. Localizados principalmente em terras maroons, esses garimpos levaram milhares de brasileiros ao Suriname, num esquema de exploração que conhecemos de longa data: exploração intensa, sem nenhum cuidado com o meio ambiente, de caráter absolutamente predatório. O cenário de encontro dos brasileiros e maroons é um cenário sem Estado, onde quase todos andam armados.

Veja a situação: uma região habitada por maroons que foram perseguidos até meados do século XX e profundamente pauperizados; pouca presença do Estado; um dos grupos de maroons foi o principal ator na guerra civil; desenvolvimento selvagem de minas de ouro e outros negócios de caráter ilegal (drogas, contrabando). Essa população maroon provavelmente está descontando uma insatisfação secular em cima

de novos grupos (brasileiros e chineses, principalmente). Não me parece que a ação tenha sido contra os brasileiros, mas, antes, que os brasileiros é que pagaram o pato de uma conta ancestral.

Segundo Richard Price, que gentilmente me respondeu e-mails no primeiro dia do Ano-Novo, essa violência é resultado da guerra civil, associada à chegada dos garimpeiros. O Estado abandonou em larga escala a parte leste do país depois da guerra, deixando-a para o senhor da guerra Ronnie Brunswijk e seus seguidores (principalmente Ndyuka). Os conflitos entre garimpeiros e maroons ao longo do Marowijne intensificaram essa situação. Segundo Price, não há registro desse tipo de violência em larga escala contra estrangeiros. Maroons são pessoas muito pacíficas, embora desde a guerra civil uma geração de jovens homens tenha crescido sem escolas e sem muita esperança no futuro, tendo se direcionado para o tráfico de drogas (entre o Suriname e a Guiana Francesa).

Mas o que me chamou mais a atenção na cobertura desses eventos trágicos foi a preguiça da imprensa, por um lado, e a tendência conservadora e xenófoba, por outro. Esse resumo acima eu fiz a partir de alguns textos do Richard Price e Wim Hoogbergen, antropólogos especializados em comunidades maroons no Suriname e na Guiana Francesa. Os textos estão disponíveis num ótimo site²⁷ dele e da esposa (Sally Price) e em periódicos de livre acesso. Custou um dia de leitura irregular, mas um jornalista sério poderia ter feito um trabalho de organizar essas informações e tentar montar um quadro que, ao menos, desse uma ideia do que aconteceu. Nada. Ficamos apenas com resumos sobre a situação do Suriname a partir do texto da Wikipedia, pronto.

A tendência conservadora é mais complicada: primeiro os maroons são tratados como selvagens e ponto. Como se desastres como esse nunca tivessem acontecido no Brasil (ou como se imigrantes bolivianos não fossem escravizados por imigrantes coreanos em fábricas clandestinas de roupas no Brás, que depois abastecem lojas de grandes magazines). Por outro lado, é sempre a mesma coisa do pensamento geopolítico da direita: se qualquer país vizinho faz alguma sacanagem com brasileiros imigrantes, a revolta é intensa. Bolivianos querendo expulsar brasileiros? Sem-terras paraguaios invadindo terras de agricultores brasileiros no Paraguai? Que horror!!! O discurso vem babando para cima da diplomacia brasileira, que não faz nada. O que os caras queriam mesmo é que o Brasil mandasse umas tropas e resolvesse a história na porrada (houve afirmações textuais nesse sentido no caso da crise boliviana com a Petrobras).

Agora, quando o problema com imigrantes é na Europa ou nos EUA, bem, aí a direita não fala nada, afinal fica envergonhada de uns pobres brasileiros fazendo feio nos países de ricos. Não se fala muito da xenofobia que se alastra na Europa contra brasileiros em específico. Em Portugal, a mídia chegou a inventar um arrastão nas praias de Carcavelos só para culpar brasileiros do fato, uns anos atrás.

27 <http://www.richandsally.net/>.

Assim, ficamos apenas desinformados, alimenta-se um estereótipo contra o Suriname, não se dá a conhecer algo mais profundo sobre a presença de brasileiros neste país (e também na Guiana Francesa). Se você quiser mesmo saber algo sobre o que está acontecendo, certamente não descobrirá na mídia brasileira.

Pequena bibliografia:

PRICE, Richard. **Maroons in Suriname and Guyane**: how many and where. **New West Indian Guide/Nieuwe West-Indische Gids**, n. 1-2, v. 76, p. 81-88, 2002.

THEIJE, Marjo; HEEMSKERK, Marieke. Moving frontiers in the Amazon: brazilian small-scale gold miners in Suriname. **European Review of Latin American and Caribbean Studies**, v. 87, p. 5-25, 2009.

KRUIJT, Dirk; HOOGBERGEN, Wim. Gold, garimpeiros and maroons: brazilian migrants and ethnic relationships in post-war suriname. **Caribbean Studies**, v. 32, n. 2, 2004.

07/01/2010 Sobre Cabinda e uma guerra esquecida

Ok, parece que não tem sentido escrever qualquer coisa que não seja sobre o trágico terremoto no Haiti, e eu reluto em colocar este post, que vinha preparando quando aconteceu o inominável acidente haitiano. Mas, em respeito à luta e dignidade do povo haitiano, que tenta se reorganizar, dou continuidade à vida deste blog com a pequena pesquisa sobre Cabinda, palco do atentado à seleção do Togo no dia 8 de janeiro.²⁸

O território de Cabinda é separado de Angola. A história dessa separação física e institucional reverbera até hoje, como vimos no atentado do dia 8 de janeiro. Ele foi ligado a Angola em 1885, pelo tratado de Simulambuco, feito com as autoridades cabindesas, que reconhecia um status distinto de enclave para Cabinda. Logo a seguir, no mesmo ano, a Conferência de Berlim dividiu o Congo entre três países (Portugal, Bélgica e França) e criou uma saída marítima ao Congo Belga, dividindo o território português (em cerca de 60 km). Cabinda foi administrado separadamente por Portugal até 1956, quando passou a ser governado pelo Governador Geral (português) de Angola.

²⁸ Veja mais informações neste endereço: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/01/100111_entenda_cabinda_mv.

Segundo Comerford, a gênese do problema de Cabinda advém do longínquo ano de 1885 (quando da Conferência de Berlim), momento em que a África foi repartida à régua entre as potências coloniais. Para garantir o acesso ao oceano Atlântico, a conferência atribuiu ao antigo Congo Belga uma faixa de terra ao longo do rio Congo, separando fisicamente Cabinda de Angola. Embora Portugal contestasse a divisão, foi forçado a aceitá-la quando o rio Congo ficou posteriormente internacionalizado.²⁹

A guerra civil angolana, que seguiu o fim da guerra colonial, acabou em abril de 2002, depois de 27 anos de conflito entre a UNITA e o governo (MPLA). Porém, a guerra não acabou por completo, continuou em outras configurações no enclave de Cabinda. As forças angolanas estão se dedicando a acabar com a resistência cabindesa desde então, com o auxílio de ex-soldados da UNITA incorporados às FAA (Forças Armadas Angolanas). O conflito contra os insurgentes de Cabinda também trouxe os mesmos problemas relatados durante a guerra civil: execuções sumárias, estupros, abuso indiscriminado de civis, tortura, destruição e saques às propriedades. O ano de 2002 foi marcado por uma grande ofensiva das FAA contra as forças insurgentes de Cabinda, destruindo grande parte da estrutura revolucionária e gerando graves acusações de violações aos direitos humanos. Houve, inclusive, acusações de repovoamento com angolanos do sul em algumas localidades de Cabinda.

O conflito é de teor nacionalista: o governo angolano reconhece Cabinda como parte integral de seu território e os separatistas aludem a uma identidade distinta, tradições distintas e uma vontade natural de independência. Uma solução ao problema não parece ser exclusivamente militar, mas negociada com algum nível de autonomia. O problema é encontrar algum interlocutor que fale em nome de Cabinda (veremos que há dissensões entre os separatistas, que a sociedade civil não tem representantes constituídos etc.).

O Movimento pela Libertação do Enclave de Cabinda (MLEC) foi criado no começo da década de 1960, liderado por Luis Ranque Franque, e se tornou rapidamente o grupo mais importante da resistência (apoiado pelo governo do Congo Brazzaville). Em 1963, o MLEC e outros grupos se fundiram na FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda). Em 1977, a FLEC se dividiu em FLEC e CMLC (Comando Militar de Libertação de Cabinda). Nos anos 1980, a FLEC dividiu-se novamente em FLEC-FLAC (Força de Libertação Armada de Cabinda) e FLEC-R (renovada). Foi a FLEC-FLAC, comandada atualmente por João Baptista N'Guimbe, que realizou o atentado contra a seleção do Togo, no início da Copa Africana de Futebol, em Cabinda. A FLEC-R depois se dividiu novamente em FLEC-R e FLEC Platform.

Com essa tendência à fragmentação, parece impossível tanto a conquista da independência como a negociação de alguma autonomia. Atualmente a FLEC-R tende

29 COMERFORD, M. G. **The peaceful face of Angola**: biography of a peace process (1991 to 2002). Luanda: Ed. Luanda, 2005. 297 p.

a aceitar uma negociação política, enquanto a FLEC-FLAC mantém-se fiel à luta armada. Além desse problema central, os separatistas vivem um problema estrutural: seus governos no exílio não foram reconhecidos pelos países africanos (com poucas exceções). Isso porque o separatismo cabindense levanta fantasmas de outros separatismos na África. E, além disso, as exceções de reconhecimento são mais um problema que uma ajuda: o apoio do Congo-Kinshasa (ex-Zaire) e Congo-Brazzaville (vizinhos de Cabinda) é visto como um interesse expansionista por Luanda, levantando temores da anexação de Cabinda por um desses países.

Em agosto de 2006, formou-se o Fórum Cabindês para o Diálogo (FCD), reunindo algumas facções da FLEC numa negociação com o Governo Angolano. Assinou-se o Memorando de Entendimento para a Paz e Reconciliação em Cabinda. As negociações levariam ao reconhecimento de um estatuto especial para Cabinda e incorporação dos combatentes às FAA. Nesse processo, muitos dos ex-guerrilheiros passaram ao governo de Cabinda, sob a égide do acordo de 2006. A FLEC-FLAC, entretanto, continuou sua atuação, mas já bastante enfraquecida pela deserção e pelo acordo de 2006. Na verdade, a escolha de Cabinda como uma das cidades que acolheriam a Copa Africana das Nações era um sinal da confiança do governo angolano no seu controle sobre o território de Cabinda.

A ação de repressão não se encerrou em 2006, e muitos relatos de prisões arbitrárias, torturas e violações de direitos civis têm sido feitos. Um relatório da Human Rights Watch indica que membros dos partidos políticos e da sociedade civil disseram à organização que o acordo de paz de 2006 tem tido pouca credibilidade, contudo, porque o governo não fez concessões significativas e uma parte influente da sociedade civil foi excluída das conversações. A insurreição armada continua.

Mas qual é a importância de Cabinda para Angola e África, você deve estar se perguntando? Bom, Cabinda sozinha é responsável por mais de 60% da produção de petróleo angolana, segundo maior produtor de petróleo da África (atrás da Nigéria). Apenas 10% dos impostos gerados pelo petróleo de Cabinda ficam na região (houve um acordo em 1995 para garantir esse repasse). Esse petróleo tem sido explorado principalmente pela Chevron-Texaco e ELF.

A exploração é feita, porém, à revelia de uma integração com Cabinda: há uma cidade separada, fortificada e que em 2003 foi, ainda, cercada por minas terrestres. O transporte dos funcionários estrangeiros era feito por helicópteros. Em termos de trabalho, um emprego nas petrolíferas de Cabinda é bem perigoso, pois os sequestros de estrangeiros são as principais ações dos guerrilheiros (até o atentado recente).

Em 2008, houve eleições nacionais em Angola, inclusive em Cabinda. Foi o único lugar onde a UNITA (agora como partido político de oposição) obteve maioria, com a promessa de considerar uma autonomia de fato ao enclave, numa revisão constitucional. Obviamente que a eleição da UNITA significa uma grande insatisfação popular

com o estado atual das coisas, mesmo que muitos acusem a UNITA de oportunismo e de ter feito apenas proselitismo com as agruras cabindesas. Enfim, a situação parece longe de um desfecho, seja ele a incorporação efetiva de Cabinda, a autonomia dentro de um Estado angolano ou a independência.

Uma curiosidade: ao buscar no Google por Petrobras e Cabinda, descobri que a Prefeitura de Macaé e o Governo de Cabinda, em 2005, assinaram acordos de intercâmbio comercial, cultural e técnico. A justificativa era a semelhança entre as duas regiões, ricas em petróleo e com desenvolvimento criado por grandes petroleiras (Petrobras e Chevron). Curioso desenvolvimento, pois as petroleiras em Cabinda estão separadas apartheidicamente da população. Os rendimentos não ficam em Cabinda. As brigas do governador do Rio para manter determinadas taxas de impostos no pré-sal parecem brincadeira de criança perto do que acontece no Enclave.

(A Petrobras não explora a área de Cabinda. A partir de 2006 tem explorado petróleo nas bacias de Benguela e do Kwanza.)

19/01/2010 Os alunos (e o professor) da Unicamp no Haiti

Está causando celeuma o blog dos pesquisadores da Unicamp que estiveram no Haiti até esses dias. No blog, eles escreveram um post criticando a atuação da embaixatriz (ela é esposa do embaixador, portanto não tem cargo oficial nenhum).

Fazem as seguintes observações sobre o encontro com a senhora:³⁰

“Ela não nos perguntou nada. Não sabia quem éramos, ou o que fazíamos aqui. Quando soube que de um grupo da Unicamp se tratava, não titubeou: a embaixada não tem nenhum compromisso com a Unicamp. O embaixador proibiu que fossem hospedados em nossas dependências. Ele é o embaixador, ele manda; se hospedamos vocês, temos que hospedar todos.”

E seguiu com pérolas: “a embaixada não vai evacuar ninguém porque eu não vou sair daqui. Vocês devem voltar para o Brasil como vieram. Vocês sabem onde fica o aeroporto, comprem passagem; Vocês sabem onde fica a rodoviária, de lá saem ônibus para a República Dominicana”. E prosseguiu com a máxima: “não temos nenhuma responsabilidade sobre vocês. Vocês estavam no lugar errado, na hora errada, sinto muito”.

Bom, isso não parece ser uma atuação apropriada, mesmo que a embaixatriz não tenha cargo nenhum e, oficialmente, o Itamaraty não tenha que responder à conduta dela. A Unicamp divulgou nota sobre o assunto, pedindo que o governo desse atenção

30 <http://lacidelle.wordpress.com/2010/01/16/nossa-embaixatriz-notas-sobre-a-atuacao-diplomatica/>.

aos alunos. O caso saiu em vários jornais e a um deles o MRE declarou que não tem nada a declarar.

No blog do Luis Nassif, o pau comeu, ele replicou o post dos pesquisadores, depois postou opiniões a respeito (todas favoráveis à embaixatriz). Houve uma enxurrada de comentários. O tom varia bem, mas há um grande preconceito em algumas passagens. Mas, antes, gostaria de comentar os posts favoráveis à embaixatriz. Eles estão na linha: “eu conheço a senhora, e ela não seria capaz de fazer isso, então é tudo mentira”. Daí, nos comentários, a coisa descamba para chamar os pesquisadores de oportunistas.

Então, que coisa mais chata. Se é para ficar na história do “não critique amigo meu”, bom, conheço o Omar (o professor) há longo tempo, e ele seria incapaz de inventar uma história assim. Tem uma longa história com o Haiti (desde 1998).

Então, definitivamente, a narrativa dos caras é verdadeira. Pode estar eivada de indignação, de estresse pelo desastre, mas que aconteceu, aconteceu. A atuação da embaixatriz também pode contar com algum desconto pela situação extrema, reconhecimento. Mas a repercussão blogueira de que eles são oportunistas, que querem criticar a MINUSTAH para atacar o Lula, que são garotinhos mimados, isso é realmente irritante. Ronda o patrulhamento: não se pode falar mal das forças brasileiras no Haiti, não se pode criticar a postura delas, temos que engolir que “nossa” atuação é a melhor do mundo.

Outras manifestações são eivadas de um outro tipo de preconceito: se os caras estavam lá, por que não estavam ajudando? Pense bem: os seis alunos e o professor, no meio do desastre. Também com falta de bens, água etc. O que poderiam fazer? Eles são bombeiros? São militares da força de paz? Têm instrumentos técnicos de ajuda? Bom, eles estão tão jogados na situação quanto os haitianos (com a diferença que puderam voltar para uma casa). Eram tão úteis quanto qualquer um dos haitianos que estavam lá. Sacou o preconceito? É que se acha que como eles estavam lá, eles teriam, naturalmente, uma capacidade de ajudar (tipo super-heróis brancos entre os selvagens, tipo o Tintim na África). Enfim, como se diz, me poupe.

E tem maluco dizendo que eles falam mal das forças de paz porque são enviados do Paulo Renato ao Haiti. Tipo, o cara sabia que ia rolar o terremoto, mandou uns alunos da Unicamp para lá a fim de que criticassem tudo que pudesse ajudar o Lula (a força de paz da ONU, que tem forças brasileiras, pode ajudar o Lula?). Bom, se alguém tem pouco apoio político no IFCH da Unicamp (de onde saíram os pesquisadores) esse alguém é o Paulo Renato.

A questão que fica dessa história é: se você critica alguém de berço vai levar porra. E todos os seus argumentos vão ser criticados do mesmo modo.

PARTIE 4

OPȘI

anunțuri

A anta,

a capivara e alguns macacos

**04/11/2009 Lévi-Strauss
e heróis**

Ontem recebi a notícia da morte de Lévi-Strauss, que circulou um pouco antes entre os antropólogos (pela manhã) e à tarde pelos jornais brasileiros.

Entre os amigos de departamento, um sentimento triste, mas a sensação de que, enfim, Lévi-Strauss teve uma grande vida, reconhecimento e dignidade até o fim. Eu fiquei bem triste, mesmo concordando com tudo isso. É que comecei minha vida acadêmica no começo dos anos 1990, quando Lévi-Strauss já era bem ancião (já tinha mais de 80 anos). De certa forma, esperávamos sempre por essa notícia, mas o cara foi sobrevivendo. Passou em vida por várias modas acadêmicas, viu-se herói, depois bandido, até pós-si-mesmo virou (na leitura atual de Eduardo Viveiros de Castro – EVC). Eu era (e ainda sou) fã dos comics da Marvel e lia Lévi-Strauss na universidade. Era inevitável, Lévi-Strauss parecia um herói da Marvel... Não morria nunca, nosso próprio Wolverine intelectual, com várias encarnações sucessivas. E como o Wolverine, sempre meio na contramão das modas.

Pois sua morte derrubou um pouco dos meus castelos, achava que ele ainda veria a crítica da leitura atual EVCiana, que faz dele um pré-pós-estruturalista. Mas como humor não faz mal nesses momentos, se Lévi-Strauss era meu Wolverine, quem, na sala da justiça, seria o EVC? Claro, a irmã dos Supergêmeos (Jayna), lembra dela?

Era a própria encarnação do perspectivismo (uma xamã empírica, sei lá). Transformava-se em qualquer forma animal, mas acho que sempre se mantinha roxa. O irmão (Zan) é o próximo passo de um processo teórico: intercambiando entre formas variadas, desde que todas baseadas em água, gelo ou vapor (muito Bruno Latour, acho).

Eu, como chihuahua anão, fico sem um herói em carne e osso, mas as obras estão aí, ao alcance da mão. No meu popularesco conjunto de referências da indústria

de massa, passo a sentir Lévi-Strauss como um novo Sandman (do Neil Gaiman), povoando os sonhos de um ocidente hipermitológico, apesar de tudo. É que nossos mitos estão em outro lugar, e não mais nas gêneses do universo. Basta ligar o Discovery Kids.

05/11/2009 Lévi-Strauss upside down

E acabo de ler um post do Reinaldo Azevedo sobre o Lévi-Strauss.³¹

Cada coisa que a gente vê! Então, o cara escreve sobre o Lévi-Strauss e cita o Durkheim das *Formas Elementares*, para dizer, no fim, “Como Durkheim, notou que o que era muito complexo numa dada civilização poderia ser resumida à sua forma ou estrutura elementar em outras. E esse elementar pode ser lido como sinônimo de ‘primitivo’”. Então tá. Lévi-Strauss virou um pensador hierarquizador (ao negativo, já que não teria negado a possibilidade de hierarquizar sociedades em termos valorativos – é como a ficha do DOPS da Dilma, ela não existe e por não existir não se pode provar que não existe). É dose para leão. Mas para qualquer incauto, bem, Lévi-Strauss defendeu claramente que não é razoável hierarquizar valorativamente as sociedades. Está lá, por exemplo, no “Raça e história”, artigo muito, muito, muito conhecido – na boa, *muito conhecido*. Artigo obrigatório de primeiro ano de ciências sociais.

E essa confusão para criticar multiculturalistas (que seriam todos os antropólogos) e aqueles que estudam populações em periferias urbanas de grandes cidades (todos os antropólogos defenderiam a manutenção dos pobres como pobres e miseráveis, para preservar a “cultura”). E mais, tudo isso citando Durkheim e não o Lévi-Strauss. E ainda aprendi que quem sabe tudo de Lévi-Strauss é o Diogo Mainardi.

Num post anterior brinquei com o EVC, mas, após ler algumas insanidades relacionadas à obra do Lévi-Strauss, é preciso destacar a seriedade da leitura EVCiana. Ao menos o Estadão deu espaço para essa leitura. Está certo que na página anterior tinha o FHC se gabando do fato da esposa ter assistido a alguns cursos com o nosso herói. Prefiro o comentário do Piero (ao meu post “Lévi-Strauss e heróis”). Agrada-me cada vez mais a antropologia ufscariana!!! Salve o Piero.³²

31 <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-patifaria-multiculturalista-resolveu-reescrever-a-obra-de-levi-strauss/>.

32 Piero de Camargo Leirner, antropólogo na UFSCar.

08/11/2009 Leo Frobenius: questões de memória e um escroque

Já ouviu falar em Leo Frobenius? Se você não é cientista social, geógrafo, arqueólogo, aposto que não. E se é, mas tem menos de 40 anos, também aposto que não.

Uns anos atrás, quando comecei a dar um curso de introdução à antropologia para alunos de graduação, me deparei com a ementa, e entre os tópicos havia um que me instigou: evolucionismo e difusionismo. Evolucionismo, ok. Todo mundo sabe alguma coisa. Mas eu percebi que não sabia porra nenhuma de difusionismo. Nem tinha visto nada disso nos meus cursos de formação: aprendi apenas que era irrelevante. Minhas professoras (ótimas) nos primeiros cursos eram muito novas e nem tocaram no assunto.

Então, fui lá descobrir o que era exatamente esta porra. Basicamente, encontrei quase nada recente sobre o tema. Ou nada. Fui correr aos manuais de antropologia que se usavam nos anos 1960, 1970. Claro, estava lá no velho Ralph Linton. Depois descobri o filão e achei muitos textos (o melhor é do Marvin Harris). Daí que quem estudou nos anos 60/70 sabe que o Frobenius era um alemão bastante influente na teoria difusionista alemã (que o Boas chamava de “escola geográfica”, ou algo assim). O cara desenvolveu lá uns modelos de “círculos culturais”, baseado em seu conhecimento da África. Dá para saber algo com a Wikipedia. Mas o fato é que a história é mesmo uma coisa dos vencedores (e voltarei a isso).

Todo o difusionismo foi um “movimento” importante, com inúmeras direções e que, em geral, era muito crítico dos evolucionistas. Teve seu momento mais refinado em Rivers e também no próprio Boas. Mas o fato é que os caras não aparecem na história da antropologia como difusionistas (o Boas é o “pai” da antropologia americana e o Rivers ficou como criador do método de grafia do parentesco). No começo dos anos 1950, quando muitos dos manuais importantes foram feitos, ainda não dava para ignorar o difusionismo, ele aparece em vários capítulos. Mas com o avanço do século XX, e o império funcional-estruturalista gerando gerações de descendentes, bem, a coisa saiu de moda mesmo. Claro, Malinowski e Radcliffe-Brown mataram os “pais”, e a galera difusionista (Rivers, Seligman) foi junto com a água da bacia (que era feita de evolucionismo e história). Hoje a gente vê a história pelas lentes desse império.

Mas, voltando à vaca fria, hoje me deparei com um artigo do Robert Fisk (não se deve perder nenhum artigo desse cara) sobre quem? Leo Frobenius!!!³³ O cara foi um grande escroque, tipo Indiana Jones do mal (aqueles caras que sempre pegavam as estátuas das mãos do Indiana Jones). Foi uma tentativa de Lawrence da Arábia, como

33 <https://www.independent.co.uk/voices/commentators/fisk/robert-fisks-world-the-german-lawrence-of-arabia-had-much-to-live-up-to-ndash-and-failed-1816593.html>.

agente alemão. Tinha como missão encorajar os etíopes a invadir o Sudão no xadrez da Primeira Guerra Mundial. Deu tudo errado. Quem se deu bem foi o Lawrence, e ganhou o filme. Leo foi o perdedor e sua história ficou na sombra dos derrotados.

Mas o mundo dá voltas e também a memória. O cara depois virou professor honorário em Frankfurt e depois diretor do museu etnográfico municipal. Tudo baseado em suas “coleções” (leia-se saques realizados ao longo de toda a sua vida), que ele vendia para o museu que dirigia. E quando morreu, ganhou esse obituário da *Nature*:

“Lamentamos registrar a morte, aos 65 anos, do Dr. Leo Frobenius, o amplamente conhecido antropólogo e explorador alemão, ocorrido em Biganzolo, no lago Maggiore, Itália, em 9 de junho. A reivindicação para Frobenius ser lembrado nos anais da antropologia repousará em sua intrepidez e devoção assídua à exploração em terras africanas e entre povos africanos.”³⁴

Morreu como “devoto explorador”, intrépido e grandioso. A memória é ou não é algo incrível?

É por isso que fico pensativo quando leio a entrevista do Pina-Cabral (grande antropólogo português, doutor por Oxford) na *Mana*,³⁵ atribuindo o motor da história da antropologia a uma luta contra a antropologia cultural americana...

Só para citar:

“A questão é absolutamente esta. A Marilyn [Strathern] nunca assumiu uma posição de confronto com a antropologia americana. Pelo contrário. E quando ela escreve *After Nature*, em certo sentido até anda para trás. *After Nature* é um livro, como ela diz, cuja paternidade é de David Schneider, e eu creio que esse namoro com o culturalismo schneideriano, na segunda metade dos anos 90, desviou-a do projeto de repensar uma antropologia social.”

08/11/2009

Difusionismo difuso

O difusionismo morreu como escola, movimento ou coisa similar. Mas não como método, basicamente porque era historiográfico, tentando estabelecer conexões causais relacionadas à movimentação de gente. Sobreviveu longamente na antropologia americana, depois foi reintroduzido (como história) no funcional-estruturalismo por Evans-Pritchard. Enfim, depois os estudos de mudança social (Manchester) incorporaram definitivamente a perspectiva.

Nos EUA, se tivessem prestado mais atenção ao Rivers, talvez a contenda Sahlins *versus* Wolf (sistema mundial) tivesse sido lida de outra forma. Os dois falam de pro-

34 Nature Publishing Group. Obituary Notices. v. 142, p. 562, 24 set. 1938.

35 http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132009000100011&script=sci_arttext.

cessos de difusão, só que os do Sahlins estão na ponta menos transformadora (Rivers estabelecia três níveis; no primeiro deles a incorporação de hábitos de outros povos se dava apenas num nível superficial e não causava mudanças estruturais). Os do Wolf estão na outra ponta, a mais transformadora, quando o capitalismo vence as resistências na porrada. Claro que a própria noção de história ganhou outros níveis com o trabalho do Sahlins, mas no fundo falamos de como os povos reagem a outros povos.

E se o Lévi-Strauss tivesse escrito as *Mitológicas* no começo do século XX, seria visto, sem dúvida, como difusionista (ai, quanta pedrada eu vou levar). O nosso herói ousava dizer que o pensamento ameríndio era um só através das Américas. Unidade do pensamento americano, quer coisa mais difusionista? Não é por menos que Lévi-Strauss passa muito tempo dos seus livros localizando geograficamente as populações cujos mitos são estudados.

E o EVC, com o pensamento amazônico? Acho que é algo semelhante... Claro, as intenções, os motivos e enquadramentos são outros, mas resta algo dessa herança historiográfica dos difusionistas, mesmo entre os estruturalistas e sucessores.

Tivessem lido com mais atenção o Rivers, alguns sociólogos brasileiros (como o Ianni e Renato Ortiz) não teriam caído na conversa do Estado em vias de desaparecimento. Além de ser ideologia neoliberal, era um argumento profundamente anti-histórico. O capitalismo não prescinde do Estado, precisa dele. A ironia é ver o capitalismo sendo salvo por um Estado muito centralizado e forte (a China).

09/11/2009 Lévi-Strauss reencantado

Patrice Maniglier é “o cara”. Quem disse foi o EVC, em duas falas a que assisti esse ano (uma na USP, via internet, e outra aqui em São Carlos). Jovem filósofo, professor em Essex (Grã-Bretanha), especialista em Lévi-Strauss. Passou uma semana aqui em São Carlos entre o PPGAS e o departamento de filosofia, deu um curso bacana sobre estruturalismo, gente boa. Fomos até o parque ecológico e o cara ficou pirado com os animais “levi-straussianos”: a anta, a capivara, alguns macacos etc.

Ele escreveu um belo texto em respeito ao nosso herói, quando este faleceu semana passada.³⁶ Especialmente interessante, e de certa forma em consonância com o que escrevi no final do post “Levi-Strauss e heróis”,³⁷ é o parágrafo final, no qual ele indica como o pensamento de Lévi-Strauss pode ser uma abertura para pensarmos as nossas produções míticas:

36 http://www.lemonde.fr/planete/article/2008/11/25/ce-qu-ils-ont-appris-de-levi-strauss-pascal-maniglier_1122719_3244.html#ens_id=1262333.

37 Veja a página 61.

“Em outra área, ele nos permite entender como a filosofia pode se alimentar de um filme para adolescentes como *Matrix*: não oferecendo uma interpretação profunda, mas aceitando que um filme de Hollywood, como o mito de Lévi-Strauss, não tem um significado fixo e o produz combinando aspectos da cultura muito distantes entre si: a religião e os quadrinhos, o cinema e metafísica. Em resumo, se queremos ser ‘pós-modernos’, ‘queer’ ou ‘pop’, Lévi-Strauss nos antecipou, ele nos localizou; e ele nos justificou melhor do que nós nunca fizemos.”

As produções artísticas da nossa sociedade (e não apenas as da “alta cultura”, que ele dedicou a comentar no *Olhar, escutar, ler*) são meio para pensar nossas próprias mitologias. Não é Lévi-Strauss quem diz isso, mas é um de seus melhores “comentaristas”: o método nos ajuda nas situações mais inesperadas. Eu continuo achando que entendemos muito do nosso mundo fazendo análises estruturalistas da Cartoon Network.

Esse ponto de vista, que compartilho com Patrice “o cara” Maniglier, explica um pouco do momento fofinho que me permitiu colocar os dizeres do Calvin (Bill Watterson) aqui ao lado, na coluna da direita:³⁸ há algo ali que possibilita, como a perspectiva de Maniglier, o reencantamento do nosso mundo, tão mitológico quanto outro qualquer. Explica também um pouco do que é interessante no pensamento de Lévi-Strauss: o mundo que ele nos abre como potencialidade a ser explorada.

É por isso também que a onda de comentaristas/jornalistas de jornais tentando bravamente transformar o nosso herói em um combatente antirrelativista é tão deprimente: ela fecha o pensamento de Lévi-Strauss dentro de uma contenda política mesquinha, entre os que acham que não ser relativista é legal e os que acham que não é (meio que traduzido em ser de esquerda = relativista e ser conservador = não relativista). O mais novo exemplo é um texto do Daniel Piza.³⁹

E a coisa é simples, quem acha que o Lévi-Strauss é, de alguma forma, um antirrelativista, está errado e não entendeu nada. Mas o negócio é que ele é um relativista muito mais sofisticado que o discurso relativista-ingênuo “da esquerda”. É a reposição do desentendimento que se colocou quando ele defendia a ideia (relativista) de sociedades frias e sociedades quentes: uma leitura rudimentar vai acreditar que existem de fato sociedades frias e quentes. Mas o que se dizia era que essas perspectivas sempre dependem de um ponto de vista.

Como tudo nesse momento político em que vivemos, a herança de Lévi-Strauss já é um bem em disputa, e os conservadores, apoiados numa mídia de oposição, mostraram suas garras. E nós, antropólogos (herdeiros muito legítimos, por uma questão de formação), viramos os alvos dessa contenda.

38 No site original do Chihuahua Anão, havia uma coluna ao lado direito com a frase “Há tesouros por todas as partes”, retirada de um dos livros de tirinhas do Calvin, escritas por Bill Watterson.

39 <https://www.estadao.com.br/blogs/daniel-piza/ver-olhar-enxergar/>.

11/12/2009 O bacalhau de Lévi-Strauss

Tradução é um negócio complicado: difícil de fazer, fácil de errar. Um trabalho para estoicos.

Mas também é fruto de boas piadas, e eu não poderia deixar essa passar: estava lendo o *Via das Máscaras* do Lévi-Strauss (ok, estou meio noiado com o cara), cuja edição em Português é da Editora Presença, de Lisboa. Resolvi cotejar a tradução com o original, já que comprei a bíblia da Pléiade, com a edição revista e comentada de alguns livros do Lévi-Strauss (escolhidos e revistos pelo herói). Até que é legal o trabalho do tradutor Manuel Ruas, mas sempre se pode questionar algumas escolhas. Mas uma passagem é realmente cômica e, digamos, essencialmente portuguesa:

Veja o original em francês:

“Comunément appelés en anglais Red Cod ou Red Snapper, ces poissons de roche et d’eau profonde (...)” (Lévi-Strauss, versão original [Pléiade, Gallimard], 2008, página 907).

Minha tradução tosca:

“Chamados comumente em inglês de Red Cod ou Red Snapper, esses peixes de rocha e água profunda (...)”.

Agora veja a tradução do português:

“Comumente chamados em inglês Red Cod ou Red Snapper, esses peixes não são bacalhaus, mas peixes das rochas e das águas profundas (...)” (Lévi-Strauss, *Via das Máscaras*, 1981, editorial presença, Lisboa, tradução de Manuel Ruas, página 45.)

Quá, quá, quá, quá!!! Os caras têm que colocar o bacalhau em tudo! Quá, quá, quá, quá!!!

Isso certamente diz muito sobre o valor do bacalhau em Portugal. Tipo, a primeira imagem que vem à cabeça quando se fala em peixe é a do bacalhau. Aí o cara tem que dizer que o tal peixe não é um bacalhau, se não todos os mitos salish e kwakiutl vão virar um fado português.

Sorte a nossa que Bia Perrone-Moisés traduz o Lévi-Strauss nas edições brasileiras. A pergunta que me ficou é: qual será o nosso similar ao bacalhau?

10/07/2015 Réquiem a um grego

Em tempos de recusa ao arrocho fiscal por parte dos gregos, liderados pelo Syriza (que inveja devem fazer ao PT, não?), escrevo sobre um grego, mas sem relação com as boas notícias vindas da Grécia.

O grego é meu sogro, Dimitrios Ioannis Nikolaou, falecido em 03/07/2015.

Em seu *Pensamento Selvagem*, Lévi-Strauss inicia o livro com uma série de trechos do folclore europeu sobre a relação entre filhos/as e madrastas. O próprio nome do livro, *La pensée sauvage*, é um trocadilho com essa relação. Em francês, é o nome da flor que conhecemos como “amor-perfeito”. As passagens listadas por Lévi-Strauss remetem a uma relação entre a forma da planta e as relações sociológicas estabelecidas no parentesco quando aparece a “madrasta”. Isso tem relação com o argumento do autor sobre a relação entre a percepção do mundo sensível e sua organização a partir de lógicas sociológicas, mas não é o que interessa neste post.

A flor amor-perfeito ilustra a relação da madrasta e suas filhas com as/os filhas/os do casamento anterior de seu marido.

As lendas nos dizem que a madrasta é a pétala de baixo, imponente e que ocupa “um sofá inteiro”. As suas duas filhas estão acima, cada uma em uma cadeira confortável. E as filhas do casamento anterior, pálidas, ocupam ambas uma só cadeira (a pétala mais apagada de trás). A natureza oferece, assim, um modelo visual das relações de parentesco instituídas com o segundo casamento do homem, após ter perdido a primeira esposa. As lendas falam do lugar dos filhos do primeiro casamento: uma espécie de relação deslocada pelo movimento do parentesco, que constituiu novas relações (nova esposa e filhos), mas não pode apagar as evidências do parentesco anterior. A roda das relações de parentesco anda, mas nem tudo são, bem, flores. Vemos aqui o que Carsten chamou de “lado sombrio” do parentesco, numa crítica à visão positiva demais de Sahlins (a alusão ao “dark side” da mitologia de Star Wars é relevante, pois ela trata justamente de relações tensas de parentesco, afinal, “Luke, I’m your father”).

Não precisamos ir longe, e basta lembrar da história de Cinderela, ou de João e Maria para vermos algumas tematizações dessa relação. Dimitrios as viveu de forma drástica: perdeu a mãe ainda quando era criança. Ele e suas duas irmãs menores viram o pai casar-se novamente e ter mais filhos. A relação com a madrasta foi péssima e gerou a emigração dos três irmãos. Ao completar 18 anos, Dimitrios emigrou para o Brasil (no começo da década de 1960); suas irmãs emigrariam para Austrália, alguns anos depois.

Tenho trabalhado sobre a relação entre o parentesco e migração, e o exemplo de Dimitrios é a quintessência desse processo: excluído na recomposição do parentesco familiar, viu-se na situação de migrante. Mas a vida é cheia de ironias. Depois de constituir sua própria família, Dimitrios viu sua esposa sumir no mundo, deixando-o com duas filhas pequenas para criar.

O desafio e o sentido da vida de um imigrante se confundiram: como enfrentar essa situação? Num primeiro momento, Dimitrios buscou apoio das irmãs na Austrália e tentou migrar novamente, agora com as filhas. Passaram cerca de 8 meses por lá, mas, ao fim, as meninas queriam voltar ao Brasil. Dimitrios, encarando a situação, resolveu atendê-las e voltou. Retomaram a vida no Brasil, agora com o risco de uma nova volta da roda do parentesco a espreitar.

Mas a opção de Dimitrios reflete a superação do desafio, nos seus próprios termos. Recusou-se a casar novamente e passou o resto da vida dedicado, à sua maneira, a cuidar das filhas. Recusou a roda do novo parentesco, para não impor às filhas a exclusão da qual fora objeto quando criança (essa era a forma como ele encarava a situação). O parentesco, de um jeito ou outro, deu sentido à vida de Dimitrios, recusando a exclusão das filhas e enfrentando o desafio de criá-las sozinho.

Ao seu Dimitrios, meu adeus. Vão aqui minhas homenagens à vida de um homem simples, marcada por uma decisão difícil e vital, mas que lhe trouxe uma forma de realização: não impôs às filhas o que lhe foi imposto.

04/05/2013 Occupy antropologia

Um assunto tem me despertado a atenção e pode ser do interesse de alguém, principalmente antropólogos. O assunto é a crise econômica e seus impactos na antropologia americana. É um olhar de fora, muito de longe, mas ainda assim é alguma coisa.

Desde 2008, com a crise econômica, as universidades americanas passam por uma grande crise. A quantidade de professores com o tenure (que é o contrato de estabilidade no emprego, com salários condizentes) diminuiu. Segundo essa reportagem da Aljazeera,⁴⁰ apenas 24% dos docentes na universidade americana possuem o tenure. Os demais são professores adjuntos, cuja situação laboral é de total precariedade. Muito pior que professores substitutos nas federais brasileiras: salários ridículos, horas de trabalho a mais, discriminados pelos “tenured professors” etc.

Em termos gerais, temos uma precarização radical do trabalho dos professores universitários norte-americanos. Mas o que isso tem a ver com a antropologia? Bom, essa situação tem duas implicações relevantes (entre muitas outras). Primeiro é que ela gera entre os estudantes de pós uma grande insatisfação (que depois foi alimentar o movimento Occupy Wall Street), pois percebem que a porta está fechada para eles, e o sistema não está mais funcionando (está oprimindo). Essa insatisfação tem implicações políticas, como é óbvio. Mas tem consequências acadêmicas também (a segunda implicação): de repente, o capital virou o grande assunto antropológico. Tenho visto, como nunca tinha antes, muitos artigos e trabalhos sobre o grande capital em mil variações: etnografias de empresas de petróleo, de movimentos de resistência, de bancos de financiamento etc. Títulos como “Ethnography in late industrialism” (*Cultural Anthropology*), “‘Life is not for sale!’: confronting free trade and intellectual property in Costa Rica” (*American Anthropologist*), “Offshore work: oil, modularity, and the

40 <http://america.aljazeera.com/opinions/2015/6/killing-tenure-is-academias-point-of-no-return.html>.

how of capitalism in Equatorial Guinea” (*American Ethnologist*), “Infuriated with the infuriated? Blaming tactics and discontent about the greek financial crisis” (*Current Anthropology*), “Engaged anthropology in 2011: a view from the antipodes in a turbulent era” (*American Anthropologist*). A lista poderia continuar indefinidamente, e todos esses artigos estão nas duas últimas edições dessas revistas (e o mesmo tema parece importante também no JRAI, do outro lado do atlântico, basta ver o último número).

A agenda de pesquisa antropológica tem sido muito influenciada pela crise, como se vê. E o mote dessa agenda é um mote “occupy”, contra o 1% que domina o mundo (e as universidades). É como se a antropologia manifestasse seus inconformismos produzindo etnografias do capital. O que acho interessante é que essa agenda veio com força mesmo depois da crise, quando o sistema começou a falhar para os americanos. Isso trouxe de volta uma onda de ativismo antropológico e talvez reviva uma certa antropologia marxista pós-Boas (com suas boas e nem tão boas versões). Não que o capital não tenha sido objeto da antropologia, mas agora é uma espécie de necessidade.

08/05/2013 Occupy antropologia II

Outro lado da crise econômica na academia americana é a questão dos débitos estudantis. Você sabe, as universidades americanas custam muito caro. O cara faz um empréstimo para pagar depois, quando estiver trabalhando. Mas o mercado de trabalho agora está megaprecarizado. Resultado? Uma “armadilha do débito”. Ou seja, o cara estuda, fica com uma puta dívida e depois não consegue emprego que a pague.

Há quem diga que os empréstimos para os estudantes vão configurar uma nova bolha de crédito (muito empréstimo, economia em crise e muita gente dando calote). A ideia de que um crash está próximo ronda por aí.

Mas a questão é uma questão também de impactos intelectuais. Segundo esse post do Savage Minds⁴¹ (de onde eu tirei todas essas informações), Chomsky acha que isso leva os alunos a não terem tempo para pensar, pois tem que gastar todo o tempo de raciocínio em pagar suas contas. Qual seria o sentido em estudar antropologia, por exemplo, e depois não poder pensar como antropólogo, pois é preciso aceitar qualquer emprego para pagar as dívidas?

Mas Chomsky está errado: imersos nas dívidas, estudantes e intelectuais têm usado a antropologia para entender essa situação. O que é justamente o contrário da ideia do emburrecimento pelo débito. O que eu vejo é a antropologia em crise econômica pensando antropológicamente sobre a crise e a economia. Como se diz, se estamos no inferno, abracemos o capeta.

⁴¹ <https://savageinds.org/2013/03/27/anthropology-and-student-debt/comment-page-1/>.

16/05/2013 Débito e antropologia

Nos dois posts anteriores, falei da crise econômica e seus efeitos na antropologia americana. Basicamente, um grande e renovado interesse em estudar o capital e suas diversas modalidades. Faltou falar agora do débito. Também já falei de como os estudantes americanos estão mergulhados em dívidas, mas isso não acontece apenas na América: também acontece nas universidades no Reino Unido.

Não é por menos que o hit antropológico do momento é justamente um trabalho sobre o débito: “Debt: the first 5,000 years”, de David Graeber. Graeber é um anarquista, tentando reviver uma chama antiestatista na antropologia. E não tem sido muito difícil conseguir, dada a falência progressiva das políticas de bem-estar social dos Estados “desenvolvidos”. Graeber foi uma figura importante no movimento Occupy, principalmente por defender que o movimento não tivesse lideranças no modelo tradicional da esquerda. A ideia era e é a criação de movimentos horizontais, sem nenhum espaço para uma vanguarda revolucionária.

Graeber é visto e se vê como um ativista radical, e muitos estudantes têm ligado a carreira de Graeber à crise acadêmica americana: o nosso radical não conseguiu se estabelecer na universidade americana. Yale recusou-se a dar-lhe o tenure. Exilado da vida acadêmica americana, Graeber partiu para a Inglaterra, onde trabalha na London School of Economics and Political Science.

Muitos estudantes olham para um autor que tem um reconhecimento internacional pelo seu trabalho e ainda assim não consegue o tenure e pensam que não há mais espaço na academia, outros pensam que, sendo um radical, não há mesmo espaço. Outros acham as duas coisas. Vale destacar que o débito (muitos diriam a dívida) entra mesmo na agenda quando o sistema econômico começa a pipocar e as pessoas sentem na pele seus efeitos: débitos estudantis, sem mercado de trabalho e exílio para os radicais.

Daqui de longe, em terras brasileiras, alguns efeitos dessa crise se fazem sentir: por um lado, pós-docs estrangeiros aumentando, alunos de doutorado estrangeiros aumentando, candidatos estrangeiros em concursos aumentando (falo aqui de estrangeiros vindos dos países desenvolvidos). Por outro, há um súbito interesse em projetos internacionais com brasileiros (com grana de instituições brasileiras, é claro).

O que me interessa mesmo é que o caminho do radicalismo é o anarquismo, o que me parece muito lógico: as demais políticas de revolução de esquerda acabaram sempre em governos autocráticos ou em governos que lentamente tornam-se reacionários (como temos visto na união do PT com os ruralistas do DEM).

A antropologia do débito é antiestatal.

02/12/2011 Antropologia no jardim da infância

Neste ano, Dimitri, meu filho mais novo, completou o ensino infantil, e parte ano que vem para o fundamental.

Tivemos formatura e tudo, foi bacana. Como presente aos pais, a escolinha entregou uma apostila com transcrições de alguns debates entre as crianças, após algumas histórias terem sido contadas.

É o máximo, mas o que me intrigou foi uma discussão sobre parentesco entabulada por Dimitri e uma amiguinha:

— Eu tenho saudade do pai da minha mãe (amiguinha do Dimitri).

— Ele não é seu avô? (Dimitri).

— É, e também é o pai da minha mãe (amiguinha do Dimitri).

— Ai meu Deus! Todo pai da mãe é avô (Dimitri).

Engraçado, não? É uma discussão sobre terminologia, que esconde um grande debate, apesar da simplicidade.

E não, o Dimitri não está certo! (dependendo do ponto de vista, claro).

O avô não é o mesmo que o pai da mãe. E a diferença entre esses dois processos de classificação foi ignorado durante muito tempo. Acontece que, por acaso, estou relendo umas coisas do Schneider (antropólogo americano fodão) e me deparei justamente com essa diferença. Schneider produziu uma tese sobre parentesco em Yap (ilha da Micronésia), defendendo uma descendência dupla (coisa que renegaria tempos depois). Isso era um problema lógico por vários motivos, principalmente porque Murdock (outro antropólogo fodão), que estava na banca do cara, não acreditava naquilo.

Schneider ficou pistola, pois a flexibilidade no uso dos termos de parentesco em Yap era evidente para ele, mas não tinha como convencer Murdock (a história é bem mais complicada, mas ficamos por aqui). Daí ele começou a pensar em como provar que o uso dos termos de parentesco era muito mais flexível do que a teoria queria acreditar (isso seria uma crítica dura aos linguistas e radicais do parentesco). Voltou suas armas para o parentesco americano, pois todo mundo (no caso, eram todos americanos) saberia do que ele estava falando. E foi lá provar como os termos de parentesco eram muito mais flexíveis, e essa flexibilidade levava em conta as relações que as pessoas estabeleciam entre si. Um tio poderia ser um “tio” ou simplesmente um “filho da puta do caralho”. E, vejam, falamos de duas formas de classificação para a mesma posição estrutural.

Dimitri e a amiguinha reproduziram o mesmo debate, no jardim de infância. Avô, para o Dimitri, é uma categoria única e que engloba todos os pais das mães e dos pais.

É que ele tem dois avôs e uma relação intensa com um deles, pelo menos, e bacana com outro. Avô é uma categoria que não precisa de um termo de mediação (pai da mãe). Mas quando a coisa vira para uma das avós, ele usa justamente o termo de mediação. Na mesma apostila, em outro momento, ele diz: “Eu acho que a mãe da minha mãe morreu, porque eu nunca vi ela”.

Aqui a mediação (mãe da mãe) é um índice de distância (ele praticamente não a conhece). Ou seja, mãe da mãe e avó não são a mesma coisa: uma é distante, a outra é presente. Seria o caso se ele falasse da outra avó, com quem se relaciona bastante.

Falam daquilo que Schneider falava: os termos dependem das relações, o que dificulta qualquer álgebra do parentesco. Isso aí acabou numa crítica bem intensa à teoria do parentesco, por um lado, mas também num impulso a uma nova ideia de parentesco, em que as relações importam mais que a álgebra.

Enfim, Dimitri fez o papel do Murdock lá no seu debate com a amiguinha!!!

Temos a antropologia no jardim da infância.

Antropologia

PARTE 5
OPŢIUNZ

antropologia

e mafagafos

07/11/2009

Capitalismo mítico

Tenho pensado já há algum tempo em como nós, antropólogos, relegamos as qualidades míticas do capitalismo para um plano do “resquício”. É como se nada produzido pelo capital fosse real e puramente mitológico, como uma boa narrativa tukano, por exemplo (ok, foi um chiste inevitável).

Essa postura “pró-encantamento”, digamos assim, teve algumas configurações sérias, como no texto que publiquei na *Mana* (“Sobre bebês e totemismo”). Nesse texto, fiz uma etnografia do quarto dos meus filhos (e de outros) e, a partir de uma curiosidade sobre aquela fixação por bichinhos e coisinhas em tudo que se refere às crianças, escrevi uma reflexão sobre totemismo “dentro de casa”. De alguma forma, dialoguei com autores como Lévi-Strauss, para quem o totemismo tinha um lugar apenas periférico nas sociedades ocidentais (eu truco).

Mas aqui no blog dá para brincar mesmo. E a palavra é adequada, já que toda essa reflexão deriva da intensa experiência de ser pai de dois meninos, de assistir com eles aos desenhos, de brincar com os milhares de brinquedos, de jogar videogame etc. (impossível fugir da referência do mundo das crianças).

Surgiu a ideia de produzir uma narrativa que fosse algo como uma “antropologia descontrolada”. Mas de fazer uma “intervenção” com uma outra linguagem para dizer coisas essencialmente antropológicas. No caso, o meu programa de mostrar que somos tão mitológicos como os outros.

20/11/2009 Violência e violências: algumas comparações desavisadas

Quem gosta de futebol acompanhou nesta quarta-feira uma sucessão de violências em dois jogos: Palmeiras x Grêmio e Fluminense x Cerro Porteño. No primeiro, uma inusitada sucessão de sopapos entre Obina e Maurício, ambos do Palmeiras. Depois, uma porradaria coletiva, entre os atletas do Cerro e do Fluminense.

O tom sobre as porradas foi bem diferente: a briga particular de Obina e Maurício foi amplamente condenada, porque prejudicava o time. Foi comum ouvir coisas do tipo: “isso é coisa do futebol, acontece, mas tem que ser resolvido no vestiário”. O tom geral era não a condenação do gesto de violência em si, mas o de sua publicização. O moralmente correto, deduz-se, era que os sopapos fossem trocados no vestiário e não no campo. A violência em si, segundo comentaristas e jogadores, é normal, coisa do jogo.

Já a outra porradaria teve condenação pela “covardia” dos jogadores do Cerro, que agrediram até um gandula. A reação à covardia foi tida como normal, coisa de macho mesmo. As declarações do Fred (jogador do Fluminense à época) ao final foram contundentes, mostrando, de certa forma, que a reação dos jogadores só podia ser o revide. A repercussão na imprensa não condenou os jogadores do Fluminense: apenas lamentou a covardia dos paraguaios (termos da imprensa, não meus).

Assim, temos uma violência justa e outra injusta, mas não pelos atos em si (as duas envolvem pessoas se batendo), mas pelos códigos que uma delas quebrou (expôs publicamente uma violência que deveria ser privada) e por uma reação necessária a uma agressão covarde (nesse caso, a resposta violenta correspondia ao código, era uma necessidade).

Mas, no fim, alguém sempre pode falar que eram lá uns marmanjos se estapeando. O que me interessa nessa história é entender como a gente pode ler essas condutas tão inconscientemente. Eu achei absolutamente normal a repercussão, entendi naturalmente as “regras do jogo”.

Depois, no dia seguinte, foi a cerimônia do Judô dos meus filhos, na escolinha. Foi tudo bem, tirando que o Dimitri, o mais novo, ficou emburradão o tempo todo e só se soltou depois que acabou. Aí ele começou a brincar intensamente com o amigo Gabriel. E eles, claro, brincavam de luta. Tapa para todo lado, sem dó.

A porrada de brincadeira (com consequências roxas) estava rolando alegremente até alguém dar bronca nos dois: “não é pra brigar, é pra lutar, tem que fazer direito”. Eu achei meio irônico, mas os dois entenderam na hora e começaram a “lutar judô”. Com a mesma intensidade e consequências, mas estava certo agora.

Moral da história: tudo tem suas regras, principalmente a violência.

28/11/2009 O direito à redundância

O pensamento estruturalista, entranhado nas mentes de todos nós, tem algum problema com a redundância (acho que é por isso que na França alguns lacanianos tiveram posições tão estúpidas e preconceituosas em relação ao casamento gay). Ontem fui almoçar no shopping e pedi minha habitual bebida gasosa de limão. Aquela soda aguada (desnecessário fazer marketing). Como sempre, pedi com gelo e limão. A moça trouxe os copos com gelo. Reclamei, claro, e ela disse: “mas quer mais limão?”.

Sim, quero, ué. Depois veio o limão, trazido por uma cara azeda.

Hoje, no meu restaurante baratão de sempre, pedimos a soda aguada de novo. Dois copos com limão e gelo. Adivinhou, né? Vieram só os copos e os gelos. Nada de limão. Como havia uma certa pressa, nem deu para reclamar. Que diabos, por que não me dão o direito à redundância? Acho que vou ter que fazer um texto mito-prático e espalhar a crença que o limão e a soda gasosa são de naturezas diferentes, apesar do limão. Apostar na oposição natural/artificial, talvez. Quem sabe fica mais fácil ser redundante.

16/12/2009 Placas estranhas

Eu tenho um problema com as placas de sinalização em geral. Elas me irritam, desagrada-me o tom imperativo. Não que sejam todas imperativas, mas uma boa parte é. Acho que a birra vem de quando eu pegava meu ônibus Gardênia, quase todo final de semana, entre Campinas e Itajubá.

Eram cinco horas de viagem (ninguém merece aquele ônibus). E eu sempre sentava no corredor, pois havia aquela chance de ir sozinho nos bancos. Claro que nunca funcionava, mas enfim, a gente se habitua com as manias. No corredor, a única coisa que chamava minha atenção era aquela plaquinha prateada lá na frente, que dizia: “CUIDADO DEGRAUS”. Eu tive milhares de horas com essas placas, pude conversar, trocar ideias e, gradualmente, me enfurecer com elas.

No fim, permanecia a dúvida: era para os degraus terem cuidado? Não deveria haver uma vírgula (ou um travessão, dois pontos, sei lá): “Cuidado, degraus”? Eu cheguei à conclusão, nessa conversa de anos, que a placa era um aviso aos degraus (coitados, todo mundo vai pisando neles sem cerimônia). Claro, era tudo fruto de uma certa economia linguística que autoriza qualquer coisa nessas placas. Acho que quem pensa nas placas pensa em ordens sem pontuação e tem certeza que não há possibilidade de outras interpretações.

Mas o diabo é que elas existem. Toda essa história dos degraus fica sempre latente na minha cabeça, e ontem no shopping outras placas despertaram a raiva cozinhada em fogo brando durante os anos de Gardênia. “CUIDADO PEDESTRES”. Só que nessa placa a confusão dos sentidos é ainda mais perigosa: é para o motorista ter cuidado com os pedestres ou para os pedestres terem cuidado com os motoristas? No segundo caso, estou autorizado, como motorista, a passar feito um louco pelo estacionamento, afinal os pedestres estão avisados para serem cuidadosos.

Esse duplo sentido é fruto desse caráter imperativo? E há um duplo sentido imperativo, o da própria placa, por um lado, e o do cara que pensou a frase: ele só pode pensar que haverá uma interpretação única, sei lá. Mas a língua é um negócio ambíguo para caramba.

Depois, vi uma placa mais telúrica e achei engraçado: “SENTIDO ÚNICO”. Então, qual sentido? A visão, audição ou o tato? Ou o cara quer dizer por decreto que eu devo deduzir apenas um sentido do que ele está falando? Tipo, isso aqui não é para ambiguidades, o sentido é único. Que placa difícil essa!!!

28/12/2009 O Ano-Novo e a vaca autista

O chihuahua está de férias, mas algumas coisas merecem uma menção, mesmo no período sagrado de overdose de pernil de porco (costuma ser assim por aqui).

Estava zapeando os canais e me deparei, do nada, com a seguinte legenda, enquanto uma mulher falava alguma coisa:

“Preço da vaca segue trajetória autista em Assunção”.

Ahnn, como é? A vaca paraguaia segue um caminho autista? O preço da vaca é estipulado por autistas em Assunção? Há uma trajetória autista em Assunção e a vaca e seu preço a seguem? Há outros seguidores?

Ok, era um canal desses rurais, discutindo a cotação do gado na América do Sul. Legal até, em tempos de conexões sul-sul. Mas essa legenda é psicodélica demais, o cara estava em overdose de pernil, ou algo assim.

Final de ano dá nisso!!! E é uma oportunidade de ouro para garimpar legendas psicodélicas.

O chihuahua, de férias, deseja a você um Ano-Novo com legendas psicodélicas e outros tesouros por aí, porque, você sabe, há tesouros por todas as partes.

27/01/2010 A etiqueta de Lévi-Strauss

Há várias boas histórias sobre como os livros do Lévi-Strauss são tratados pelas nossas livrarias. Eu ouvi algumas e nunca soube se eram mesmo verdade ou se eram apenas plausíveis e, por isso, tinham virado histórias.

Alguém, que eu não lembro quem, me disse que viu, ou que alguém lhe disse que vira, o livro *O cru e o cozido* (um dos livros das mitológicas) na seção de culinária em uma livraria. Outra história diz que o livro *Pensamento Selvagem* havia sido comprado por uma biblioteca de exatas na Unicamp porque possui um capítulo que se chama “A ciência do concreto”. Essa é mais difícil de acreditar, mas é ótima.

Outra típica de livraria é a que alguém me contou: o *História de Lince* estava na seção de história natural, junto com os livros de divulgação da teoria da evolução. Há de se convir que Lévi-Strauss não facilita nos títulos.

E sempre duvidei dessas histórias, até uma semana atrás, quando eu passeava distraidamente (as crianças estavam no cinema) pelas estantes de uma livraria em Ribeirão Preto. Deparei-me com a capa do livro marrom-avermelhado *Origem dos modos à mesa*, outro volume das mitológicas, colocado cuidadosamente na seção de “etiqueta”. Eis que presencio o mito em pessoa: Lévi-Strauss está em todos os lugares! E agora, com as câmeras de celular, pude até comprovar o fato.

Mas daí me veio a dúvida: é melhor mostrar a foto ou só espalhar a história? Acho que com a foto o que era uma lenda engraçada vira um fato a ser esquecido. Parece que as imagens hoje ajudam a encurtar a memória (o Jameson é que estava certo).

18/02/2010 Propaganda enganosa

Esses dias vi uma propaganda do CONAR (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária), afirmando que pune e está de olho nas propagandas enganosas.

Será que o CONAR pode punir a própria propaganda? Acho que ela é meio enganosa. No fundo, qualquer propaganda é enganosa. Se você pode vender sensações e atrelá-las a produtos, você está enganando. Se se sentir bacana é o efeito de uma propaganda da Nike, sentir-se popular, o efeito de uma propaganda de cervejas, sentir-se bonito e irresistível, o efeito de uma propaganda de desodorante, bem, então é tudo mentira. E, no fim, é mentira dizer que se combate a propaganda enganosa, porque hoje em dia não há como a propaganda ser verdadeira. É claro que o nível básico

das propagandas e seus “interesses ocultos” é para quem tem QI de abóbora. Uma propaganda qualquer mostra que um cara passa o desodorante e 50 gostosas pulam no colo dele. Se você é mais esperto que uma abóbora, vai sacar que isso é uma coisa sugestivamente estúpida. O problema é que funciona.

Daí vêm as propagandas mais cruéis, como aquela em que o cara fica feliz em dar um celular para a filha, depois de se separar. Putz, o publicitário tem que ser muito escroto para vender em cima da dor dos separados. Isso é ou não propaganda enganosa? Para mim é. Enganosa e cruel, deveria ter um agravante na punição. Mas não acho que seja isso que o CONAR chame de “enganoso”, senão teria que punir a si mesmo.

Ou será que dá para ter propaganda sem vender emoções que não têm relação nenhuma com o produto? Se tiver, sou a favor.

Enfim, se pelo menos as propagandas de cerveja e bebida fossem banidas, já seria algo. Ou tem sentido vender cerveja e vodka como coisa de gente festiva, popular, sadrada e descolada? Já se proibiram as propagandas de cigarro, por que não as de bebida? É um puta problema social o que a bebida causa, será que não dá para acabar ao menos com esse tipo de propaganda?

E por falar em propaganda enganosa, será que o CONAR pode punir jornais que divulgam pesquisas eleitorais com propaganda enganosa? No fim, estamos todos enganados!!!

26/02/2010

Ninguém merece

Passeando por livrarias, tenho notado um movimento de alocação curioso dos livros de antropologia: estão agora na parte de filosofia (será que é fruto da antropologia dos discípulos do EVC?).

Antes, havia uma lógica semelhante à dos cursos de ciências sociais: havia um espaço para sociologia, ciência política e antropologia (sempre menor, mas estava lá). Agora temos sido compactados com a filosofia. Tem gente que vai gostar, mas eu não consigo achar um bom sinal, vendo os processos de desmobilização da antropologia na França e Inglaterra (com os cultural studies).

Mas o problema nem é exatamente esse. O meu “ninguém merece” vai para a prateleira de antropologia da Saraiva que vi hoje. É uma prateleirinha só, tipo um metro de livro. E metade dela está ocupada com o livro do Demétrio Magnoli sobre raça. Ninguém merece.

28/02/2010 Avatar mais e menos

Então, post meio fora de hora, mas só vi o tal do filme agora. O problema é que não resta muito a dizer, todo mundo escreveu para caramba sobre isso.

Mas de tudo que eu li, o melhor comentário que escutei (li muita coisa, mas o mais legal me foi dito, ok?) foi o do meu amigo e colega de departamento Piero Leirner (o Piero é desses que a gente pensa, “putz, por que o cara não faz um blog?”. Sorte a minha que escuto o cara no bar). Ele me disse: “o Avatar é um filme mais e menos. Nas partes em que é mais é mais demais e nas que é menos é menos demais, não é um filme mais ou menos”.

Senti exatamente isso. Legal o diálogo “é o terror contra o terror”... Os gringos se colocando no lugar dos selvagens? Claro que é. E é legal, mano. Agora o humano “incorporado” liderando a reconquista, bom, isso é Hollywood demais, né? Tipo “Último samurai”, aquela merda de filme. Ou o “Dança com lobos”, toda essa filmografia da culpa, que costuma idealizar os nativos como santos. E criando esse dilema: “Pô, os caras não eram santos? E agora tem índio aí derrubando árvore!”. Os estereótipos são mesmo uma prisão.

Para os antropólogos fica aquela coisa de lembrar do debate entre Sahlins e Obeyesekere (o primeiro é o antropólogo mais interessante vivo, o segundo é um cara que fez sucesso batendo no primeiro). O Obeyesekere criticava a antropologia do Sahlins no diapasão de que há uma mitografia ocidental que atribui aos ocidentais sempre o papel de deuses entre os nativos. O Sahlins falava de identificação do Capitão Cook com o deus havaiano Lono.

Sahlins destruiu a argumentação do Obeyesekere, que era bem frágil (em relação à obra do Sahlins). Mas depois de ver o filme, é inegável admitir que há mesmo uma piração de deificação ocidental. O outro lado disso é uma outra piração “eram os deuses astronautas?”, sobre a qual ainda escrevo um post.

Uma curiosidade é o nome do planeta dos Na’vi: Pandora. Tradução barata, via Wikipedia: “a que tudo dá”, “a que possui tudo”. Faz sentido com o filme, tipo mãe natureza. Mas Pandora, bem, ela abriu a caixa do marido (Epimeteu, irmão de Prometeu) e acabou espalhando o caos por aí. Desde então convivemos com a desgraça na vida humana. Um pequeno trecho do Vernant, sobre Pandora:

“Todos os sofrimentos que os homens... Suportam... Hesíodo indica claramente sua origem: Pandora”.

08/03/2010 A fabricação das mães

Post para o dia das mulheres.

No carro, lá do fundo de sua cadeirinha, Dimitri dispara:

— Por que o vovô lava a louça?

— Ué, porque ele mora sozinho, Dimi. Quem mais lavaria?

— Ah, então a gente precisa arrumar uma mãe para ele! Assim ele pode ficar descansando enquanto ela faz tudo para ele...

Pequenas percepções inconscientes de um mundo injusto às mulheres!

23/04/2010 The Cure e a memória

Esse é um blog drive-through, acho que só tenho tempo para pensar num post quando estou no carro entre Ribeirão e São Carlos (numa cidade eu moro, noutra eu trabalho).

Inevitável que os posts sejam inspirados pelo que rola no CD-player. Sabe como é: cana-de-açúcar por todos os lados, retas e retas... A música acaba te levando para um estado alfa.

Esses dias estava ouvindo o incrível e maravilhoso CD do The Cure, de 2004 (isso mesmo, recente para caramba, e os caras ainda lançaram um em 2008). Chama-se “The Cure”. Tudo bem, o nome não é tão criativo, mas o CD é do caralho. Começa com uma porrada, “Lost”, mais Robert Smith, impossível.

E foi isso que me atacou, dentro da minha cabeça tortuosa. Era a segunda vez que escutava o tal CD, tinha acabado de “comprar”. Embora fosse um CD formalmente desconhecido, era como se eu o escutasse há 23 anos (que foi quando ganhei o “The head on the door”, que é de 85, mas ganhei em 87). Cara, aquilo é The Cure demais, parece que saiu do meio do “Kiss me Kiss me” (se você não sabe, é outro disco dos caras – na época ainda eram discos, LPs).

Fiquei achando incrível que o Robert Smith tenha continuado tão Robert Smith. Porque se você pegar o som de 2004 e qualquer outro do The Cure da década de 1980, será a mesma sonoridade. Parece até que ele usa os mesmos instrumentos, mesas de som, pedais, sei lá. Não dá para reconhecer que o The Cure (2004) foi feito no século XXI.

Isso tem um lado absolutamente reconfortante. Cara, aquilo desce redondo. Como se eu estivesse em casa. E, na verdade, eu estava: na casa da minha memória, confor-

tavelmente instalado. Uma novidade sonora que funciona como um puff antigo para pôr os pés, sacou? E fiquei lembrando da época da Unicamp – sabe aquele idílio da faculdade que a gente inventa quando saiu de lá? E fiquei lembrando por conta de uma música que eu não conhecia e não escutava na época. Mas basta a sonoridade “aconchegante”. A memória opera por caminhos tortuosos.

E claro, às vezes acontece o contrário: há sons de uma mesma banda que marcam sucessões no tempo. Tipo escutar o “Unforgettable Fire” do U2, depois escutar o “Achtung Baby”. Daí minha memória separa bem década de 1980 da década de 1990. Ou sei lá, Bowie, para radicalizar. Parece mais natural esse caminho de ir se transformando, mudando as sonoridades. O The Cure parece uma excentricidade: radicalmente igual a si mesmo, confunde a minha memória.

14/05/2010 O que interessa

Bom, nessa selva pré-eleitoral, com os chilikos da mídia contra a candidatura do governo, com os ataques às populações indígenas pela Veja, com a chatice dessa campanha antecipada, vamos ao que interessa:

A Copa do Mundo. Sim, isso interessa!!! E me interessa mais, muito mais (acho) o fenômeno do álbum de figurinhas da Copa. Mano, que diversão fazer esse álbum (aliás, se alguém aí tiver, me faltam a 36, 195, 494, 518 e 559). Em qualquer cidade, o fenômeno das trocas coletivas tem se repetido aos fins de semana (e também aos finais da tarde, com menos intensidade).

Uma galera que não se conhecia chega lá, com os bolos de figurinhas nas mãos, e troca ensandecidamente. Essa é a coisa mais legal do álbum: as trocas ensandecidas. Essas mobs de fim de semana são uma coisa muito legal. Se eu tivesse tempo, faria uma etnografia sobre isso. Se alguém quiser ajudar, podemos fazer algo coletivo, multiatorial.

Algumas questões me chamaram atenção:

1) A determinação do valor das figurinhas. São milhares de lógicas que ultrapassam obviamente o valor “em si” de cada figurinha: as brilhantes valem mais, as brilhantes 0, 00, 000 e 1 (a taça) valem ainda mais. O escudo brilhante do Brasil vale muito. As figurinhas de estádio valem mais em alguns lugares e os jogadores costumam não valer nada a mais (irônico, não?). É uma questão de proporção, talvez. São poucas brilhantes e poucos estádios em relação aos jogadores. O que não quer dizer que não haja jogadores valiosos: os do Brasil sempre somem rápido dos montes de troca. Alguém me disse que por eles há “demanda” até de quem não faz o álbum, para ilustrar cadernos, diários etc.

2) Os regimes de troca. As formas são variadas. Troca-se uma para uma a princípio, mas pode ser mais figurinhas por uma brilhante (já troquei 10 pela figurinha da taça). Mas há trocas amigáveis, como, por exemplo, quando a um trocador faltam poucas figurinhas e ele tem muitas repetidas. É comum que ele troque suas repetidas por outras repetidas de alguém que ainda tem muitas figurinhas faltantes. Eu dou uma que interessa ao outro trocador e ele me dá em troca uma que eu já tenho. Troca-se, neste caso, para manter a troca operando. Esses trocadores parecem desenvolver uma lógica da solidariedade, que pode implicar na “troca de listas” (falo abaixo). Há quem venda suas repetidas e há quem compre, desde que o valor seja o “de mercado”, ou seja, 15 centavos. Outros aceitam pagar mais pelas brilhantes. Mas parece que há uma lógica entre trocadores: melhor completar o álbum trocando: comprar figurinhas avulsas “não tem graça”.

3) Troca de listas. A troca de figurinhas sistemática leva à “troca de listas”, o trocador passa sua lista de faltantes para outros, que buscam encontrá-las em suas próprias trocas. Acontece quando faltam poucas, momento mais difícil da troca. Tenho essa lista de faltantes rodando por aí com alguns parceiros de troca e tenho as listas deles comigo (já completei o álbum de um deles: acabei ganhando o monte enorme de repetidas). Esse garimpo derradeiro é a parte mais legal da brincadeira.

4) Figurinhas mico/valiosas: quanto valem as figurinhas dos jogadores que estão no álbum, mas não vão à copa? Já vi dizer que valem menos. Será? Ou valerão mais por conta da excentricidade? Sei que me falta o André Santos,⁴² e não acho para trocar!

Enfim, o máximo mesmo seria se agora lançassem as figurinhas dos caras que vão, mas não estão no álbum. Imediatamente valeriam muito!!!

Se alguém tiver algo a dizer sobre as trocas, me deixe saber, ok?

27/05/2010

O império do mal

Cara, propagandas às vezes gelam minha espinha.

Em geral, é onde podemos perceber mais rapidamente os novos ventos ideológico-culturais. Os marqueteiros são rápidos.

Estava vendo televisão e, de repente, sou invadido por uma multidão cantando John Lennon: “imagine there is no countries...”. Depois percebo que é um banco cantando para mim: “I hope someday you’ll join us”.

⁴² Jogador que constava no álbum da copa de 2010, mas não foi convocado.

Fiquei com medo. Então para libertar o mundo (o sonho do Lennon) a gente tem que ser guiado por um banco?

Quem acha que o império financista (e seus ideólogos) perdeu poder simbólico com a crise de 2008 só pode estar errado.

18/07/2010 O polvo, a magia e antropologia

Ainda sobre a copa, claro.

Você certamente sabe que o grande ganhador da copa é aquela porra de polvo, mais pop que o papa, como diriam uns roqueiros brasileiros.

Eu, obviamente, não tenho nenhuma competência para falar do polvo e de magia na sociedade atual, então recomendo dois posts bacanas, um do Dan Sperber no *Cognition and culture*⁴³ e outro do Paulo Granjo (antropólogo português, no *Antropocoiso*⁴⁴).

Agora, que é engraçado milhões de pessoas reverenciando um oráculo-molusco-marinho, ah isso é.

Como eu digo: há tesouros por todas as partes.

18/08/2010 Perspectivismo sem noção

Cara, tenho ficado um tempo sem postar, acho que é uma crise habitual para quem tem blog (ainda sou novo nessa história). Mas tenho me retraído pela chatice sem fim da discussão política atual. Sabe como é: quem vota em x acompanha os blogs x', quem vota em y, acompanha os y'. E há a tendência a x' não gostar de y' (e o jogo da trollagem básica). Como diria o Cassiel, meu primogênito, a respeito do desenho do Barney: "pai, chato pra caramba". Esse climão fla-flu é um saco. Ainda mais para quem, como eu, decidiu votar no Plínio, que fica na minoria-traço absoluto. E nem precisa me indicar os blogs pró-Plínio, que também não tô a fim.

Por tudo isso não tenho vontade de falar muita coisa. E por isso esse post sem noção (ainda chego lá). É tão sem noção que começa pelo fim. Deveria ser um post depois de outro, que explicasse a associação básica e o motivo. Mas como estou a fim de badernar mesmo, comecemos pelo fim.

43 <http://cognitionandculture.net/blogs/dan-sperber/paul-the-octopus-relevance-and-the-joy-of-superstition/>.

44 <https://antropocoiso.blogspot.com/2010/07/rais-parta-o-polvo.html>.

Você já viu o Mutano? Aquele personagem dos Novos Titãs, da DC Comics... Teve aí uma série de desenhos sobre os novos titãs, meio anime, que meus meninos gostam muito (é bem legal mesmo, engraçado). E o Mutano é o mais imbecil dos personagens e o mais engraçado. É tipo um super-herói inútil. Há uma entrada muito engraçada na Desciclopédia (principalmente por indicar que o Mutano pode se transformar em mafagafos). Basicamente, o Mutano é um cara que pode se transformar em qualquer animal e é verde (e todos os bichos ficam verdes). É como se qualquer um dos bichos votasse na Marina.

É da série de heróis perspectivistas: eles são sempre humanos, mas em várias formas. Como se os animais nos quais se transformam fossem apenas roupas. O cara vira uma galinha e continua pensando como um humano e, em geral, fala como um humano. A versão mais moderna desse herói é o Ben 10, que vira alienígenas, mas continua humano.

Fiquei pensando que somos muito perspectivistas para pensar em super-heróis assim, só que não levamos a coisa a sério como os índios da Amazônia, que levam isso para o centro das cosmologias. Aqui fica meio que na periferia da nossa cosmologia, aquela dedicada às crianças. Não tem nada mais perspectivista que desenho animado. Já pensou que o Pluto é um cachorro que interage com o Pateta, que é outro, bem, cachorro?

Não, não é escravidão: é só um cúmulo do perspectivismo. Como se tivesse dado tilt e duas dimensões que não deveriam estar no mesmo plano de perspectiva permanecessem, entretanto, juntas sem problemas. Ah, ou não, sei lá.

Enfim, isso foi um desvio. Mas imagine que o Mutano virasse uma galinha e pensasse como uma galinha... Seria muito legal, mas provavelmente ele não voltaria a ser humano, já que provavelmente as galinhas acham que o melhor jeito de estar no mundo é o jeito galináceo. Não teríamos mais esses super-heróis, o que seria uma pena, mas teríamos uma puta ideia legal (tipo o contrário do Kafka, o cara vira uma barata, mas acha sua baraticidade o máximo).

Aí fiquei pensando uma cena legal. Suponha que o Mutano realmente vire outros animais (e pense como eles e não como humano) e descubra que o Ser do bode é o melhor Ser que há. E que em todo o seu tempo livre, dedique-se a explorar uma bodicidade. Imagino o desenho, a galera dos titãs ficando puta que o cara só quer saber de ser bode e nada para o heroísmo. Até que a Ravena (que tem poderes psíquicos) entra na mente do Mutano e descobre a delícia de ser bode. E ficam os dois ligados nessa parada, viciados em bodicidade, trancados no quarto e apenas sendo bodes.

Seria o máximo. E claro, isso tudo não tem nada a ver com nada. E a ideia me veio por uma associação mais nada a ver ainda, que é uma crítica social ao centrismo amestrado do PT, mas se der eu conto isso em outro post. Por enquanto, chega de delírios.

20/10/2010 Bíblia Redux

Bíblia Redux, segundo o profeta Piero Leirner:

- 1) Os quatro elementos + pedra
- 2) Tomate
- 3) Milho
- 4) Mandioca
- 5) Algodão
- 6) Girassol
- 7) Abelha
- 8) Capim
- 9) Boi
- 10) Humanos
- 11) Salmão
- 12) Algas
- 13) Galinha
- 14) Cebola
- 15) Banana
- 16) Urucum
- 17) Ipê
- 18) Limoeiro
- 19) Salmão

E tudo começou com uma reflexão sobre uma relação entre o tomate e a vida, que terminou com a conclusão que o tomate é a vida.

27/11/2010 Opções, loucuras particulares e o consumo

Eu tenho alguma dificuldade para escolher roupas, para além do habitual masculino.

Deve ter algo a ver com meu ligeiro daltonismo.

A princípio eu resolvi o dilema pela simplificação: só comprava e usava camisetas Hering brancas. Depois passei a complexificar: inseri as cores no processo. Várias cores de camisetas básicas Hering (não consigo usar nada que porte mensagens que eu não escrevi).

Depois eu complexifiquei mais um pouquinho, comecei a usar as camisetas em várias cores (as camisetas Hering com duas listras nos ombros, as listras variam de cores).

É um processo de complexificação do consumo, estruturando minha apresentação para o mundo. Lembrei-me do Asilo Arkham, clássica história do Batman, quando ele encontra no Asilo o Duas-Caras e conversa com a psiquiatra do bandido. Veja o que acontece:

Batman: “Duas-caras?”

Médica do asilo: “Por favor Batman, nós realmente preferimos que você chame Harvey Dent pelo verdadeiro nome”.

Batman: “O que fizeram com ele?”

Médica do asilo: “Fizemos? Ele está sendo curado. Este lugar é um hospital, Batman, caso tenha esquecido estamos aqui para tratar de pessoas. Na verdade, nós conseguimos conter a obsessão de Harvey com a polaridade. Tenho certeza que você conhece essa moeda de prata... Riscada num dos lados, perfeito do outro. Ele a usava para tomar suas decisões, como se, de algum modo, isso representasse as metades contraditórias de sua personalidade. Nós trocamos o hábito da moeda por um dado. Isso lhe deu seis opções ao invés de só duas. Harvey se saiu tão bem com o dado que nós o convencemos a usar cartas de tarô. São 78 opções abertas para ele agora, Batman. Já estamos pensando em passar para o I-ching. Em breve ele terá uma capacidade de julgamento completamente funcional, não mais baseada em conceitos absolutos de branco e preto.”

Batman: “Só que agora Harvey não consegue tomar uma simples decisão, como ir ao banheiro, sem consultar as cartas. Me parece que vocês destruíram definitivamente a personalidade dele, doutora.”

Punk esse trecho, não? Claro, as camisetas são uma pálida versão do dilema “Duas-Caras”, mas, faz algum tempo, eu descobri que a Hering não está mais produzindo

as camisetas simples com as listras duplas... Entrei em pânico, procurando pelas remanescentes em qualquer loja que encontro. Como vou fazer sem as camisetas? Os caras criam um hábito, depois querem tirar a minha moeda? Será que eles destruíram algo da minha personalidade, como a doutora do Duas-Caras? Caralho, cadê o meu Batman?

Resumo da ópera: consumo atrelado às loucuras particulares (e todo mundo tem a sua, garanto) é potencialmente destrutivo.

15/04/2011

Lirismo matinal

— Eu quero um sonho para viagem.

— Ok, vou embrulhar.

22/04/2011

O fim da picada

Há um bom tempo venho me irritando profundamente com as propagandas de banco.

Você sabe, antes banco era lugar para pôr o dinheiro e as propagandas queriam te convencer que no banco tal a coisa ia render mais. Mas agora, ah, agora. O banco é seu amigo, ele quer estar junto com você. Ele é seu apoio, seu suporte, sua relação mais duradoura.

É assustador o banco dessas propagandas insuportáveis (“vamos fazer juntos?”). O banco é legal, ajuda todo mundo, faz um mundo melhor. Isso depois de uma bancarrota geral causada justamente pela filadaputice bancária mundial. Ah, quando eu vejo um banco querendo ser meu amigo, eu saco meus sarcasmos. É a expressão dessa ideologia monetária se entranhando no nosso inconsciente. Ah, cadê o Gramsci para dizer o que é isso?

Mas nada foi pior do que o que vi hoje no Discovery Kids, junto com meus pimpolhos: propaganda de banco para crianças de menos de cinco, seis, sete anos? É o puro horror. Isso pode? Os caras podem invadir os desenhos das crianças para fidelizar desde tenra idade? Ninguém vai falar nada? Cara, é o fim da picada!

09/12/2015 **Lóki e a verdade está lá dentro**

Uma vez, na república da Lauro Pimentel, onde eu morava com uma galera incrível (Henrique José, Cassiano, Letícia e a Fabi, às vezes a Carol), eu vi a verdade. Após uma festa, no indefectível sofá, que veio das mãos do Potiguar (e que tinha a forma do meu corpo, dizem), eu e Letícia escutávamos Lóki, de Arnaldo Baptista. Estávamos, digamos, alterados pela festa.

Naquela meia hora eu via a verdade e seria capaz de montar uma igreja Baptista Arnaldiana. Há verdade nesse disco, qualquer um percebe. Mas há uma verdade absoluta, que eu só tive a capacidade de conter em mim durante aquela meia hora. Depois tudo passou e só ficou a lembrança de ter sabido a verdade. Mas ela não se manteve, não ficou. Ficou a memória de ter sentido, e já é forte o suficiente. Epifanias fugidias, uma pena. Será que a Letícia se lembra disso?

Peguei-me pensando nisso porque o Arnaldo Baptista acaba de lançar uma caixa com 5 CDS, entre eles o Lóki. Pensei em como minha irmã me chama de Lóki, mas não deve ter a mínima ideia do que isso pode significar para mim. É uma coincidência cósmica (ela provavelmente nem conhece a existência do disco) que faz parte daquela verdade que eu atingi, viva o Arnaldo.

Pensei em como estou vendo novamente o Arquivo X, já que vão soltar mais uma temporada ano que vem (eba!). E na primeira música do Lóki, ele declara que não gosta do pessoal da Nasa e se pergunta onde estão os discos voadores. Ah, a verdade cósmica me tangencia novamente, mas é apenas a memória irritante de tê-la visto que me acompanha. E sempre essas tangentes que despertam algum alarme lá dentro, relacionado com a memória perdida da verdade. A verdade não está lá fora, está lá dentro dessa memória.

Viva o Arnaldo. E, no fim, vamos todos virar bolor.

12/11/2015 **Ah, o apocalipse**

Ficções científicas são uma ótima saída quando o mundo real está uma droga. E como ele quase sempre está, então as FCs são sempre uma saudável distração. FCs também são ótimas por pensarem milhares de possibilidades futuras e isso nos faz pensar sempre no presente: aquilo pode vir a ser? A partir de agora, para onde a gente vai?

Por acaso li ou assisti a três exemplos de apocalipses futuristas: o livro *Um Cântico para Leibowitz*, de Walter Miller Jr., o filme novo do Mad Max e uma FC água com

açúcar, chamada *Silo* (Hugh Howey). É engraçado como os futuros envelhecem rápido, não? Os três falam de um apocalipse, provavelmente nuclear (ou algo assim). Têm níveis distintos de profundidade, entretanto. Não percam tempo com o filme, nem com o *Silo*. O *Leibowitz* é outra coisa, livro difícil e interessante, sem centro aparente, apenas uma descrição da vida após um grande expurgo da ciência (condenada pela guerra nuclear que criou). Muito interessante.

Mas é um futuro velho, pois não parece que a guerra nuclear prevalecerá. O Mad Max, além de ser um dos piores filmes que já vi na vida, fala de um futuro muito maluco e contraditório: parece que todas as fontes de vida estão se esgotando, mas os caras continuam pirando em andar de carro. Parece que é só o que interessa. É como se o caos sugerido, justamente de ordem ambiental, não fosse suficiente para as pessoas deixarem de andar com o inferno do carro.

Mostra-nos um pouco da nossa fixação atual com automóveis, apesar do mundo estar ruindo e o caos ambiental se aproximando. Mesmo pensando o apocalipse ambiental, não abrimos mão do carro (nem no futuro). Já no *Silo*, esse livro bacaninha que tem tudo que um best-seller precisa ter, a insinuação é que o apocalipse nuclear foi criado para exterminar parte da população do mundo que os gringos simplesmente não queriam mais por perto. É uma triste extrapolação da intolerância atual à diferença. Mas não me parece que os caras iriam morar em Silos e abrir mão da vida a céu aberto. Mais provável seria algo como o filme *Elysium*, em que o mundo foi para o vinagre e os ricos mudaram-se para paradisíacas estações orbitais.

Mas todos esses futuros estão meio desatualizados, e me vem à cabeça o filme *Wall-E*. O brilhante filme que assumiu a consequência máxima da lei marxista da concentração do capital: o mundo todo é controlado por uma única empresa e o capital atingiu o máximo do seu próprio nirvana. Está todo acumulado num lugar só. Só que eles sacaram que antes da revolução dos oprimidos, reagindo ao capital concentrador, o mundo acaba em barranco: o caos ambiental não dá tempo à revolução. Sobrevém antes, de forma a impossibilitar a vida na Terra. E é a própria corporação (ou capital) que vai determinar o futuro dos humanos no espaço e é contra ela (ou contra o fantasma do capital) que os humanos gordinhos precisam lutar para voltar ao planeta.

Essa é uma FC atualizada, com um futuro realmente plausível hoje em dia. O extremo de concentração do capital aprofunda o abismo entre classe sociais, e o ápice da acumulação produz um mundo dominado formalmente pelo capital, onde os outros agentes políticos parecem inúteis. Vamos combinar, uma gigantesca empresa única mandando em tudo significa um domínio global absoluto: estados são irrelevantes, tudo o mais é irrelevante. Não é um futuro atual, esse?

O avanço galáctico da direita (ainda que pequenas vitórias da esquerda nos alegrem, como em Portugal) não é um sintoma desse futuro apocalíptico? A raiva como instrumento político não é algo que faz parte do futuro de concentração do capital,

intolerante com tudo o mais? Uma mídia cada vez menos informativa e cada vez mais explicitamente golpista não é outro sintoma?

As cenas de apocalipse ambiental acontecendo já, como o desastre causado pela Vale/Samarco (entre muitos outros) não é o exemplo mais formal da atualidade do futuro de Wall-E? Enfim, que outros futuros nos salvem.

05/11/2015 Uma ficção científica para os conservadores

Há um clima de ódio no ar. Historiadores tentarão entender isso daqui uns anos, a época dos cães raivosos. O tema da corrupção é uma desculpa para o ódio, já que a indignação com a corrupção é amplamente seletiva: que os partidos conservadores sejam tão corruptos quanto o PT não parece ser um problema. Eu arriscaria dizer que esse ódio disfarçado de indignação cívica é um ódio de classe, misturado com o velho e grudento racismo brasileiro. A elite tem pavor do andar de baixo, e quando a galera lá de baixo deu uns passos acima, a indignação arrebentou: empregadas que não sabem seu lugar, serviços caros, negros na universidade etc. É demais para muita gente. Que essa galera do andar de baixo comece a pensar como a elite racista é coisa para entender com o Gramsci.

Daí as manifestações toscas de volta à ditadura. É o conforto geral do racismo de elite. Mas vamos combinar que pedir a volta da ditadura é uma tolice tão grande que nem dá vontade de pensar sobre isso. Assim, faço um favor aos ultrarreacas: leiam *Tropas Estelares*, de Robert A. Heinlein. É um dos textos mais militaristas que já li, mas não é tosco. É reaca, sim, mas não é burro.

As ficções científicas são um grande campo de pensamento sobre o futuro e, portanto, sobre o “hoje”. O futuro é sempre uma referência que só pensamos a partir do que vivemos. Os autores projetam no futuro um mundo diferente. Isso segue várias opções: alguns cenários são apocalípticos (críticas ao modelo de desenvolvimento atual); alguns são mundos sem problemas (críticas aos sistemas políticos); e ainda muitos outros tipos de pós-mundos. Essa ficção de Heinlein, considerado um dos maiores escritores de FC do século XX, é uma mistura dos dois tipos. Houve uma crise, depois superada por um novo e perfeito sistema político.

Não conheço o autor para além desse livro e parece que outras ficções não seguem esse padrão reaca do *Tropas Estelares*. Mas nesse livro, que conta uma guerra contra alienígenas, o mundo é governado por um sistema que divide cidadãos de residentes legais. Só os cidadãos votam. O detalhe é: só são cidadãos aqueles que passaram pelo exército (um mínimo de dois anos) e conseguiram concluir a formação básica, desenhada para que apenas os “mais fortes” terminem.

É o paraíso dos coxinhas atuais: só ex-milicos votam. É uma ditadura militar constitucional, digamos, pois também só pode ser eleito um ex-militar (militares na ativa não são eleitos). Heinlein consegue tornar em realidade plausível a ideia obtusa de “ditadura constitucional”. E o livro é uma sucessão de defesas do papel civilizatório dos militares, com aulas e aulas de moral (conduzidas por professores militares) sendo transcritas na história da formação do personagem principal – um soldado, obviamente.

Uma aula, por exemplo, quer provar que “a guerra e a perfeição moral derivam da mesma herança genética”. O militarismo tem a ver com as posições de Heinlein, defensor do uso da força militar bruta (defendia o projeto do pentágono, “guerra nas estrelas”, com todas as forças). No livro, defende a necessidade absoluta de exterminar todos os alienígenas inimigos (ou eles ou nós).

Outro autor importante da FC, Orson Scott Card, também é bastante conservador e militarista, mas sua série “O jogo do exterminador” é cheia de ambiguidades, com críticas intensas a aspectos do mundo militar, ao mesmo tempo que expõe a necessidade dele. Um autor complexo (um dos livros dessa saga, *Xenocídio*, é das melhores FCs que já li), que justamente expõe uma crítica profunda à ideia de extermínio, objetivo candidamente desejado por Heinlein, que é fascista mesmo.

No livro de Heinlein, entretanto, apesar do ultramilitarismo, aprendemos muito sobre a vida militar. Heinlein foi oficial da Marinha Americana e traz toda experiência pessoal para o livro. Vemos o valor do esforço físico limite, a ideia de que os fracos devem ser eliminados por treinamentos severos, o desprezo absoluto pelos civis, o companheirismo, a confiança absoluta nos superiores etc. etc.

Os nossos coxinhas deveriam sonhar com o futuro de Heinlein, onde só milicos votam, o extermínio da diferença é objetivo final e os demais “residentes legais” têm que ficar quietinhos no seu canto.

18/08/2012 Batman Tea Party

Passei por quase três horas para chegar ao final do filme, mas tive que ir ao banheiro duas vezes. Maldito balde de coca-cola (que era pepsi). Ah, que coisa esse filme: depois da Guerra Fria, senti-me como alvo de propaganda anticomunista. É que provavelmente o Occupy Wall Street é a coisa mais comunista nos EUA, e esse negócio parece estar exigindo respostas ideológicas à altura. E esse filme do Batman é isso: propaganda anticomunismo juvenil americano.

Mas é descarado, sem pudores mesmo. O enredo é construído para você ter dó dos ricos. Sabe como é, o Bruce Wayne tá doidão, meio Howard Hughes, desligado do

mundo. E, veja só, enquanto isso suas empresas vão indo para o buraco, aí que dó. O pior é que agora ele não pode fazer mais doações para um orfanato (do qual o futuro Robin sairá). Claro que isso aí não é problema do Estado, um orfanato sem grana. Primeira lição: os ricos devem se manter ricos para fazer ações beneficentes.

E quando vem a revolução, ela só pode ser feita por bandidos ensandecidos, que propõem o extermínio dos ricos. Coitado do mundo, quando os ricos saem de cena, só sobra o caos absoluto, e aí o Batman vem nos salvar dos pobres descontrolados. Colocar de novo no lugar os ricos bonzinhos e fazer a ordem do universo voltar ao lugar. Pobre sem governo é assassino (por isso o filme tem uma fixação com prisões). Pobre com governo é... Bem, é pobre esperando boa ação do Bruce Wayne.

Resumindo, é isso: simples, direto e megaconservador (é a expressão ideológica para o Tea Party).

Mas o que realmente interessa é como a crise americana desespera os caras a ponto de fazer já a produção da ideologia antirrevolucionária. A pergunta é: já é para tanto?

07/06/2012 A pedagogia da suspeita

Há muitas formas de uma opressão se consolidar e uma delas é nas salas de aula.

Sou professor e continuo achando que alunos podem aprender o conteúdo das minhas disciplinas sem a minha ajuda. Tem gente que faz melhor estudando em casa que vendo aulas. Claro que eu posso facilitar, clarear algumas coisas, mas não sou indispensável.

Mas o mundo burocrático impõe regras e lidamos com elas de muitas maneiras. No entanto, agora se abateu sobre o programa de pós do qual faço parte uma paranoia de desconfiança. É assim: um aluno entregou um trabalho plagiado para o professor x, que se sentiu profundamente enganado. Ok. Aí o professor x demanda do programa alguma proteção contra essas práticas. E o programa é rápido em exigir um controle muito mais efetivo da presença dos alunos em sala de aula. A ideia é que se o aluno participa da aula, o professor pode saber se o trabalho final é plágio ou não.

Mas em troca recebemos a pedagogia da suspeita: todos são suspeitos, até que se prove o contrário. E a prova ao contrário é a presença. Isso é um erro em muitos sentidos: um aluno “presente” pode plagiar, um aluno “ausente” pode não plagiar, um aluno “presente” pode fazer um trabalho ruim, um aluno “ausente” pode fazer um trabalho espetacular. A lógica é associar a presença com “bom” e ausência com “ruim”. Para mim, que tenho estudado imigração e famílias imigrantes que têm membros das suas famílias distantes por muito tempo, é impossível não suspeitar dessa lógica.

Mas a lógica final é desconfiar de todo mundo. Por isso é possível perguntar: “Se o aluno faltou muito, como você vai saber que ele não falsificou o trabalho?” (sim, eu ouvi isso). A resposta é simples: eu não sei. Como também não sei se o aluno “presente” falsificou. Eu simplesmente não sou policial, detetive, e não é minha obrigação saber se o trabalho é falso ou não. Basicamente porque eu não suspeito do aluno e não vou aceitar um clima geral de suspeita porque uns ou outros falsificaram. A questão real é que, se eu devo me tornar um policial em busca da falsidade, está instaurado um clima opressivo de policiamento e vigília. É isso o que queremos fazer com os alunos?

E claro, o programa pode me obrigar a oferecer documentos (como as listas de presença), e eu vou ter que obedecer. E vou. Mas ninguém vai me obrigar a ceder à paranoia opressiva da desconfiança. Vou continuar achando que a presença do aluno é relativamente importante (ele pode ser muito bom e dominar o conteúdo autoditadamente, ou pode precisar da minha ajuda em sala de aula). O engraçado (e trágico) é que alguns consideram que eu não ceder à lógica da paranoia é um ato antidemocrático, já que todo o coletivo docente decidiu que é preciso suspeitar. É quando a democracia serve à opressão. Mas o documento exigido é uma coisa, a minha concepção do que é a relação aluno/docente é outra. Posso dizer, como disse, que ofereço ao programa os documentos exigidos, mas não entrego minha resistência à pedagogia da suspeita.

Quando eu fazia a minha graduação, lá no começo dos anos 1990, me meti a fazer uma disciplina muito difícil, que não era para alunos no meu momento do curso. Era difícil para caramba e ao mesmo tempo, brilhante. Nunca estudei tanto apenas para acompanhar o que se dizia (eu não entendia direito). E fiquei mudo, pois era muito difícil acompanhar o curso. Aí a professora me mandou fazer um seminário. Ok, fui preparar “A prece e o sacrifício” (do Mauss). No dia do seminário, pela manhã, fui tomar meu café na cantina e sentei-me próximo à professora, que conversava com uma sua orientanda. Sem querer, escutei a conversa e descobri que a tal professora havia atribuído seminários aos maus alunos. Cara, fiquei furo da vida. O meu silêncio significava ser mau aluno. E não era mesmo o caso. Fui à sala da professora e “expus” o meu descontentamento. Não teve jeito: aluno quieto era aluno ruim. No início da aula, ela “democraticamente” me deu a chance de não apresentar o seminário. Eu, puto, aceitei a chance e me recusei a dar o seminário.

Essa historinha é para dizer que eu já não aceitava a pedagogia da suspeita com 19 anos e não vou aceitá-la agora com quase quarenta. E como disse aos colegas, talvez fosse o caso de colocar uma câmera em cada sala de aula e vigiar quem vem ou não, o que eu falo ou não, quem participa ou não (como fazem algumas particulares). Porque esse é o caminho natural da desconfiança: o controle orwelliano.

Essa história aí me incomodou tanto que tive um sonho megalibertário (do meu ponto de vista): sonhei que jogava futebol com meus meninos (e uma criançada) e de repente todo mundo começou a inventar regras diferentes... Estava num autêntico calvinball!!!!

06/07/2011

A propaganda literal

As propagandas geram sensações que vendem. Isso todo mundo sabe.

Esse processo era usualmente discreto, a propaganda gerava uma sensação que era percebida inconscientemente pelo consumidor. De uns tempos para cá, tenho a impressão que a regra mudou.

Será que os publicitários não confiam mais no público? Agora eles estão sendo literais.

Numa propaganda de carrão, o cara grisalho vai ficando menos grisalho, vai rejuvenescendo (clichê, ok). Mas a propaganda não se contenta em mostrar isso: ela diz, com todas as letras: “quanto mais longe você vai, mais jovem você fica”.

Noutra propaganda de desodorante para mulheres, a moça se sente como se estivesse saindo do banho o dia todo. Ela aparece sempre de toalha em situações do cotidiano. Bem bacana, até. Até o final, quando, meio dançando, ela passa a mão nas axilas e diz como se sente “fresca”. Passar a mão no sovaco? É isso mesmo.

Os publicitários não são otários, nunca foram (ou não?). Essa virada literal parece um julgamento sobre o consumidor: esse sim é o otário incapaz de sentir inconscientemente: precisa ser tutelado até o final. As propagandas não querem permitir outras interpretações... A dúvida é se elas são apenas autoritárias ou se, além disso, elas indicam um emburrecimento geral do consumidor. Ou será dos publicitários? Ou de todo mundo?

Tudo ao mesmo

PARTE 6

OPUS

anunus

tempo agora

03/11/2009 Por que a mão sem um dedo?

Neste final de semana (01/11/2009), o Estadão e o Globo publicaram um artigo do FHC. O assunto do artigo, sinceramente, não interessa, como tudo que vem do FHC.

O que me interessa é a ilustração que o Globo escolheu para ilustrar o artigo: uma mão sem um dedo com o símbolo de Stop por cima.

A mão sem um dedo é o “símbolo” do Lula, evidentemente. Stop o Lula é o que a imagem diz. A escolha do inglês já denota muito das intenções. Mas por que é possível que um jornal como o Globo assuma que uma deficiência física seja aquilo que signifique o Presidente? Por que não a barba? Por que não uma charge do rosto? Por que não qualquer outra coisa? Se a intenção fosse simbolizar outra pessoa qualquer, a escolha teria sido a deficiência física? Sei lá, o João do Pulo seria simbolizado por uma perna sem o pé? O Marcelo Rubens Paiva pela cadeira de rodas? O Herbert Vianna também pela cadeira de rodas? É obviamente um grande preconceito contra quem tem qualquer tipo de necessidade especial, mas duvido que qualquer outro cidadão fosse simbolizado pelo seu problema físico. Provavelmente, João do Pulo seria simbolizado por um salto espetacular, o Marcelo por alguns livros e o Herbert por uma guitarra. É muito evidente que se tiraria de cada uma dessas personalidades uma essência positiva para significá-los.

Por que com o Lula é diferente? O que quer dizer essa imagem fascista e preconceituosa? Por que o jornal se sente confortável em publicá-la?

Acho que a questão não é a deficiência em si. Acho que o nó simbólico dessa questão é justamente o que a “deficiência” do Lula exprime: seu caráter inapelavelmente de classe trabalhadora. O dedo faltante de Lula é como uma expressão física do pertencimento à classe trabalhadora: leia-se, à classe dos pobres. A elite brasileira tem

muitos modos de ridicularizar os pobres, muitos modos de exprimir um preconceito de classe entranhado (basta assistir a programas de humor (?) no sábado à noite para percebê-lo). Mas o dedo faltante de Lula é como uma marca física de uma classe que é social. É como se o dedo faltante racializasse a pobreza. O dedo se perdeu trabalhando, demonstrando a impossibilidade de apagar a origem de classe (assim como uma mão muito calejada indica o trabalho etc.).

Ora, como o artigo de FHC é só mais uma forma de exprimir o preconceito de classe da elite brasileira (o perigo do sindicalismo – leia-se trabalhadores – no poder, o perigo de funcionários públicos influírem em empresas de grande porte via fundos de pensão etc.), nada mais lógico que uma imagem que simbolize exemplarmente esse preconceito de classe.

Então é isso, chegamos a um limiar das relações: um dos maiores jornais brasileiros nem tem constrangimentos em se mostrar absolutamente preconceituoso com o “povo”.

Inacreditável, mas é isso aí.

08/11/2009 O feriado intenso da oposição

Esse Finados foi intenso para a oposição, não? Será que é por sinonímia?

O artigão do FHC, dando um norte, ou, quem sabe, vocalizando um norte de crítica ao governo Lula: agora o Lula é peronista, os sindicatos são um câncer e crescimento apenas não basta etc. Dois dias depois, o Estadão escreve um editorial para requestrar os argumentos do FHC (ou que o FHC reproduziu). Foi a farra dos blogs, teorias e mais teorias: FHC quer ser candidato, quer ser reconhecido, quer confete, comeu purpurina no café da manhã, sonhou com o Lacerda e teve uma visão onírica, quer fugir da Satiagraha. Até o Caetano apareceu hoje no Estadão, chamando o Lula de analfabeto. O texto-álibi de Gaspari. Depois o “evento” do PSDB, amplamente coberto, sobre os novos rumos da oposição, carreado por FHC (foi no instituto dele).

Enquanto isso, na sala de justiça, Lula recebe um pouco mais de reconhecimento internacional em Londres (nenhuma menção nos principais (?) portais da internet).

Por outro lado, veio a história do tapão do Aécio (e um post⁴⁵ muito azedo do Kfourri, depois da repercussão). Bateu ou não? É coisa do Serra a divulgação/invenção da história? O Aécio está blindado? etc.

Como diria a canção, “tudo ao mesmo tempo agora”. Não quero fazer especulações políticas ou afins, isso é coisa para os cientistas políticos (levando em consideração

⁴⁵ <https://blogdojuca.uol.com.br/2009/11/covardia-de-aecio-neves/>.

que eles sempre erram, então é preciso apostar no contrário do que eles falam). O que me espanta mesmo é a sincronia do “tudo ao mesmo tempo agora”. A sincronia é da mídia, que, de fato, virou a única oposição efetiva e tem levado o PSDB a reboque. Só que esqueceram de combinar com os aliados (e não com os adversários, como diz a lenda futebolística). Não se viu uma palavra do Serra ou do Aécio nesse movimento de nado sincronizado (mídia-FHC): ninguém quer ser o antilula, claro.

Sobrou para o FHC, com as lorotas peronistas. Então, ele é o cara!!! É bom aproveitar esse momento de luz purpurinada, porque, quando a campanha começar, a primeira coisa que o candidato vai fazer é jogar o FHC para fora do barco (se não, não ganha nem disputa de par ou ímpar).

10/11/2009 A tradição antidemocrática

Já é uma tradição, dentro do PSDB, posturas radicalmente antidemocráticas no que tange à educação. Dia 13, numa sexta-feira, foi publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo a nomeação de João Grandino Rodas como reitor da USP. Note-se que João Grandino foi perdedor da eleição na USP. O ganhador foi Glaucius Oliva. Ganhou, mas não levou. Bem PSDB, não? E ainda por cima numa sexta-feira 13. É ou não é um filme de horror?

Lembra o estilo do FHC, que nomeou o “interventor” Vilhena na UFRJ (entre 1998 e 2002). É do DNA desse partido perseguir e mutilar o ensino público (deve ser pelo grande número de barões do ensino privado que participam do partido e da sua base aliada, no DEM). Na intervenção do Vilhena, o ministro da educação era o Paulo Renato. Agora, o secretário da educação em São Paulo é quem? Claro, Paulo Renato (voltarei a ele).

O mais chocante dessa afronta à democracia – pode-se questionar o processo eleitoral da USP, que é ridiculamente antiparticipativo, mas o resultado do processo foi democrático, nos termos desse processo – é que a mídia simplesmente ignora. Não se veem críticas formais, dúvidas, estranheza, nada. Tudo que se diz é “João Grandino foi escolhido como reitor por Serra, ele foi o segundo mais votado”, ponto. Nenhum “como assim?”. Nem os blogs mais críticos ao Serra dão destaque. O Blog do Nassif (que tem 60.000 acessos diários) coloca um texto relativamente crítico, mas depois insere um texto mais ou menos fascista, contra as manifestações estudantis. Nenhum dos textos é do Nassif, mas fica um tom crítico contra a USP e especificamente contra os alunos de Humanas, que viraram uma espécie de bode expiatório universal daqueles que criticam a universidade pública: são sectários, violentos, antidemocráticos, invasores e outras baboseiras. Sempre uma tentativa de deslegitimar qualquer movimento coletivo crítico (marca da mídia tucana e dos próprios tucanos).

Eis o que declarou o ganhador da eleição, Glaucius Oliva, em seu twitter:

“Pois é, parece que o Gov. Serra escolheu o Grandino para reitor. Espero que seja o melhor para a USP!”

“Quero agradecer as centenas de mensagens de solidariedade pela ‘não indicação’ para Reitor da USP, depois de vencer os 2 turnos da eleição.”

Pelo seu twitter, João Grandino nem tem coragem de comemorar a “vitória”. Tampouco em seu blog de campanha. O governador (?) Serra também não toca no assunto no seu twitter, afinal ele é autoritário, mas não é burro.

E isso dentro de um contexto bem peculiar, no que se refere à educação em São Paulo. Situação de desmonte e desesperança depois de muitos anos tucanos no poder (uma espécie de terra arrasada, que, para ser ainda mais arrasada, se apoia em Paulo Renato, personagem comparável a uma praga bíblica sobre a educação).

Em entrevista recente (25/10/2009) à revista Veja (sempre ela), o prócere da destruição tucana defende a cobrança de mensalidades nas universidades públicas e atribui aos pedagogos da USP e Unicamp a culpa pelo descalabro da educação em São Paulo (e também ao sindicato dos professores). Para o prócere do apocalipse tucano, “o que se discute hoje nessas faculdades está muito distante de qualquer ideia que seja cientificamente aceita, mesmo dentro da própria ideologia marxista. A resistência vem de universidades como USP e Unicamp, as maiores do país”. O problema é um caso de ideologia (os pedagogos estariam interessados em fazer ideologia e não em educar).

A congregação dos professores de pedagogia da Unicamp respondeu com uma carta contundente. Dizem que se as universidades públicas de São Paulo formam, no máximo, 25% dos alunos, como atribuir a elas a culpa do problema?

Com esse tipo de abordagem, sempre contra “o corporativismo”, o PSDB vai deixando seu recado: os sindicatos são sempre uma dor de cabeça (vide a carta-piti de FHC), qualquer problema (como o da educação) é atribuído ao corporativismo, seja de quem for. Pode-se até escolher candidato derrotado em eleição democrática, pois o vencedor é fruto de algum tipo de corporativismo (a acusação é que Glaucius seria próximo da atual reitora).

23/11/2009 Ninguém mais lembra: antidemocracia Tucana

Já falei sobre como é absurda a história de escolher o candidato menos votado para a reitoria da USP. Também falei como é lamentável o silêncio da imprensa a respeito, a verdadeira couraça que a mídia colocou em volta do Serra.

Agora o desplante a que se chegou é incrível. Veja a entrevista que o site R7 (da Record) produziu com o novo reitor ilegítimo. O começo da entrevista diz:

“O novo reitor conversou com o R7 na sexta-feira (13), um dia após ter sido escolhido para o cargo pelo governador de São Paulo, José Serra (PSDB), a partir de uma lista com três candidatos.”

Já se começa aqui a campanha de higienização política: nenhuma referência ao fato de o escolhido ter sido menos votado. Impressionante, não é? Mas o pior vem depois: numa resposta do reitor ilegítimo, este cita o candidato que foi o mais votado (Glaucius Oliva). Veja a paráfrase que o portal R7 insere a seguir ao nome de Glaucius:

“Quem é relator dessa questão é o professor Glaucius [Oliva, diretor da Faculdade de Física de São Carlos, derrotado nas eleições para reitor]. Então, é óbvio, se aprovou alguma coisa, é para se implantar. Certamente, vai ser verificado primeiro como isso será regulamentado.”

Ora, aqui é o cúmulo. O candidato vencedor das eleições (Glaucius) é retratado como “derrotado nas eleições”. É ou não é reescrever a história “em cima dos fatos”? Impressionante esse silêncio coletivo em torno da atitude antidemocrática do sr. Serra.

28/11/2009 Tudo ao mesmo tempo agora e a tristeza da GloboNews

Um trilhão de coisas acontecendo neste final de semana. Uma sucessão de notícias de deixar qualquer um meio atordoado:

- 1) Denúncia do mensalinho do Governador Roberto Arruda no Distrito Federal.⁴⁶
- 2) Denúncia (menos divulgada) de corrupção no Governo Estadual de São Paulo (empreiteiras). Operação Castelo de Areia da PF indicou relações estranhas entre Camargo Corrêa e políticos dos últimos governos estaduais.⁴⁷
- 3) Texto de César Benjamin na Folha, acusando Lula de ter tentado estuprar um colega de cela quando esteve preso em 1981.⁴⁸

As duas primeiras denúncias atingem diretamente o coração do DEM e o dos tucanos. Arruda, único governador do DEM, gravado distribuindo dinheiro de propina.

46 <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1395603-5601,00-TRANSCRICOES+MOSTRAM+ARRUDA+NEGOCIANDO+DIVISAO+DE+DINHEIRO+NO+DF.html>.

47 <https://www.viomundo.com.br/denuncias/castelo-de-areia-operacao-que-precedeu-lava-jato-anulada-na-justica-focou-na-camargo-correa.html>.

48 Veja uma transcrição do artigo em <https://integras.blogspot.com/2009/11/os-filhos-do-brasil.html>.

Não parece bom, não é? A segunda atinge nomes como Walter Feldman, Aloysio Nunes, Gilberto Miranda. Há referências a doações ao “Palácio Band”, à CESP etc. Atinge, portanto, o centro do PSDB paulista.

A terceira ataca diretamente o presidente Lula, acusado, sem mais nem menos, de possível estuprador. O fato do delegado que era responsável por vigiar Lula na prisão negar, do próprio “quase estuprado” negar, do testemunho de todos os presentes na prisão e no tal almoço negarem,⁴⁹ enfim, nada disso parece muito relevante para a Folha. Um jornal tem que estar no fundo do poço para dar azo a esse tipo de manifestação. O Estadão, por exemplo, colocou as coisas em perspectiva.

Acho que a Folha tomou a decisão do Obama, ao contrário. Como se sabe, esse mandou avisar à Fox que não a trataria como imprensa, mas como um partido de oposição (não seria preciso fingir). Parece que a Folha resolveu declarar que não trata o governo como assunto jornalístico, mas como partido político de oposição.

É isso bem no momento em que aquelas denúncias derivadas da ação da PF atingem o coração da oposição. Parece orquestrado, e deve ser. Ontem, assistindo ao jornal das 10 na GloboNews, o tom dos comentaristas era quase fúnebre, ao expor o mensalinho de Arruda. Uma tristeza indisfarçável.

Lembra-me, por contraste, a alegria dos mesmos comentaristas (especialmente o Merval) às vésperas da eleição de 2006, comentando o mensalão do Governo Lula. As denúncias são muito semelhantes, mas o tom, hummm, o tom agora é bem desiludido. Lembro-me bem do Merval comentando a vitória do Lula em 2006: “o problema é que as pessoas não souberam votar”. Acho que a tristeza atual é perceber a contradição. Não deve ser fácil.

04/12/2009 Uma regra para as falas dos presidentes

Você sabe, presidentes falam. Falam para caramba, à exaustão. Quando eu fazia meu doutorado, uns anos atrás, fui ler algo dos discursos do Mário Soares (ex-presidente e primeiro-ministro português), para entender algo daquela ideologia saudosista da lusofonia. Eram volumes, daqueles que ficam em pé sozinhos. Poucas coisas têm poder mais hipnótico. Deve ser melhor que lexotan.

É que presidentes falam. É da liturgia do cargo: comunicar, falar, encher nossos ouvidos e páginas de livros. Muitos historiadores, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos devem teses e artigos a esse hábito de chefe Guayaki dos presidentes. Eles falam, falam, falam e raramente se dá realmente atenção ao que se fala (com exceções

⁴⁹ <https://polivocidade.wordpress.com/2009/11/28/%E2%80%9Cso-um-debil-mental-nao-viu-que-era-piada-do-lula%E2%80%9D-viu-direita/>.

diminutas em relação aos quilos de papel produzidos pelos discursos). Discursos protocolares, discursos para efemérides, discursos para comemorações variadas. Tanto é assim que quando se lembra de um presidente é em geral dele falando algo (provavelmente a coisa mais relevante que ele falou nos anos de poder).

Mas aqui temos uma coisa incrível acontecendo: um presidente que fala e muita gente que realmente dá atenção ao que se fala. Cada frase, cada discurso, cada entrevista merece um destaque imediato, linhas e artigos, protestos, indignações. Quando o presidente Lula fala, o eco permanece por dias. Mas esse eco tem uma característica bem evidente, é sempre negativo. É preconceituoso, é envergonhado de um presidente que fala como um trabalhador qualquer. Que usa figuras de linguagem essencialmente populares, que fala como ele fala.

A mídia se embaraça e se contorce em cólicas a cada discurso do presidente, a cada evidência de sua origem social. Porque essa é a questão: a fala de Lula não esconde sua origem, a destaca. E isso, definitivamente, é intragável para os Marinho, Mesquita e que tais.

Num outro momento, escrevendo aquela mesma tese que citei acima, comecei a entender como o sotaque dos imigrantes brasileiros em Portugal era o que de fato os identificava. Era uma identificação linguística que a seguir transformava a percepção racial de quem ouvia sobre quem falava. O cara podia ter qualquer cor, mas se tivesse sotaque era classificado como mulato. Essa estranha situação me tornou alérgico à lusofonia (e à retórica apolítica da igualdade da língua) e me fez entender alguns mecanismos de discriminação disparados pela fala, como evidência incontornável de uma origem social.

O que eu sei é que a fala do presidente é uma afirmação de classe. E a mídia e a elite, horrorizadas, não se conformam. Querem que o presidente se cale, não para que não se diga mais nada, mas para que não se lembre sua origem de classe. Essa história de que pobre pode chegar a presidente é mesmo um veneno para nossos “formadores de opinião”. Então que o presidente se cale!

O paradoxal é que quem mais dá voz ao presidente é essa mídia, tentando ridicularizar a fala de Lula por todos os meios. Os milhares de artigos criticando a fala do presidente só reforçam aquilo que é o pânico desses grupos reacionários: sua origem de classe. E me pergunto: alguém acha que os livros do Mainardi, Kamel, Marcelo Tas (as provas mais cabais desse horror de classe) prejudicam a imagem do presidente?

Vamos inventar uma regra então: o prestígio de um presidente com as elites reacionárias é inversamente proporcional à atenção que se confere aos seus discursos.

E, enquanto isso, Lula, que de bobo não tem nada, fala.

09/01/2010 Uma vitória portuguesa

Nessa última sexta-feira, dia 08/01/2010, a Assembleia da República Portuguesa aprovou o casamento civil para casais do mesmo sexo. Foi uma grande vitória daqueles que lutam contra as discriminações, sejam elas com base na raça, classe, gênero ou orientação sexual (ou qualquer outra).

O processo português que legitima o casamento entre pessoas de mesmo sexo foi longo e conturbado, como em todos os lugares. A lei aprovada foi a proposta pelo PS (Partido Socialista). Havia em debate as propostas de lei do BE (Bloco de Esquerda) e do PEV (Partido Ecologista “Os Verdes”), que propunham também a permissão da adoção por esses casais; e a proposta de lei do PSD (Partido Social Democrata, de direita) que propunha um regime diferente para essas uniões (um caso de discriminação legislativa).

O projeto aprovado, do PS, permite a união entre pessoas de mesmo sexo, mas não a adoção. Como disse Miguel Vale de Almeida, antropólogo português e único deputado assumidamente gay da Assembleia Portuguesa, “política é a vontade mais as circunstâncias”. O discurso proferido por Miguel é um discurso histórico (conferir em seu ótimo blog).⁵⁰

A nova lei nasce com essa limitação à adoção (que muitos dizem ser inconstitucional), mas é um grande avanço. Outra luta agora seguirá, até que a adoção também seja permitida. Enquanto isso, aqui no Brasil, o horizonte de uma vitória como essa parece ainda muito distante.

13/02/2009 O que quer o ex-presidente?

Well, eu sou um antropólogo e entendo de política assim como qualquer um entende de futebol (se bem que até já escrevi um texto sobre futebol, publicado em revista de ciência política – vai entender). Nosso ex-presidente de plantão tem investido muito num papel político que eu não consigo mesmo entender. Deve haver alguém aí que explique.

Primeiro foi aquele artigo descendo o pau no Lula, para chamá-lo, no fim das contas, de lulista. Alguém deve ter reparado que isso era uma redundância eleitoral, pois criava um título para o Lula que a Dilma poderia assumir (ela seria a herdeira

⁵⁰ <http://miguelvaledalmeida.net/?p=1118>.

do lulismo). Um ou outro candidato da direita pode ter achado uma má ideia, quem sabe. Mas a imprensa gostou, teve até o Caetano que aproveitou para dar umas bordoadas no Lula.

Depois veio um pequeno interregno e, agora há pouco, mais um artigo desses bombásticos. De novo, comparando o seu governo com o do Lula. E de novo criando o bordão do lulismo (na boa, isso não é bom para a Dilma?). Bom, daí algum candidato da direita deve ter mesmo ficado puto com o FHC e logo no dia seguinte ele deu uma entrevista⁵¹ atacando não mais o Lula, mas a Dilma. Será que deram uma enquadrada no cara?

Mas me digam, o que quer o FHC? Depois o cara deu uma entrevista ao Miami Herald acusando a Dilma de dogmática, autoritária e especulando sobre um possível eixo do mal Dilma-Chaves. Você sabe, Miami é aquela cidade onde há uma elite cubana, anticastrista e selvagememente anticomunista. Se você não sabe, esses cubanos enriqueceram por conta de toneladas de dinheiro que os governos americanos despejaram na comunidade cubana “exilada”, para dar um exemplo de como o capitalismo salva. Tanto que deve ser o único lugar nos EUA onde é chique ser latino (os imigrantes brasileiros que tentam não ser vistos como latinos no EUA todo, em Miami, apressam-se em desenvolver uma latinidade).

Aí o FHC vai lá e levanta um fantasma comunista no seio do anticomunismo mais reacionário. Que coisa, será que o FHC não se preocupa com a própria biografia? Com o que historiadores falarão daqui uns 50 anos? Mas já temos um norte: parece que chegaram à conclusão que não é bom bater no Lula e vão bater na Dilma. Mas será que só isso explica o que quer o FHC? Alguns diriam que é pura inveja e despeito do Lula, mas isso seria subestimar demais o FHC (ou não?).

Porque se você olha o cenário da oposição, vem a seguinte imagem à cabeça: desolação e abandono. Não é isso? O Serra atolado nas chuvas, o Arruda (ex-futuro-vice) preso, o Aécio voltado aparentemente para Minas... Os jornalões buscando freneticamente uma saída. Que se resume a tentar impor ao Aécio a vice-candidatura na chapa com Serra.

Será que o FHC viu o picadeiro vazio e resolveu chamar para si a responsabilidade? Tipo deixa que eu bato o pênalti? Imaginem um cenário em que a Dilma cresce um pouco mais nas pesquisas, o Serra foge da candidatura e o Aécio não aceita a batata quente e toca seu barco para ser um futuro líder de uma oposição diferente (diferente porque o DEM está morrendo; se o Serra fugir ou perder, o PSDB paulista encolhe; e porque se continuar assim continua naufragando).

Não, não acho que o FHC quereria ser candidato da mídia e da direita, isso só aconteceria se ele fosse acometido por uma absoluta falta de senso de noção e overdose

51 <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,dilma-rousseff-nao-e-lider-e-reflexo-de-um-lider-diz-fhc,508096,0.htm>.

de vaidade. Ou será que ele toparia? E como não sei nada de política, não entendo mesmo. Será que, no fundo, ele já antevê a derrota (ou fuga) do Serra e joga agora para continuar a ser o “pensador da oposição”? Será que o combate dele é contra o futuro ostracismo, representado por um Aécio forte no Senado? Ou seria presumir demais? Sei lá. O que quer que queira FHC, parece que ele pensa individualmente, lançando uma boia para si mesmo.

21/02/2010 Pesquisas e seus comentaristas

As últimas pesquisas eleitorais têm gerado milhares de comentários nos jornalões, na blogosfera, por aí.

Um tom geral é a crítica da cobertura da mídia tradicional, sempre escondendo a subida da Dilma (chegamos a alguns absurdos nesse aspecto). Essas mesmas críticas geram também uma leve perspectiva de que “o Serra está morto” ou “a campanha já acabou”.

Esses dias, o NPTO comentou a análise do Cesar Maia, que vai, obviamente, no sentido contrário: para o Maia pai é a candidatura da Dilma que já morreu. O Celso faz uma análise engraçada do ponto de vista do Maia, discordando ponderadamente (?).

Eu, que não entendo desse troço de política e muito menos de números, já estava meio confortado, pois tenho verdadeiro pavor da ideia do Serra (o nomeador oficial de reitores que perderam a eleição) na presidência. Sabe como é, sou professor em Federal e PSDB no poder significa uma luta prioritária contra as federais.

Daí, para o fim da minha tranquilidade, li o post do Alencastro em seu blog bissexto. Pô, voltei a ficar com medo, assim como a Regina Duarte. Ali o cara fala sobre como se analisam pesquisas na França e a ênfase, meio óbvia, que se dá às tendências para o segundo turno... Aí o Serra não está tão mal, nem a Dilma vindo tão bem...

Agora espero alguém que entenda disso fazendo uma análise das intenções de voto no segundo turno!

05/03/2010

O ninho do tucano

Alguém aí que entenda de política pode me dizer se a candidatura do Serra foi oficialmente lançada ou não? Maior anticlímax essa história da celebração em BH, não? Vi em alguns lugares: “Serra assume a candidatura, finalmente”, em outros “Serra assume que pode ser candidato”. Então, é ou não é? Que o Aécio não será vice, sabemos desde o ano passado (só a imprensa de SP não quis aceitar).

Assim não dá nem para gente tripudiar! Que coisa insossa, carinha gritando Aécio presidente no lançamento (?) da candidatura do Serra, jornal de direita mineiro espi-nafrando o PSDB paulista. Assim não sobra nada para a gente!!! Protesto veementemente contra a indecisão da oposição. Vai ser mané assim no RS, onde relançaram a Yeda Crusius para o governo do estado.

Ou será que é para induzir sub-repticiamente um clima de salto alto entre as es-querdas, tipo golpe maquiavélico? Sei lá, no fundo acho que é incompetência mesmo.

03/04/2010 Um arco conservador?

Então, é só mais um chute, mas ontem, vendo o jornal das 10 da GloboNews...

Primeiro uma megarreportagem a respeito do filme sobre o Chico Xavier (tipo 20 minutos), depois outra megarreportagem sobre a Sexta-Feira Santa (mais 20 minutos). Não que isso seja espetacularmente anormal, é até facilmente justificável. Mas eu fiquei com uma pulga atrás da orelha quando a seguir veio uma entrevista com Geneton sobre suas entrevistas com os generais da ditaDURA.

Fiquei pensando no Serra descendo o cacete nos professores sem medo de ser feliz, esperando mesmo que isso traga dividendos políticos. É a nova onda da TFP? Um contexto ultrarreligioso, cacete nos manifestantes, generais recondenando os que lutaram contra a ditaDURA, uma candidata ex-guerrilheira. Será que os caras vão investir num pânico comunista anacrônico? Com um supercandidato conservador que dá porrada em esquerdistazinhos?

Estamos vendo a tentativa de criação de um ambiente conservador até a medula, onde os generais saem da toca para re-re-recondenar os caras que morreram lutando contra a ditaDURA? Será que vem mais ditabranda por aí?

Tudo bem, o Geneton tem todo direito de entrevistar lá os neandertais das forças militares, mas justo agora vemos uma entrevista com ele na GloboNews para divulgar esse programa? Admitamos que agora há aí um clima de revisão historiográfica na mídia, tudo para dizer que os verdadeiros autoritários eram os guerrilheiros, como, por exemplo, a Dilma...

Revisão historiográfica sob encomenda contra a ex-guerrilheira, certo clima de exaltação religiosa, ex-cães de guarda da ditaDURA mostrando os dentes, policiais infiltrados em assembleias e manifestações.

Pois vem, vem aí a nova TFP!!! Agora na mídia, o grande arco conservador. E, bem na Semana Santa, um novo cristo para os caras malharem.

04/04/2010 O arco se fechando

Ah, e tem o artigo do FHC acusando o PT de antidemocrático, de querer criar uma futura China. Estou entendendo o fantasma comunista que os conservadores estão levantando... É assim: Dilma ex-guerrilheira, portanto antidemocrática (já que estão dizendo que democrática mesmo era a ditaDURA, aliás, ditabranda), dentro de um partido autoritário e aparelhador, conduzindo as massas a um capitalismo comunista chinês, com predomínio de um partido único e antidemocrático.

Diz o rei posto: o PT se trata de “um partido cujo programa recente se descola da tradição democrática brasileira, para dizer o mínimo”.

Claro que talvez a associação do PT com a China não seja assim tão esperta e que o FHC sempre ajuda o seu inimigo quando o ataca. Mas que tem um cenário reacionário se montando tem. Com direito à caça aos comunistas fantasmas.

15/05/2010 O poder do Dunga

Vocês sabem, futebol é coisa séria. E em época de Copa do Mundo, é a coisa mais séria. Nessas épocas, é evidente que o técnico da seleção é o cara com mais poder no país: mais poder porque mobiliza a emoção de milhares de pessoas, gera preocupações, previsões, críticas, esperanças. Isso tem sido assim: o poder do Felipão, o poder do Zagallo, o poder do Parreira. Os caras concentram tanto poder que deveriam ganhar a chave do país, tipo rei Momo. Ou, sei lá, deveriam ser recebidos como um Deus estrangeiro, nosso próprio Lono, que vem e toma o poder, para, em seguida, ser derubado.

É isso, o cara tem poder porque mobiliza as emoções, mas esse poder dura muito pouco: dura a Copa do Mundo. E a imprensa, desde muito tempo, se compraz em combater esse poder fugaz dos técnicos. Quem não se lembra da pressão por Romário com o Felipão? Os poderosos técnicos têm estilos diferentes: há os populistas, os que se curvam mais facilmente, os mais teimosos, os prepotentes. É como na vida.

Há uma coisa, porém, que todos têm: a crítica da mídia. E quanto mais teimoso é o cara, mais a mídia gosta, pois gera mais polêmica e o clima de guerra vende mais. Aliás, clima de guerra explícito, principalmente nas propagandas (aquela ridícula da Brahma). Claro, há o ingrediente das eleições presidenciais (essa coincidência inoportuna), que complica a equação da mídia x treinador.

E nesses tempos de mídia histrionicamente desesperada com a possível conti-

nuidade do governo petista, as coisas ficam mais complicadas ainda. Mas, no caso do técnico, acho que os mais histriônicos têm sido os defensores de um governo de esquerda: estão vendo na reação da mídia ao Dunga uma crítica à Dilma. Acho que é uma viagem. O Dunga não “está para” o futebol como a Dilma está para a política. Ele tem um poder litúrgico, correspondente ao cargo, não tem nada a ver com a disputa eleitoral. Ele tem um poder ad hoc.

Acho meio neurose ficar defendendo o Dunga porque a mídia o identificaria com a Dilma. Parece que todo mundo está entrando no clima histriônico. Isso não é bom, definitivamente. Não quero dizer que não possa haver tais identificações na mídia (sempre tem uns malucos), mas, honestamente, isso não vai afetar a votação para presidência. Essa conversa de nacionalismo, de poder ditatorial, de “integridade do Dunga”, isso é tudo marola. Serve para esquentar o clima da Copa, e serve para a Copa.

Está parecendo clima de advogado do Dantas: criar aquela confusão geral para ninguém mais saber o que é o quê. Não confundamos coisas essenciais: a natureza do poder de Dunga é outra, não deve ser confundida com a corrida presidencial.

23/05/2010 O novo ideólogo da oposição

Marcelo Madureira, eis o nome do cara.

Parece que depois de guardar o FHC no armário, os caras convocaram o ilustre pensador.

Hoje de manhã, na GloboNews, uma imensa reportagem sobre o “abuso dos impostos”.

Bem didática, aprendi que nós pagamos mais impostos para comprar TV hoje que em 2006, quando da outra copa (ah, alguém até lembrou que havia um subsídio naquela época, mas isso é detalhe).

E quem fecha a reportagem? O infalível Marcelo Madureira, o grande entendido em Coreia do Norte, segundo o Fantástico. Reclamando que o problema era o gasto ruim do governo com tanto imposto.

Duas coisas que aprendi: 1) parece que o discurso do Serra vai ser essa história de paladino contra os impostos (e a globo está preparando o caminho) e 2) o Marcelo Madureira é o garoto propaganda predileto dos caras. Será que ele tem apoio popular? Esse negócio de humoristas desancarem o Lula (ou outros políticos) já dura muito tempo, mas quando eles passam dos programas de humor para o telejornal para fazer as críticas é bom prestar atenção.

28/07/2010

Centrismo amestrado

Ok, a gente aprendeu com o PT que política é mesmo política e sem respaldo no Congresso a coisa é feia. Que venha o PMDB, aprendemos.

Durante um tempo fomos nos acostumando a um novo PT, de centro, não mais de esquerda. Tudo passou por uma espécie de higienização centrista: política econômica conservadora (até cheguei a gostar do Palocci), alianças pragmáticas (engolimos o Sarney derrubando o Lago e os Capiperibe). Tudo em nome de um avanço gradual, apoiado nas políticas sociais (a única revolução de fato no governo). Não digo que não aprendi, digamos, o valor desse pragmatismo centrista, com o centro em uma política de distribuição de renda mais ativa. Bom, fomos amestrados nesse negócio aí: tudo pelo social, um outro diria.

Daí veio Belo Monte. Isso realmente não passa na minha garganta, pelos motivos que já expus por aqui. E o meu adestramento começou a pifar lentamente.

Bom, ontem vi o Plínio de Arruda Sampaio no R7/Record News e tomei um choque. Cara, o bom velhinho lá do alto de seus 80 anos destilando, com a maior serenidade, uma proposta de esquerda que agora eu só consigo pensar como “radical”, mas que antes do PT assumir me parecia óbvia. Aquilo me fez um bem danado: educação completamente pública, saúde também, governo colombiano é uma ditadura etc., etc. Como uma espécie de bálsamo, ou uma loção de limpeza desse centrismo amestrado no qual o PT me enfiou. Gostei daquilo, basicamente. Não vi tudo, mas se o cara for contra Belo Monte pelos motivos corretos (porque fode com os índios do Xingu) sou capaz de votar no cara.

Lembro-me do Vicente, filho dele e amigo nosso do IFCH, dizendo como o pai era, inicialmente, um cara à direita no PT (pelo vínculo com a igreja) e como, com o passar dos anos, o PT foi passando à direita e ele foi ficando no mesmo lugar: progressivamente mais à esquerda sem ter, de fato, mudado de posição política. Ficou tão à esquerda que teve que sair do partido.

Talvez o centrismo fosse um passo necessário, sei lá. Mas que ele apagou uma perspectiva mais revolucionária de transformação social, ah isso ele fez. Seria ótimo que o bloco de esquerda de verdade crescesse para um patamar mais alto de representação política (tipo uns 15%), para ao menos termos um contrapeso que descentrasse o PT desse pragmatismo entediante: tem que ter uns caras buzinando o centrão petista, chamando os caras de reacionários, para ver se eles saem do marasmo e enfrentam um pouco mais as mazelas do país (tipo, pelo menos, deixar de lambar as botas do Sarney).

07/09/2010 Liturgia da derrota

O que há de comum entre a “crise de identidade dos dekasseguis” e o William Waack no GloboNews painel?

Há um mesmo princípio argumentativo, veremos.

Antes, uma ressalva. Não voto na Dilma, voto no Plínio. Acho que o desenvolvimentismo da Dilma criou desenvolvimentistas desumanos, que acham que sacrificar a forma de vida de uns 1.000 kayapós para levar energia para o desenvolvimento da nação é plenamente justificável. Criou o exército dos pragmáticos desiludidos, os caras que são de esquerda, mas perderam a noção de justiça social. Enfim, a galera do centrismo amestrado, mas essa é outra história.

Claro, o Serra é como uma maldição das tumbas do faraó. Ninguém merece.

Quando a eleição parece decidida, os caras que empenharam sua credibilidade (?) na defesa do nosferatu tucano precisam articular uma saída honrosa. Como é que se faz? É fácil, é só fazer o que os intelectuais que estudam a identidade de grupos variados fazem quando não conseguem explicar o que acontece: jogam a culpa nos sujeitos estudados. Esses têm “identidades em crise”, “identidades incompletas”, “identidades fragmentadas”, ou qualquer identidade seguida de um adjetivo desqualificador.

Nesse GloboNews Painel do dia 4 de setembro, a discussão girava em torno do eleitorado “narcotizado” pelo sucesso econômico do governo Lula. A chamada na página da GloboNews tem a seguinte pérola, criando um novo conceito que vai pegar entre os que jogaram a reputação no colo do Serra:

“Os convidados deram uma abrangência muito maior aos processos políticos em relação à narcotização do eleitorado”.

É isso: a culpa de tudo é do eleitor, que foi narcotizado pelo Lula e não consegue ver a verdade: que não se deve eleger a Dilma.

Se o povão não vota direito, a culpa não é dos Willians Waacks da vida. É do povão narcotizado (e do narcotizador). Engraçado que quando esse mesmo povão elegeu o FHC na esteira do plano real (e do sucesso econômico gerado por ele) ninguém era narcotizado.

23/09/2010 Tiririca no poder

Olhem só: tem aí uma galera usando o Tiririca como emblema da cretinice da política brasileira, mas na verdade querem dizer da estupidez do eleitor que vota na cara.

Eu não vejo campanha eleitoral, não vi os programas do Tiririca, então falo apenas pela reação que vi na mídia (sempre alguém indignado com o fato da probabilidade do Tiririca se eleger).

Tudo bem, o cara é um palhaço (no sentido profissional da palavra). Ou um humorista, para colocá-lo numa classe mais ampla. Tem um quê de deboche. Mas deboche não é privilégio de palhaço na eleição: eleger o Sarney senador pelo Amapá não é um deboche?

O que eu acho estranho é a mídia esperneando contra a presença do Tiririca.

Vamos lá: para ser eleito, um cara precisa de algo que poderíamos chamar de “coeficiente de reconhecimento público”, ou “capital de reconhecimento eleitoral”, se quisermos ser bourdieusianos. Vamos chamar isso de “CRE”. O cara tem que ter CRE. Mesmo que isto não garanta a eleição, sem CRE é difícil para caramba. Daí as toneladas de dinheiro em promoção dos caras e também daí o embaralhamento entre política e propaganda (o político acaba virando um produto).

Ora, a mídia é quem dá CRE a torto e direito. Se um gajo fica em exposição na mídia, tem CRE potencial para virar político. Todo mundo sabe disso, a mídia sabe e abusa disso. Por isso é muito comum um trânsito entre a mídia e a política (digo entre pessoas expostas na mídia e a política).

Mas isso aí tem níveis, é claro. Se é um jornalista que entra na política, daí parece que está tudo bem. É um midiático “sério”, eu diria. Ninguém mais lembra que o Hélio Costa apresentava reportagens sinistras no Fantástico. Temos aí uma jornalista quase se elegendo senadora no RS (Ana Amélia Lemos).

Mas não são só os jornalistas. Antigamente havia um trânsito entre literatos e a política, algo que ainda acontece se o cara é fodão a ponto de aparecer na mídia. O Gabriel García Márquez é o exemplo clássico. Seria o caso no Brasil se o João Ubaldo quisesse ser senador para continuar xingando o Lula. Um cara mais debochado que eu diria que é o caso do Sarney.

Há também um trânsito entre a política e as áreas menos “sérias” da mídia, se olharmos para o mundo da música, do futebol e das artes cênicas. Se o cara tiver uma trajetória artística de respeito, parece que não há problemas: o Gil, Zico e o Pelé como ministros, o Biro-Biro, Reinaldo, Marcelinho e Oscar como políticos. A Soninha como política (tá, agora foi deboche). Temos a ascensão fulminante de um pagodeiro para senador, no caso do Netinho. E ninguém critica o cara por ser pagodeiro.

E esse trânsito não é exclusividade nacional. É coisa da mídia no mundo inteiro. Ou não é verdade que o Arnold Schwarzenegger é governador da Califórnia? Quando é que esse trânsito entre mídia e política ficou menos evidente?

Então, estamos combinados: a galera vir da mídia para a política é arroz com feijão. A pergunta agora é por que o Tiririca não pode? Por que ele é humorista e debochado? Então, consideremos: se o Jô Soares se candidatasse para o senado, a mídia considera-

ria um escracho? Ou o Chico Anysio? Ou até os branquelos do CQC, ou os humoristas da MTV? Acho que o problema não é ser humorista. Acho que no fim é porque ele é humorista e é muito “popular”, no sentido de povão. É nosso velho e conhecido preconceito de classe, que nos acostumamos a ver direcionado exclusivamente ao Lula nos últimos anos.

Não é à toa que o Lula parece um dos poucos que olha para a candidatura do Tiririca como legítima.

E por que não haveria de ser? Porque ele é um palhaço (no sentido profissional)? Mas pode jogador de basquete, ator, músico, jogador de futebol, participante de BBB?

Olha, a gente já teve o Severino Cavalcanti como presidente da Câmara dos deputados. Isso é melhor ou pior que o Tiririca no poder?

E quem garante que o Tiririca será um mau deputado? Uma coisa que a gente pode deduzir do trânsito mídia-política é que o cara que usufrui do CRE pode ser um bom político ou não, aliás como qualquer outro e como tudo na vida.

E a mídia esperneando contra o Tiririca é a mídia esperneando contra a revelação de si mesma. É porque esse tipo de candidatura evidencia como o trânsito mídia-política acontece o tempo todo, e evidencia de uma forma radical.

Bom, eu não vou votar no Tiririca, voto no PSOL, porque quero uns malas de esquerda buzinando os petistas de reacionários, para fortalecer uma oposição à esquerda. Mas que ver a câmara com um palhaço profissional vai ser interessante, ah isso vai.

22/10/2010

Transubstanciação

O noticiário político, ah o noticiário político.

Quando acabou o primeiro turno me deu uma gastura: quem aguenta mais um mês de noticiário político?

Aquele ridículo organizado da mídia é foda.

Mas essa semana as coisas ficaram divertidas, ao menos. O ridiculão é full-antropológico. A questão da mídia agora é uma questão do pensamento xamânico: transubstanciação. De alguma forma, estamos animando (dando vida) a bolinhas de papel que viram rolos de fita crepe, que novamente viram bolinhas de papel.⁵²

52 O texto se refere ao incidente no qual o candidato José Serra foi alvejado por uma bolinha de papel, mas reagiu como se tivesse sido atacado com uma bigorna. Parecia o Neymar sofrendo uma falta. Para um relato do acontecido, veja <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/2010-bolinha-de-papel-na-cabeca-de-serra-antecipa-fenomeno-das-fake-news.shtml>.

O bacana dessa animação é que todo mundo pegou o espírito da coisa e a piada rola solta no twitter. Coitado do Rojas,⁵³ que já se redimiou daquela história (ele não era treinador de goleiros do São Paulo?). #serrarojas

Mas a propriedade da bola ser rolo e do rolo ser crepe é o máximo. É o Mutano da Faber-Castell, o Ben-10 do Kalunga. Os supergêmeos das fábricas de celulose.

Como disse um blogueiro aí: “Fita Crepe é o caralho! Meu nome é bolinha de papel, porra!!!”. É a frase daquele cara, naquele filme em que favelado preto é bandido. A frase é legal: marca uma alteração de si, cujo índice é o nome. Tem uma galera aí falando de onomástica, sabe como é.

Mas a mudança para o contexto celulósico das bolinhas e fitas é interessante: é a bolinha quem ganha agência e clama por sua “identidade”.

01/11/2010 E a Dilma virou mulher

Engraçada essa GloboNews. Meses de pancadaria contra a Dilma e, de repente, depois que ela ganhou, descobrem que ela é mulher e que isso é bacana, é uma novidade etc.

Hoje teve até o Estúdio I cheio de comentaristas mulheres comentando a “novidade”. Depois dizem que isso aqui é muito diferente da Nova Guiné da Strathern. A Dilma, até sábado, era homem para a mídia de oposição (Globo, Folha e Estadão): era guerrilheira, dura, mandona. Todo discurso construindo uma Dilma masculinizada. Nunca se falava da “candidata mulher”.

Agora a reaproximação, as mãos estendidas, correm na linha da “mulher no poder”.

Engraçado ver a Waldvogel louvando a feminilidade da Dilma.

E claro que essa mídia de oposição agora precisa se despir das armas e constituir outra relação com a Dilma, senão a coisa vai ficar muito tensa. Os cães de guarda parece que ficarão no armário por um tempo. Os comentaristas de ontem na GloboNews eram de outro naipe (não vimos o diplomata tucano, o economista reformista fiscal, o historiador antilula, o sociólogo-geógrafo rancoroso): eram mais “técnicos”, falando das futuras dificuldades do governo Dilma.

Claro que tem uma galera que não deixa de babar ódio de classe: o astro rei continua lá destilando sua raiva, o ítalo-brasileiro fujão acha que se livrou do Lula, o historiador antilula ignora a vitória de Dilma. E, além disso, o próprio Serra continua destilando sua nova figuração tea party.

53 Goleiro chileno que simulou um ataque a si mesmo em 1989, num jogo entre a seleção chilena e a brasileira no Maracanã pelas eliminatórias da copa. Ele se cortou propositalmente com lâminas escondidas em suas luvas.

Que discurso pequeno o do Serra. No momento de distensão, estava cheio de metáforas belicosas: luta, trincheiras, fortaleza. Um desesperado grito de “não me esqueçam”, “ainda estou aqui”. Mas a mídia parece que quer esquecê-lo. Já aparecem por todos os lados análises dos erros da campanha e o principal erro é sempre o “estilo Serra”. Ou seja, o principal erro da campanha do Serra é, como não poderia deixar de ser, o próprio Serra. A mídia amiga vai tratar de jogar toda a culpa no próprio Serra, que vai virar vítima do seu veneno.

Engraçado ver o Merval, todo deprimido, achando piada do discurso do Serra e dando-o como morto.

31/01/2011 Working Class Hero

Vendo TV nessa transição de governos...

Descobri o deleite da mídia com a saída e o silenciamento do Lula. Várias comparações entre o estilo dele e de Dilma têm sido feitas, mas a da Waldvogel é exemplar: “pelo menos a Dilma não fala tanto”.

O preconceito de classe contra o Lula é tão intenso, e foi aumentando tanto, que a catarse se deu nesse primeiro mês do governo Dilma. Ela não é o Lula!!! Não fala errado!!! Não usa metáforas populares!!! Não é do povo!!!

Tenho sentido os jornalistas aliviados, satisfeitos e, surpreendentemente, simpáticos à Dilma apenas por não ser o Lula.

Claro, isso vai mudar com o tempo. E o Lula não vai passar quatro anos quieto.

19/10/2014 O voto nulo e o parque dos avestruzes

Depois de mais de um ano sem postar, senti uma vontade urgente de expressar uma opinião sobre o voto nulo de muitos colegas antropólogos, a partir de um pequeno post no Facebook e da discussão que se seguiu.

O meu ponto de vista é simples: não existe voto nulo no segundo turno, mesmo que você anule o voto, vote branco ou não vá votar. Qualquer ação dessas opções é um voto em alguém: em quem está na frente. É uma conta simples, que não acho necessário expor, mas o faço para ninguém dizer que não entende. Tome uma eleição, com as regras do nosso pleito, com um universo de 10 votantes. Para se eleger, é preciso 50% dos votos mais um. Num colégio eleitoral de 10 votos, são necessários 6 votos

para eleger alguém. Isso se todos os votos forem válidos. Suponha que o candidato A teve 3 votos e o B 2 votos e que 5 pessoas tenham se negado a votar, votado branco ou nulo. Nesse caso, o universo de votos válidos é de 5 votos. Seria preciso 50% mais um voto para se eleger, o que significa que o candidato A se elegeu com 3 votos. Ou seja, os votos nulos, brancos e abstenções significaram, na prática, um voto no candidato A (são os votos nulos, brancos e abstenções que efetivamente elegem o candidato A).

Nesse exemplo, quem anulou o voto, na verdade votou no candidato A. Num segundo turno como o nosso, qualquer ação é um voto num ou noutro candidato, mais especificamente, naquele que está na frente. Assim, quem defende o voto nulo não está em cima do muro, está, na prática, votando em alguém. Isso não faria diferença ao protestador se ele realmente imagina que tanto faz quem vai ganhar. Isso nos leva ao ponto central: quem defende o voto nulo deve, por coerência, acreditar que tanto faz PSDB ou PT no poder. Se você não acredita nisso e pensa em votar nulo, deveria reconsiderar o seu voto, imediatamente.

O que me parece é que os nulificadores de esquerda não querem comparar PT e PSDB: quando falamos que a educação vai ser destroçada com o PSDB, os nulistas vêm com o bordão: isso é política do medo. Terrorismo eleitoral. Ora, please, dizer que o PSDB vai ser péssimo para a educação é uma análise baseada em fatos concretos demais para se ignorar: governo FHC, governo Alckmin, governo Aécio em Minas. É uma análise razoavelmente certa dizer que a educação pública vai piorar muito. Se os nulistas acham isso mentira, deveriam contestar defendendo o Aécio, não acusando essa análise de ser “terrorismo eleitoral”. Só que eles não defendem o Aécio, pois sabem que não dá para defender PSDB no que se refere à educação. Então, aí entramos com a metáfora dos avestruzes com as cabeças enfiadas na terra: tudo para não comparar honestamente PT e PSDB.

E isso num cenário onde o Armínio promete uma inflação de 3%. Ora, sabem os nulistas antropólogos o que isso significa? Acho que sabem, mas não querem ver. Mas, ainda assim, explico: significa que os juros vão subir na casa do caralho e isso vai aumentar a dívida pública, que o câmbio vai se valorizar novamente (influxo de dinheiro especulativo em busca de juros altos), que dívida alta significa menos grana para projetos sociais (e educação pública) e que câmbio valorizado vai terminar de desindustrializar o país. Com país sem indústria forte, para onde um governo PSDB vai olhar para gerar divisas? Ora, para o agronegócio e mineração. Ou seja, um governo neoliberal reajusta o Brasil num papel econômico do século XIX: produtor de commodities. Um país com essa posição estrutural num mercado internacional significa, aqui dentro, mais pressão e opressão contra populações indígenas e quilombolas, pois esses serão vistos ainda mais radicalmente como empecilhos ao desenvolvimento. Os nulistas de hoje terão saudade do governo Dilma.

E isso não é para elogiar o governo desastroso do PT nessa área. É para mostrar que qualquer comparação ponderada aponta para um governo muito pior do PSDB

que o do PT no que tange às populações em estado de vulnerabilidade. Se você vota nulo, pode estar elegendo o Aécio e sendo conivente com esse quadro pior que virá, com certeza (e não com “terrorismo eleitoral”). É simples assim: ou o nulista é um avestruz com a cabeça enfiada na terra e não quer de fato comparar ou acredita mesmo que tanto faz um como o outro. No segundo caso, é preciso dizer que a capacidade de analisar o cenário político só pode ser muito, muito, muito limitada.

Para terminar, reforço: não há de fato voto nulo no segundo turno. Qualquer ação é um voto em alguém. O segundo turno existe para que se vote no menos ruim e eu acho que qualquer análise honesta vai perceber diferenças entre um projeto e outro, diferenças que levariam um eleitor de esquerda a votar no 13. É claro que é legítimo votar do jeito que se quiser. Mas também é legítimo questionar a razoabilidade de votar nulo nesse momento, que é o que esse post pretende fazer.

18/06/2013 A longa noite de 17 de junho

Antes de começar, é bom destacar que não tenho nenhuma pretensão de entender agora o que aconteceu ontem.⁵⁴ Não tenho e acho que poucos sabem exatamente o que significam os protestos.

Já vi várias explicações e nenhuma delas me convenceu completamente, embora nenhuma estivesse completamente equivocada (com exceção das explicações na mídia, claro). Um protesto contra a precariedade do transporte público, uma fadiga do modelo de desenvolvimento petista, uma reação ao conservadorismo cultural desses últimos anos, uma reação ao consumismo radical dos últimos anos etc. etc.

É tudo isso, com certeza, mas é algo mais que não consigo identificar. Um saco cheio geral. Um protesto abertamente não partidário, mas eivado de posições partidárias. Um coletivo de insatisfações imprecisas, um protesto contra os gastos públicos na copa. É também isso tudo, mas é algo mais, que não sei o que é.

Olhando para uma pesquisa do Datafolha (não que eu acredite piamente nela, mas é alguma informação), vemos que a maioria dos revoltosos tem curso superior (77%?) e 53% têm menos de 25 anos. É um protesto predominantemente de classe média, parece. Será que é mesmo?

Essas coisas que afligem o movimento deveriam também despertar a voz de quem não tem curso superior, imagino. Por que eles não estão lá? Um pessimismo constante

⁵⁴ O texto trata do que ficou conhecido como “jornadas de junho” de 2013, uma série de protestos populares disparados pelo aumento da tarifa de ônibus em São Paulo. Para uma análise e descrição, veja <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>.

me faz ver algo que o triunfalismo dos revoltosos talvez deixe fora de foco: uma revolta como essa é muito abertamente contra um tipo de organização da experiência, aquela do consumo como modo de vida (e de política) e é um alvo legítimo, ok. Mas, ao mesmo tempo, o modelo em fadiga, segundo meu amigo Ruy, produziu uma inclusão de gente que estava fora do mundo do consumo. E parece que essas pessoas não estão interessadas em criticar esse modelo de vida. Eles acabaram de chegar... Não é por menos que a grande medida mais recente do governo Dilma foi dar mais grana para consumo das famílias que compraram as casas do Minha Casa Minha Vida: para manter a entrada nesse novo mundo. E o que se precisa reconhecer é que isso funciona. O governo continua com muita aprovação.

Qual o efeito dessas manifestações no jogo sujo da política atual? Difícil saber, mas algo líquido e certo é que a percepção das manifestações será lentamente transformada por uma leitura conservadora dos meios de comunicação (alguém leu o constrangedor artigo do Jabor de hoje no Estadão?). Daqui um tempo, possivelmente serão lidas como um protesto contra o governo Dilma. Ou seja, os fdps de sempre tentarão dar um gato nesse sentimento difuso das ruas e enfiá-lo na goela do PT. (Aliás, bem feito, quem mandou virar um governo reacionário, atropelando todos os movimentos sociais, matando índio, apostando no consumo como redenção?). Por outro lado, algumas lideranças serão lançadas ao jogo político formal, provavelmente (alguém lembra de como o Lindbergh Farias fez carreira a partir do movimento cara-pintada?).

Mas não acho que se mudará o mecanismo que legitima a pax petista entre os que sustentam o voto nesse modelo em fadiga. Na verdade, a inflação pode corroer muito mais essa sustentação que qualquer outra coisa. E um modelo que pressupõe consumo, mas não tem produtividade suficiente para sustentá-lo, só pode terminar em inflação, vamos combinar. É por isso que quando a Dilma procura saídas, só acha duas: subsídios ao consumo e apoio ao agronegócio (é isso que permitiu que um eleitor do PT ganhasse de brinde a Kátia Abreu e o Blairo Maggi no colo da Dilma).

Mas se a coisa não descambar, difícil que o movimento de protesto atual implique numa grande transformação. Ou não? O que seria exatamente um descambar? Talvez uma continuidade sem precedentes da revolta force as tarifas para baixo e resulte em transformações urbanas para melhorar a mobilidade, talvez isso resulte num desestímulo à produção de automóveis (talvez não). Talvez o movimento se espalhe pela população mais pobre, que, além de comida, passe a querer mais (diversão, balé, saúde, educação). Talvez isso fortaleça alguns políticos e enfraqueça outros. Talvez o Aécio ganhe votos, talvez a Marina, talvez vejamos o Lula de volta.

De qualquer forma, um grande mérito ninguém tira do que aconteceu nos últimos dias: está todo mundo pensando sobre a situação presente e aquela atrofia e marasmo críticos estão sendo desestabilizados. Isso é um grande feito. Além disso, de lambuja, todo mundo agora reconhece que não dá para ter uma polícia de ditadura militar num

regime democrático. Há que mudar muito na polícia. Isso só já é algo espetacular, pois pode resultar justamente numa melhoria para quem não estava no protesto (os caras da periferia que sempre tomam as borrachadas da polícia).

Enfim, para mim, as fichas ainda estão caindo. Há mais para se dizer, mas não tenho certeza.

11/11/2012 Sobre mimados, urubus e repressão

Assistimos às consequências da grande estupidez que é colocar a PM no campus (seja ele qual for).

Vamos combinar: para os caras da PM, o aluno fumando maconha e o cara roubando o carro são a mesma coisa. Acrescida de um certo prazer mórbido em dar borrachada em garotos “mimados”.

Vamos combinar: PM prendendo aluno fumando maconha não diminui em nada a violência do campus. Mas se você coloca a PM no campus, é só isso que ela vai fazer: com um protocolo de revistar, achar e considerar todo aluno um maconheiro mimado.

Vamos combinar: se um reitor põe para dentro a PM, não é para “diminuir a violência no campus”, porque ele sabe (como todos sabem) que a polícia só vai aproveitar para borrachar os alunos. Portanto, o motivo só pode ser o óbvio: o reitor quer achar os alunos. Criar o clima de repressão básico.

Então, vamos combinar: lutar para que a PM saia do campus é uma luta digna, em favor da democracia e contra a repressão política. A repressão policial aqui é só a parte visível de uma política repressiva, que tem no Rodas⁵⁵ a cara evidente.

Mas vamos combinar: quem colocou o Rodas lá, numa eleição que ele perdeu, foi o Serra. Portanto, essa política de repressão tem só um nome: Serra.

E todas as manifestações na mídia de prazer incontido com a polícia descendo a borracha nos alunos (os mimados do Dimenstein e cia.) são só uma expressão da política de repressão que a direita conservadora paulista está espalhando.

Não é à toa que o alvo é a FFLCH, principalmente. Quando os jornais falam dos alunos, tendem a dizer que há alunos do “bem”, que não são favoráveis aos alunos do “mal” (da FFLCH): são os da administração, em geral. É a FFLCH, com todas as demais faculdades, centros, departamentos de ciências humanas no Brasil, que forma intelectuais críticos. Também forma conservadores, mas não o suficiente para a direita paulista ficar tranquila.

55 João Grandino Rodas, então reitor da USP.

Então, vamos combinar: a polícia está no campus da USP para calar a FFLCH, não para trazer segurança para ninguém.

Alguém em sã consciência pode dizer que 80 viaturas de polícia para lidar com 70 alunos é sinal de segurança?

Não entro no mérito ou não da invasão da reitoria. Talvez não tenha sido a melhor estratégia política. Mas o mérito da reivindicação é incontestável: fora PM!!!

E antes que me venham com a história da maconha, vamos combinar: essa galera que enche o peito para recriminar os “mimados” cansou de fumar maconha na graduação. Um deles, da Folha, inclusive, estudou comigo... Prender aluno fumando maconha não diminui violência, bem como prender pessoas fumando maconha em qualquer lugar.

A PM é um instrumento político de repressão na USP, empurrada por avaliações políticas de que o público em geral se delicia com o gozo geral da borrachada nos alunos.

A mídia se apropria disso como um ataque à universidade pública. Você sabe, se os alunos são mimados, querem o campus só para fumar maconha, por que o Estado vai bancar essa farra?

Então vamos combinar para terminar: a USP tem um reitor cuja principal função é preparar um movimento para privatizar de alguma forma a própria USP. Aprofundar os esquemas das fundações, cobrar mensalidades, voltar a fazer o público da USP ser o que se espera: os filhos da elite paulistana (pagando caro por isso).

Pois, você sabe: o problema com a distribuição de renda é que muita gente entra na USP sem ser da elite, principalmente na FFLCH. E essa galera pode ser crítica demais e um empecilho às políticas de ataque à universidade pública. Os caras querem reencastelar a USP mesmo que tenham que pagar por isso.

A polícia no campus é uma forma de liquidar a oposição à privatização branca de antemão.

Se você caiu na conversa dos mimados, está sendo tremendamente ingênuo: quem é chamado de mimado aqui é justamente quem pode resistir a um verdadeiro processo de colocação de mimados na USP. Os filhos dos que agora babam de ferocidade contra os maconheiros da FFLCH.

Portanto, a conclusão só pode ser uma: PM fora do campus, já!!!

21/10/2011

O mundo bombando

Tanta coisa acontecendo por aí e essa preguiça para escrever. Tenho escrito demais na outra vida (acadêmica), e acho que isso me esgotou.

Agora era hora de escrever sobre a incrível transição do capital, que estamos presenciando com os olhos vivos, aqui na sua frente. O capital se concentra, a gente sabe desde Marx. O capital vai se esgotar e o sistema vai desmoronar, a gente também sabe desde Marx (mas, na boa, que sistema, império, poder etc. que não desmoronou? Tudo vai acabar, eventualmente).

A Europa em frangalhos economicamente, mas os sintomas mesmo são sociais: os protestos em Londres, o terrorista de direita na Noruega assassinando os jovens do partido do governo, as ruas da Grécia em chamas com protestos (ontem um manifestante foi morto). Nos EUA, crise de emprego, o movimento “fora Wall Street” bombando. Isso é um arco de sinais de uma mudança radical: o capital está em transição, agora é hora de continuar a roda onde há lenha para queimar: BRICS.

O primeiro mundo está esgotado para os grandes movimentos do capital. Tem gente achando que é o fim do capitalismo, mas só um esquerdista primeiro-mundista pode realmente achar isso. Ainda não é o fim, é só um reposicionamento. Depois ainda tem a África para corroer. O engraçado é que o que mais o capitalismo precisa, nesse momento, é de um estado forte, realmente forte! China, Brasil, Rússia... Onde o Estado não é realmente forte está todo mundo gritando.

Ou será que não?

E a primavera árabe bombando literalmente, com a OTAN no meio, com tanta coisa no meio que ninguém sabe o que vai acontecer. No Egito, os cristãos coptas têm sido atacados por muçumanos. São tempos cruciais. Do tipo que vai produzir centenas de milhares de interpretações nos futuros historiadores. E você, tem noção disso?

PARTE 7

OSUŠ

сушануо

Lá fora,

todo mundo é uma ilha

**14/04/2020 A COVID-19 e
a opinião de tudo**

Todo mundo tem alguma coisa para dizer sobre a COVID-19, doença causada pelo coronavírus, responsável por essa pandemia que vivemos em 2020. Escrevo bem no meio dela, quando políticos lunáticos insistem em flexibilizar a quarentena, considerando até a possibilidade de uma grande conspiração do mal para derrubar A economia. Ah, esses comunistas são mesmo do mal. Ou o seu contrário.

Mas eu não tenho nada para dizer sobre a COVID, ainda. Talvez daqui a uns 5 anos, quando olhar para trás, eu tenha algo para dizer. Ou talvez não. Quando escrevi sobre as jornadas de junho de 2013, eu tinha clareza que não sabia o que era aquilo. Hoje, 7 anos depois, continuo não sabendo, mesmo tendo lido todo tipo de análise (que era um golpe da direita, que era um movimento puro e fraternal, que eram uns doidos etc.).

Mas nós cientistas sociais não vamos perder a chance de falar alguma coisa, certo? Em todo lugar temos opiniões: o Zizek, esse mala, acha até que o vírus é revolucionário. No outro extremo, já estamos todos numa distopia orwelliana típica: todos seremos dominados por uma sociedade de controle absoluto (como afirma Agamben, falando de uma “suposta” epidemia da COVID-19).

A rapidez, em ciências sociais, é sempre um risco. É um risco que os jornalistas e colunistas de opinião correm o tempo todo, mas é da profissão deles. É inerente ao trabalho. Mas é um risco que nós não podemos assumir enquanto cientistas sociais. A gente faz pesquisa a sério, não é para ficar chutando uma opinião só para ter uma opinião. Ou, vá lá, façamos isso assumindo que escrevemos como comentaristas aleatórios, e não como cientistas sociais.

O que se pensa de um intelectual tão sério quanto o Agamben quando o cara começa o artigo falando em “suposta epidemia”? Na boa, parece o Olavo de Carvalho. O

Zizek falando que o vírus pode nos levar a pensar numa sociedade pós-estado nacional me parece uma análise nível 9.5 de polianismo.

A minha sensação é que a ânsia da mídia e sociedade por análises e leituras desse momento traumático estimulam os cientistas sociais a falarem imediatamente. Mas deveríamos mesmo falar tão rapidamente? Eu não sei. Acho que no fim, quando os cientistas sociais (e filósofos, psicanalistas etc.) falam tão rápido sobre algo tão grande e inesperado como essa pandemia, falam mais de si mesmos do que do mundo lá fora. Vamos poder, ao menos, fazer uma boa historiografia dos cientistas sociais que expõem suas vísceras assim tão impudentemente.

14/04/2020 O que nos conta uma quarentena?

1) Na quarentena, a coisa mais importante da sua vida é uma máquina de lavar louça. Ela não pode faltar, não pode falhar e ela te fala sobre muita coisa.

A minha fala sobre como temos um certo equilíbrio não planejado (mas atestado pela vida na prática) no nosso conjunto de louças. As minhas louças são uma espécie de narrativa etnográfica da forma de vida da casa, com minha esposa e nossos dois filhos. Veja, temos 8 pratos e 8 pratinhos de café da manhã. Esse era nosso equilíbrio natural, digamos. Mas agora, com todo mundo dentro de casa o tempo todo por conta da quarentena, essa louça não é suficiente: está sempre faltando um prato, que ainda está na louça suja ou dentro da máquina de lavar. Mas se eu espero para encher a máquina de lavar, falta prato na janta, ou no almoço, já que eles vão sendo usados num ritmo acelerado. Daí que tive que aprender a colocar a máquina de lavar louça para funcionar mesmo não cheia.

Essa história me permite analisar que a minha “louçaria” é funcional para uma família cujos pais trabalham e muitas vezes não comem em casa, em que os filhos frequentemente almoçam fora, enfim, uma casa onde o ritmo de uso da louça nos diz algo sobre a estrutura social da família, por assim dizer. E agora, pasmem, com o uso intenso, começa a acontecer de os pratos e pratinhos irem se quebrando mais rapidamente, claro. Já já teremos que renovar o estoque das louças. Ainda bem que tem compra online. O equilíbrio de louças é diferente na quarentena, assim como a vida é diferente na quarentena.

2) A quarentena também nos conta que as coisas quebram. É o mesmo princípio das louças que vão se quebrando: usamos mais, quebra mais rápido. Mas não é só isso, há também uma conspiração malévola dos deuses da rotina da casa que se manifesta

na quebradeira geral. Acho que esses deuses estão incomodados com a nossa presença em casa o tempo todo.

Começamos com a espetacular quebra do celular do meu filho mais velho, um adolescente de 16 anos agora. É o Cassiel, que acompanhamos em outros posts-capítulos deste livro. Vocês podem, honestamente, imaginar o pânico de um garoto de 16 ao se imaginar sem celular na quarentena? Sem usar o WhatsApp, o Instagram, o Twitter e tudo o mais? Ah, o puro desespero naqueles olhos atormentados. A Amazon e o parcelamento nos salvaram.

Depois, assim, sem aviso, é o meu chuveiro que quebra. Quarentena sem água quente? Por sorte, havia outro chuveiro escanteado em algum lugar, e consegui pô-lo para funcionar. Durante uma tarde ficamos sem internet. Quase rolou uma revolta armada aqui em casa, pois, por algum motivo, eu virei sinônimo e personificação da internet. Quando ela cai, imediatamente vem o protesto: Pai, a internet!!! Como se eu pudesse resolver magicamente esse negócio, além de ficar 3 horas no call center da empresa responsável que nunca resolve nada. E o fantasma das coisas pequenas também vai aprontando: aquele cabo de carregar o celular que arrebenta, a rodinha da gaveta que entorta, o termômetro digital que quebra, o balde que racha.

Então, quando começar uma quarentena, saiba: as coisas vão se rebelar contra a sua presença excessiva.

3) A quarentena nos conta também que nosso medo vai se reorganizando. No começo da quarentena é aquilo: não podemos ficar perto de outras pessoas. Vamos evitar aglomerações, ok? Então o medo vai se localizando nas pessoas que podem te deixar doente. Aí as coisas vão avançando: o elevador ganha centralidade (moro num prédio). O que fazer se um vizinho mala quiser entrar e dividir o elevador com você? Não entre em pânico, aprendi a melhor técnica: eu digo de cara que estou supergripado. O vizinho foge da porta do elevador como os duendes malvados escondem suas pequenas coisas dentro de casa. Ele simplesmente some.

Mas o pânico vai ficando mais elaborado e mais etéreo. Depois que você vê no celular uma das 32 simulações de como uma nuvem de gotículas se espalha depois de um espirro (e por quanto tempo ela dura no ar), você passa a ter medo das pessoas no passado. Afinal, elas podem ter te deixado uma nuvem de gotículas criminosas. Aí, meu amigo, o elevador vira uma pocilga fantasmagórica: e se alguém espirrou dentro dessa merda há três dias? Já entramos com medo, máscara e nojo. Então é isso, a quarentena vai sofisticando os medos. No começo as pessoas, depois apenas os espectros das pessoas nas suas nuvens de gotículas.

14/04/2020 Memes e nossa vida simbólica

Eu parei de escrever para o blog há uns três anos (escrevo essas linhas na quarentena de 2020). De lá para cá tudo mudou e nada mudou, como sempre. Mas uma pequena coisa da vida digital mudou drasticamente: os memes. Se você lê essas palavras e não sabe o que é um meme, é porque não tem nenhuma vida digital, ou está vivendo 100 anos no meu futuro e tem uma vida tão diferente que isso não faz sentido.

Um meme é uma imagem com algumas coisas engraçadinhas escritas, ou um pequeno vídeo que dura poucos segundos, com algo escrito também, às vezes só o som. Os memes são compartilhados nas redes sociais: você manda para os amigos, suas listas de WhatsApp ficam entulhadas de memes. Eles são a forma de comunicação contemporânea. Servem para te fazer rir, mas também são críticas sociais específicas: servem para desmoralizar pessoas, ideias, e, ao mesmo tempo, para valorizar pessoas e ideias.

A eleição de 2018, por exemplo, parece ter sido decidida no meme a meme. Os memes têm centralidade simbólica. São como pequenas bombas de significado, com efeitos políticos rastreáveis. Eles produzem estados de espírito, produzem indignação, enganam, te fazem de otário sem você saber. Eles são incontornáveis atualmente. Essa é uma quarentena dos memes. Daqui a alguns anos, o que vai marcar essa quarentena? Provavelmente é o meme do caixão. Esse meme mostra os dançarinos ganeses “pallbearers” dançando com um caixão nos ombros. É uma profissão por lá, os caras ganham a vida dançando com caixões em enterros, são contratados para isso.

Aqui no Brasil ele se alastrou muito mais rápido que a COVID-19, como uma crítica aos negacionistas do vírus (aqueles idiotas que acham que não existe vírus e que tudo é uma conspiração dos esquerdistas). A prefeitura de Poços de Caldas, onde nasci, até usou a imagem do meme para fazer um outdoor pedindo para as pessoas que fiquem em casa.

Mas ontem, numa dessas manifestações dos revoltados geriátricos ricos fascistas, as coisas ficaram mais complicadas. Os caras, durante a manifestação pró-vírus, simularam o meme, usando a mesma música e um caixão de papelão em tamanho real. Esses ignóbeis usaram o meme para dar sentido a uma passeata contra a quarentena: do tipo, vamos celebrar a morte mesmo, foda-se. Acho que era isso, pois não se imagina que essa galera consiga articular qualquer raciocínio lógico, então a gente supõe. Mas, no fundo, como não são capazes de pensar, apenas se utilizaram do meme pelo seu poder simbólico de “contágio”, digamos, e não pelo que significou quando circulou nas redes sociais por aqui. Isso prova tanto o poder dos memes no nosso mundo real/digital contemporâneo como a burrice histriônica dos fascistas riquinhos revoltados.

14/04/2020 Lá fora, todo mundo é uma ilha

Como dizia a música daquela galera lá do Sul: lá fora, todo mundo é uma ilha. A milhas e milhas de qualquer lugar.

Na quarentena da COVID 19, cada casa é uma ilha, e todo mundo lá fora também. Mas dentro de casa também vamos criando nossas ilhas. E, no universo da COVID, com todo mundo se esbarrando o tempo todo, a estratégia de isolamento é inescapável.

Eu sempre trabalhei muito em casa, então minha ilha já está constituída, bem organizadinha aqui no meu escritório. Minhas telas de computador, meus óculos para 30 cm de distância, meus ventiladores. Trabalhando aqui, é como se estivesse em outro lugar. Meu filho mais novo, que é um gamer comprometido, lutou muito para fazer a ilha dele: um computador individual (depois de muitas negociações, de ele montar o próprio computador etc.) e sua mesa no quarto. E junto, colocou o teclado ao lado, portanto jogando e tocando no mesmo lugar. É uma ilha de muitas horas no dia.

O mais velho estudava num quartinho de bagunças que transformamos em um miniescritório (não tem mesa no quarto dele). Mas ele não consegue ficar muito tempo ali naquela caverninha. Então ele ocupou a mesa que fica na sala, fazendo a ilha dele ali, quando estuda e vê as aulas online. Separou o trabalho do lazer: no quarto dele, joga e fica horas no celular, assiste às séries. Criou um arquipélago de duas ilhas. Outras estratégias para enfrentar a monotonia da quarentena.

Já minha esposa, que nunca conseguiu trabalhar em casa, para quem ficar em casa tanto tempo é um suplício sem tamanho, criou uma mini-ilha portátil. Ela tem uma mesinha portátil de computador (que abre e fecha e, quando fechada, parece uma bandeja). Com a mesinha vem tudo que ela precisa para trabalhar (notebook, caderno de anotações, livros etc.) e assim ela circula pela casa. No sofá do quarto, no sofá da sala, na mesa da varanda. Vai circulando, tentando criar ambientes diferentes.

Na quarentena, somos todos pequenas ilhas e criamos estratégias para nos sentir a milhas e milhas de qualquer lugar.

(Claro, falo aqui de uma experiência de classe média. Tudo é muito diferente se o espaço é menor ou mesmo muito menor. Imagine que para virar ilhas em contextos menos favoráveis é preciso muito mais disciplina e imaginação.)

14/04/2020 **Minha casa é outra casa**

Num romance do China Miéville (*A cidade e a cidade*), as pessoas que moram na mesma cidade estão, na verdade, em duas cidades diferentes. É o mesmo espaço e são cidades diferentes. Mas é preciso passaportes para passar de uma cidade a outra, no mesmo lugar. Enquanto isso, estando em uma delas, é preciso aprender a “desver” a outra cidade, que divide o mesmo espaço.

É um grande romance, muito bom. Sinto-me meio Tyador Borlú (o personagem principal do livro, que fica passando de uma cidade a outra e vendo e desvendo tudo) durante a quarentena. Porque a minha casa é e não é a minha casa. É minha casa como espaço físico que habito há 6 anos. Mas ela é a casa como a habitei até aqui, é assim que a reconheço. Mas agora, com a quarentena, eu a habito de uma forma diferente. Ela virou quase outra casa. Não, ela virou outra casa efetivamente.

Assim, a surpresa da quarentena é habitar uma outra casa que não é a minha. Onde passo tempo em lugares diferentes, onde faço coisas de forma completamente diferente. Eu a ocupo (todos nós aqui em casa) de uma forma diferente. Então, há duas casas na minha casa: a casa da rotina da vida antiga e a nova casa da quarentena. Em alguns momentos elas se sobrepõem, e eu vejo e desvejo a casa antiga. Depois ela some na nova forma de habitar. E a nova forma, por ser intensa, vai se transformando. Talvez, quando sairmos da quarentena, eu tenha várias casas no mesmo lugar.

Este livro foi desenvolvido em 2020
pela Áporo Editorial em suporte digital.
